

**DENISE DE FÁTIMA DO AMARAL TEIXEIRA BASMAGE**

**A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ADOLESCENTE E AS  
APROPRIAÇÕES DA INTERNET : UMA ANÁLISE  
HISTÓRICO-CULTURAL**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO  
Campo Grande - MS  
2010**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Basmage, Denise de Fátima do Amaral Teixeira  
A constituição do sujeito adolescente e as apropriações da internet : uma  
análise histórico- cultural / Basmage, Denise de Fátima do Amaral Teixeira -  
Campo Grande, 2010. 151 f. 30 cm

Orientadora: Sônia da Cunha Urt.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.  
Centro de Ciências Humanas e Sociais.

I. Adolescência. Psicologia Histórico-Cultural. Internet. I. Urt, Sônia da  
Cunha. II. Título.

**DENISE DE FÁTIMA DO AMARAL TEIXEIRA BASMAGE**

**A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ADOLESCENTE E AS  
APROPRIAÇÕES DA INTERNET : UMA ANÁLISE  
HISTÓRICO- CULTURAL**

Dissertação apresentada à Comissão Julgadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como exigência final para a obtenção do título de mestre em educação, sob a orientação da Professora Doutora Sônia da Cunha Urt.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO  
Campo Grande - MS  
2010**

## **COMISSÃO JULGADORA**

---

Profª Drª Sônia da Cunha Urt

---

Profª. Drª. Ana Mercedes Bahia Bock

---

Profª Drª Ruth Pavan

---

Profª. Drª. Jacira Helena do Valle Pereira

Ao meu esposo, Edgar pelo imprescível  
amparo, incentivo e afeto.

Ao nosso filho, João Pedro pela compreensão  
da minha ausência e pelo seu carinho.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, essência de tudo o que existe, pela inspiração, esperança e força para a concretização de nossas conquistas.

Aos meus familiares, por acreditarem em mim e por me apoiarem nos momentos difíceis.

Ao meu sogro João Miguel Basmage (*In Memoriam*), por seu exemplo e pelo incentivo aos meus estudos como modo de progredir profissionalmente.

À professora Dr<sup>a</sup> Sônia da Cunha Urt, pela oportunidade de ingresso no grupo GEPPE (Grupo de Estudos em Psicologia e Educação), em 2005. Por ter confiado em mim, pelo acompanhamento na minha trajetória acadêmica, pelos seus ensinamentos, pelo investimento, dedicação e pela sua orientação proporcionada para minha formação acadêmica e atuação profissional.

Às professoras Dr<sup>a</sup> Ana Mercedes Bahia Bock, Dr<sup>a</sup> Ruth Pavan e Dr<sup>a</sup> Jacira Helena do Valle Pereira, cujas contribuições foram fundamentais para a elaboração deste trabalho.

Aos professores e colegas da Linha de Pesquisa Educação, Psicologia e Prática Docente, por terem proporcionado momentos de crescimento e trocas compartilhadas necessárias a construção do conhecimento. Especialmente as colegas Anízia, Elisa Cléa e Rosana Sandri.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pelos conteúdos ensinados para indicar os caminhos teórico-metodológicos na construção da pesquisa.

À Regina Baruki, minhas considerações especiais pelo apoio e pela amizade a mim dispensados.

À Colega Janete por todo apoio e disponibilidade.

Ao Eder, Flávia, Joelci, Erlinda, Márcia, Milton, Maria Alice, Rosane Kasai, Catarina, Eliane, Norma e Vivina. À Lícia, um agradecimento especial pelos subsídios propiciados.

Aos colegas do Colégio Salesiano Dom Bosco, pelo apoio. Aos professores Hélio e Rosana, pelo valioso auxílio. Um agradecimento aos diretores Pe. Elias

Roberto e Pe. Ricardo Carlos, por me acolherem e pela oportunidade de conciliar o trabalho com o curso de Mestrado.

Aos adolescentes entrevistados, sem os quais não seria possível a realização deste trabalho, pelos seus ensinamentos.

À amiga Marli Moretinni, por seu inestimável incentivo, carinho e confiança em mim depositada.

À Célia Beatriz Piatti, pela escuta, pela amizade, pelo estímulo nos momentos de desânimo, pela colaboração constante e por seu precioso apoio durante todo esse processo.

Tenho de escrever é tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto - e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo de cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras - quais? talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo.

Clarice Lispector

## RESUMO

A presente pesquisa objetivou investigar a constituição do sujeito adolescente ao se apropriar da internet em seu cotidiano. O referencial teórico adotado foi a abordagem Histórico-cultural da Psicologia representada por Vigotski e seus seguidores. Fez-se também interlocução com Ciampa (1987), para entender a construção da identidade, com Heller (2008), em relação à teoria do cotidiano, com Castells (2003), Freitas (2005) e Kenski (2003, 2007), autores que focalizaram estudos relativos ao uso da internet e suas implicações na constituição do sujeito. Como procedimento, utilizaram-se as entrevistas semi-estruturadas sobre temáticas da vida familiar, vida escolar, o uso da internet e o cotidiano desses jovens. A pesquisa foi realizada com 23 adolescentes, alunos de uma escola da rede particular de ensino e de escolas da rede pública de Campo Grande /MS. Revelou, ainda, que a rede também propicia a ampliação do relacionamento entre os pares e que os adolescentes preferem o relacionamento presencial de namoro ou amizade ao virtual. A Psicologia Histórico-cultural surge como uma forma de conceber o sujeito como um ser concreto, inserido e expresso em seu contexto histórico. Portanto, o estudo revelou que a internet tem ocupado lugar central na vida dos adolescentes e apresenta-se como um instrumento de que os adolescentes se apropriam e utilizam para interagir com seus pares, imprimindo assim suas marcas na identidade e na formação desse sujeito. É preciso que a escola esteja articulada e atenta a esses novos elementos presentes nessa dimensão adolescente.

**Palavras chave:** Adolescência. Psicologia Histórico-Cultural. Internet.

## **ABSTRACT**

The objective of the research was to investigate the constitution of adolescents as they appropriate the internet in their everyday life. The theoretical approach adopted was Cultural-Historical Psychology, represented by Vigotski and his followers. The research included the works by Ciampa (1987), regarding how identity is constructed, Heller (2008), in relation to his theory of everyday life, Castells (2003), Freitas (2005) and Kenski (2003, 2007), whose studies focus on the use of the internet and its implications on the constitution of the subject. The procedure adopted was semi-structured interviews on themes related to the adolescents' family life, school activities, use of the internet and everyday life. Twenty-three adolescents were interviewed. They are students in one private school and in some public schools in the city of Campo Grande/MS. The study revealed that the internet favors enhancing the relationship among young people, and that the adolescents prefer dating and being with friends to virtual relationships. Cultural-Historical Psychology provides a way to conceive the subject as a concrete being, inserted and expressed in their historical context. Therefore the study also revealed that internet has played a central role in their lives and is a tool appropriated and used by adolescents to interact with their peers, thus influencing their identity and their formation. Schools must be articulated and aware of these new elements present in the adolescent dimension.

Keywords: Adolescence. Cultural-Historical Psychology. Internet.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO I - APONTAMENTOS SOBRE A ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE</b> .....	14
1.1 Pontuações sobre a concepção de adolescência e juventude.....	14
1.2 Retratos da tematização social da juventude no Brasil.....	19
1.3 A sociedade de consumo, a virtualidade e a adolescência.....	30
<b>CAPÍTULO II - PILARES BÁSICOS DA ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL</b> .....	36
2.1 Conceitos centrais da teoria histórico-cultural e a adolescência.....	36
2.2 A categoria atividade e a adolescência.....	54
2.3 A constituição do sujeito adolescente e a abordagem histórico-cultural.....	56
<b>CAPÍTULO III - ADOLESCÊNCIA, COTIDIANO E ESCOLA: EM TEMPOS DE INTERNET</b> .....	62
3.1 Adolescência, cultura e cotidianidade.....	62
3.2 A adolescência e a identidade.....	64
3.3 Marcas na trajetória do adolescente: diários, <i>blogs</i> , memórias.....	68
3.4 Novos modos de interação no espaço virtual.....	73
3.5 Professores, adolescentes e o virtual: algumas reflexões.....	76
<b>CAPÍTULO IV - O SUJEITO ADOLESCENTE: ACHADOS DA PESQUISA</b> .....	82
4.1 Os pressupostos metodológicos.....	82
4.2 Procedimentos metodológicos.....	85
4.3 Quem são os atores dessa trama.....	86
4.4 Descrição e análise dos dados.....	86
4.4.1 Adolescência.....	87
4.4.2 Concepção de Jovens.....	89
4.4.3 Adolescência, Internet lazer e entretenimento.....	93

4.4.4	Relacionamentos virtuais x presenciais .....	104
4.4.5	Mudanças .....	106
4.4.6	Atividade de estudo .....	110
4.4.7	Concepção de escola.....	114
4.4.8	Mudança na escola com a presença do computador .....	115
4.4.9	Utilização do computador na escola e fora dela .....	118
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	123
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	127
	<b>GLOSSÁRIO</b> .....	136
	<b>APÊNDICES</b> .....	140
	<b>ANEXO</b> .....	145

## INTRODUÇÃO

Nesse trabalho me proponho um estudo acerca do sujeito adolescente. O interesse por tal temática se deve a minha trajetória pessoal e profissional.

Iniciei o curso de Educação Física na Universidade de Caxias do Sul/RS, concluindo em 1991. Posteriormente ingressei no curso de Psicologia na FUCMT, em Campo Grande/MS e em 1992 matriculei-me no curso de pós-graduação em “Estudos disciplinares de trânsito no Ensino Superior” e conclui em 1994. Para agregar novos conhecimentos e atualização profissional, participei de congressos, cursos, palestras e seminários, entre outros.

Atuei na área clínica desde o ano de 1993 até o ano 2000. Em 2000 fui convidada para atuar como professora em uma escola da rede particular de ensino na disciplina de Filosofia em um projeto específico para as turmas de 5ª a 8 séries e para o 1º ano do Ensino Médio. O trabalho com a Filosofia envolvia todas as questões relacionadas à adolescência, tais como valores, autoestima, autoconhecimento, drogas, sexualidade.

No início, foi difícil enfrentar a complexidade de uma sala de aula, mas a colaboração dos colegas e a credibilidade da direção da Escola fizeram um grande diferencial para o meu desempenho. Percebia nos alunos um grande desejo de se expressarem, de compartilharem suas vivências. Posso dizer que foi um grande aprendizado e uma grande experiência.

Na perspectiva de atuar em minha área, tive a oportunidade de mudar de função, passei a ser Orientadora Educacional, em outra escola da rede particular de ensino no Ensino Fundamental II (7ª e 8ª séries). Minhas atividades como Orientadora Educacional se estenderam do ano de 2001 até 2007. Faziam parte de minhas atribuições diárias orientar e acompanhar o desempenho dos alunos no processo ensino-aprendizagem e encaminhá-los às Oficinas de Aprendizagem (reforço escolar). Outras atividades também eram desenvolvidas tais como: acompanhamento de alunos a viagens, palestras de formação, atendimento aos pais e professores e encaminhamento de alunos, sempre que necessário, a outros profissionais da área da saúde, tais como psicopedagogos e psicólogos.

Particpei de outro Projeto chamado “Questões Adolescentes”. O grupo era formado por adolescentes que tinham interesse em participar espontaneamente e por

outros que apresentavam um grande índice de notas abaixo da média, esses eram encaminhados pela orientadora. Os encontros aconteciam uma vez por semana; neles discutíamos vários assuntos relacionados à adolescência e a seus interesses.

Na minha prática, inicialmente, muitas foram as dificuldades encontradas devido à complexidade do ambiente escolar e da função do orientador educacional, mas a Psicologia pôde contribuir para uma melhor compreensão desses fenômenos educativos. Por meio das interações cotidianas, passei a me identificar com o trabalho junto aos adolescentes, a descobrir seus anseios. Constatei que neste grupo há enorme cumplicidade. Acredito que essas trocas foram fundamentais para o crescimento pessoal. Posso dizer que orientei e ensinei, mas em contrapartida aprendi muito.

O fato de acreditar na educação como um processo inacabado, no qual só crescemos como profissionais quando investimos na nossa formação, suscitou em mim o desejo de ampliar meus conhecimentos. Movida por inquietações, busquei um referencial de estudo com o qual pudesse aliar a Educação e a Psicologia para compreender melhor essas questões. Para tanto, ingressei no Grupo de Estudo e Pesquisas em Psicologia e Educação (GEPPE) no ano de 2005. Esse grupo contempla estudos na interface Psicologia e Educação. Participo das pesquisas: “Aprendizagens de professores: concepções e práticas”, “Memória do GEPPE” e “A educação no processo de constituição de sujeitos: o dito nas produções e o feito no cotidiano”, esta última financiada pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT) e coordenados pela Dr<sup>a</sup> Sônia da Cunha Urt.

Os encontros propiciaram o estudo de textos relacionados à Psicologia e à Educação, permitiram discussões e debates sobre temas relevantes que aumentaram o meu interesse pela pesquisa e pelo curso de Mestrado em Educação.

No ano de 2006, para conciliar o trabalho com o estudo, já no Mestrado em Educação, mudei de setor e passei a trabalhar como Orientadora Educacional, no período noturno; na EJA e no Ensino Médio. Nesse período, desenvolvi atividades semelhantes as anteriormente descritas.

Portanto, o interesse pelo tema *adolescente* decorre, então, da minha trajetória e experiência como professora e como Orientadora Educacional atuando com os adolescentes. A partir disso, buscamos encaminhar um projeto acerca de tal temática.

Assim, essa investigação visa desvelar a constituição do sujeito adolescente ao se apropriar da internet em seu cotidiano. O objetivo geral desta pesquisa é

compreender como se constitui o sujeito adolescente, permeado pelos aparatos tecnológicos, sobretudo a internet. Os objetivos específicos são: identificar as concepções do adolescente em relação a família, escola e cotidiano, compreender as relações da vida escolar e cotidiana por meio da utilização da internet e reconhecer os vários mecanismos da internet experienciados.

A pesquisa envolveu estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, compreendendo a faixa etária de 14 a 17 anos; são alunos de escolas públicas de um projeto de ação social<sup>1</sup> e de uma escola da rede particular de ensino, na cidade de Campo Grande/MS. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, cuja reflexão a respeito dos dados envolveu a análise de conteúdo e teve como procedimento a entrevista que contemplou, sobretudo, a trajetória pessoal e o cotidiano dos jovens.

Esta pesquisa organiza-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta questões referentes a um recorte da temática da *Juventude e da Adolescência* traz a tematização social da juventude, a sociedade de consumo a adolescência e a virtualidade. O seguinte aborda o referencial Histórico-cultural e a Adolescência alguns pilares teóricos da abordagem histórico-cultural, base e fundamento teórico dessa investigação. O terceiro capítulo discute a adolescência, o cotidiano e a escola em tempos de internet.

O quarto capítulo focaliza inicialmente o percurso metodológico, o ambiente observado e os sujeitos envolvidos, retrata os dados coletados, como foram categorizados e organizados para que pudessem ser analisados, de modo a evidenciar as questões fundamentais a respeito do tema. Em seguida apresentamos as considerações finais desse estudo.

---

<sup>1</sup> O projeto de Ação Social objetiva atender crianças e adolescentes de escolas públicas e que sejam de famílias em situação de vulnerabilidade social, contribuindo com os desenvolvimentos físico, moral, social e cultural.

# CAPÍTULO I

## APONTAMENTOS SOBRE A ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE

Este capítulo objetiva, primeiramente, resgatar o conceito de “juventude” e a concepção de “adolescência”<sup>2</sup> a partir da perspectiva de que cada sociedade, ao organizar sua forma de gerir sua sobrevivência, estabelece as relações entre seus sujeitos, alternando-se e tornando concreto o conceito do que é ser jovem. Posteriormente, faremos um recorte histórico da trajetória da juventude, para compreendermos como o jovem sujeito foi se constituindo no decorrer dos tempos até os dias atuais. Para finalizar o capítulo, abordaremos de que forma se configura a adolescência em relação ao espaço virtual na atual sociedade.

### 1.1 Pontuações sobre a concepção da adolescência e juventude

Por ser construída cultural e socialmente, a definição de juventude adquiriu significados diversos ao longo da história, conforme apontam alguns autores.

De acordo com Levi e Schmitt (1996, p. 11), “na Idade Grega os jovens eram valorizados pelo vigor, para desenvolver habilidades físicas, o que representava a sua juventude”. Os gregos iniciaram o culto ao corpo para resistir a todos os modos de competição como salto, corrida, natação ou até mesmo lançamento de disco ou de dardo. A educação das crianças após os sete anos de idade ficava sob a responsabilidade do estado; quando jovens, passavam a formar grupos para garantir a segurança das cidades. Porém, somente aos 30 anos é que poderiam participar da assembleia do povo. A Idade Média foi palco de acontecimentos históricos importantes e de grandes produções culturais. As sociedades se organizavam no sistema feudal, que era baseado entre a troca de serviços e a concessão de terras. Os jovens eram treinados para o combate e tinham grande variedade de armas. O termo “juventude” referia-se a todos aqueles que ainda não haviam se tornado completamente responsáveis por suas próprias ações. Havia uma sucessão de ritos de

---

<sup>2</sup> Neste estudo, sempre que for usada a palavra jovem, ela terá a conotação de “adolescente”, conforme alguns autores que fundamentam este trabalho.

entrada e de saída, que garantiam uma progressiva definição dos papéis da idade adulta. A educação era vista como uma ferramenta para obter a sabedoria e a felicidade.

Costa (2000, p. 2) afirma que, na Idade Média, tanto na cultura bárbara como na cultura romana, o destino das crianças dependia da vontade paterna. Esclarece, ainda, que “o *status* da criança naquelas sociedades antigas era praticamente nulo”. A vida da criança no mundo romano dependia totalmente do desejo do pai. O poder do *pater familias* era absoluto. Posteriormente, fora do mundo secular, um novo espaço social impôs o surgimento de outra perspectiva na educação infantil: as comunidades monásticas, que se opuseram às práticas pedagógicas das populações bárbaras. As crianças eram educadas no mosteiro até a idade de 15 anos.

Segundo Ariès (1978, p. 39-40), o conceito de juventude sofreu uma pequena modificação ao apontar as “idades da vida” não apenas correspondendo “[...] a etapas biológicas, mas a funções sociais”.

Os autores Levi e Schimitt (1996, p. 14) corroboram com essa afirmação, ao sustentar que “em nenhum lugar ou em nenhum momento da história a juventude poderia ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos, trata-se de uma construção social e cultural”.

A partir da metade do século XVIII, os conceitos de adolescência e juventude começaram a consolidar-se devido aos avanços da Pedagogia, da Medicina e da Filosofia. Conforme os registros apontados por Ariès, a cada época corresponderia uma idade privilegiada e a uma periodização particular da vida humana: a juventude é a idade privilegiada do século XVII, a infância, do século XIX, e o conceito de adolescência só surgiu a partir do século XX. A esse respeito, assim se pronuncia Ariès (1978, p. 46-47):

O primeiro adolescente moderno típico foi Siegfried de Wagner: a música de Siegfried pela primeira vez exprimiu a mistura de pureza (provisória), de força física, de naturismo, de espontaneidade e de alegria de viver que faria do adolescente o herói no nosso século XX, o século da adolescência. [...] a “juventude,” que então era a adolescência, iria tornar-se um tema literário, e uma preocupação dos moralistas políticos. Começou-se a desejar saber seriamente o que pensava a juventude, e surgiram pesquisas com ela.

Assim, a juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar a sociedade. Nas palavras desse autor, passa-se de uma época sem

adolescência a uma época em que a adolescência é a idade favorita, existindo um desejo de chegar a ela e nela permanecer por muito tempo.

Ariès (1978, p. 176-177) estabelece que:

De fato, ainda não se sentia a necessidade de distinguir a segunda infância, além dos 12-13 anos, da adolescência ou da juventude. Essas duas categorias de idade ainda continuavam a ser confundidas; elas só se separariam mais para o fim do século XIX, graças à difusão, entre a burguesia, de um ensino superior; universidade ou grandes escolas [...] o período da segunda infância-adolescência foi distinguido graças ao estabelecimento progressivo e tardio de uma relação entre a idade e a classe escolar.

De acordo com esse autor, daí em diante a adolescência se expandiria, empurrando a infância para trás e a maturidade para frente. Vejamos como o conceito de adolescência é concebido e expresso por alguns teóricos.

O surgimento do conceito de adolescência ocorreu, primeiramente, por meio de Rousseau, no século XVIII, ao escrever a sua obra *Emílio*. Segundo Rousseau, a adolescência é um período de modificações, um segundo nascimento em direção à autonomia da vida adulta.

Na psicologia, o conceito de adolescência foi introduzido no início do século XX, com Stanley Hall (1844-1924), considerado o fundador da psicologia do adolescente, concebendo-a como uma etapa marcada por tormentos e conturbações vinculadas à sexualidade. Essa condição é corroborada pelos psicanalistas, pela mídia em geral e pela sociedade. A ênfase recai nos aspectos biológicos, nas transformações corporais. É um período de crise, angústia e turbulência, solidificando a adolescência como uma fase natural do desenvolvimento humano.

No sentido etimológico, de acordo com o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004, p. 96), a palavra adolescência significa: “o período da vida humana que sucede à infância, começa com a puberdade e se caracteriza por mudanças corporais e psicológicas”. Esse conceito está ligado ao conceito da psicologia tradicional, conforme aborda Stanley Hall.

A Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) tem como princípio a proteção integral do adolescente, que passou a ser conhecido como sujeito de direitos e considerado uma pessoa em desenvolvimento, com prioridades nas políticas públicas do país, cuja faixa etária se

situa entre 12 e 18 anos de idade, quando acontecem diversas mudanças físicas, psicológicas e comportamentais.

Para a Organização Internacional da Juventude/UNESCO, o termo “juventude” refere-se ao período do ciclo de vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e durante o qual se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero. Os limites de idade referentes à juventude corresponderiam à faixa entre 14 e 25 anos, cujo período inicial (dos 14 aos 18 anos) seria denominado adolescência.

Petrovski (1981, p. 126, tradução nossa)<sup>3</sup> afirma que Margarete Mead, em 1929, ao estudar os adolescentes na ilha de Samoa, “[...] demonstrou que era inconsistente a noção sobre a inevitabilidade crise e os conflitos na adolescência, e mostrou que seu condicionamento é social, e não biológico”. Assim, esses estudos antropológicos mostram uma nova visão desse conceito, superando os limites das teorias naturalizantes.

Del Priore (2007, p. 7) assegura que:

A juventude era apontada por realidades diversas, como a dos clérigos, que, ao fazer seus votos de entrada nos monastérios, viviam o noviciado na juventude, e a dos jovens nobres, cujo ritual de entrada na cavalaria era codificado por uma sofisticada cerimônia de recepção.

Para a autora, a entrada na juventude ocorria por vários rituais precisos nas mais diversas sociedades e suas marcas se modificaram ao longo dos tempos, em cada civilização. De acordo com essa autora, trata-se de um momento significativo, uma vez que o indivíduo se prepara para constituir-se como sujeito e posteriormente integrar e assumir os papéis sociais.

Para Grinspun (2002, p. 32), os termos “adolescência” e “juventude” apresentam algumas aproximações entre si, porém não deixam de ter suas diferenças:

A ‘adolescência’, e a ‘juventude’ são termos que se aproximam, mas guardam diferenças entre si [...]. Portanto, entendemos a ‘adolescência’ de uma perspectiva psicológica, corroborada por um dinamismo psicossocial que faz do adolescente um ser único na pluralidade em que vivemos. À juventude dedicamos uma conotação mais sociológica, antropológica, por meio de determinadas marcas de um tempo extremamente diferenciado dos

<sup>3</sup> Margaret Mead, que estudió a los adolescentes de la isla de Samoa, demostró que era inconsistente la noción sobre la inevitabilidad de la crisis y los conflictos en la adolescência y mostró ue su condicionamiento es social y no biológico.

demais, forte em sua concepção, rico em sua manifestação, que resulta de uma vivência em determinado período histórico e social e reflete dados da cultura em que é estabelecida e a época no qual é concebida.

Cavalcanti (2007, p. 6) explicita que:

A adolescência, como a reconhecem hoje, é fruto dos avanços científicos e transformações psicológicas, educacionais e sócio-culturais ocorridas a partir do séc. XIX. Até então, não era reconhecida como etapa do desenvolvimento nem categoria social. O conceito está intimamente ligado à constituição da família nuclear moderna, ao prolongamento da idade escolar e a expansão das escolas para as diversas classes sociais.

Assim, para o autor, esses conceitos formaram-se a partir do contexto histórico e social em que estavam inseridos.

Sposito (1997, p. 39) considera a adolescência um segmento do “[...] amplo conjunto denominado juventude”. Acrescenta (1999, p. 98-99) que:

[...] gesta um vir-a-ser, sendo ao mesmo tempo, uma construção do presente enquanto superação da infância, e em saída da infância. A busca da idade adulta remete ao que o jovem quer individualmente ou em grupo, a questão do autoreconhecimento e de ser reconhecido.

Segundo Schmidt (2001, p. 186):

Os conceitos de juventude e adolescência indicam fenômenos históricos e sociais (não existem do mesmo modo em todas as épocas históricas em todos os meios de uma determinada sociedade) com diversidades internas dos segmentos juvenis de uma mesma geração podendo ser, em algumas dimensões, tão diferentes entre si quanto de uma geração para outra), mas cujos componentes compartilham elementos culturais e atitudinais comuns, próprios da sua geração.

Conforme vimos, o conceito de adolescência é introduzido pelas teorias sociológicas, antropológicas, psicológicas, de diferentes modos. Embora seja considerado um fenômeno universal, configuram-se distintas concepções de adolescência e juventude conforme o contexto social e histórico. Questões que muitas vezes apontam os jovens como problemas. Muitos consideram a adolescência apenas como uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, porém ser jovem não se restringe apenas ao aspecto biológico, também devem ser valorizadas as relações com os demais, o jovem quer experienciar novas oportunidades, participar de novas experiências e ampliar a rede de relacionamentos.

De acordo com Leontiev (1978, p. 285), “as aptidões e caracteres especificamente humanos não se transmitem de modo algum por hereditariedade biológica, mas adquirem-se no decurso da vida por um processo de apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes”.

A partir da psicologia histórico-cultural, entende-se adolescência por meio de uma construção histórica determinada pela cultura. Nesse sentido, vai além dos aspectos biológicos, levando-se em conta, também, as condições sociais. Cada jovem deve ser considerado pela sua singularidade.

## **1.2 Retratos da tematização social da juventude no Brasil**

A juventude, de um modo geral, pode ser vista como um grupo que simboliza os dilemas da sociedade, uma vez que os jovens, na tentativa de se integrarem nesse mundo, questionam o que está posto, posicionam-se e expressam os seus sentimentos.

De acordo com a abordagem histórico-cultural, Ozella (2003, p. 8) entende esse jovem como “um ser histórico com características forjadas de acordo com as relações sociais contextualizadas no tempo e no espaço histórico em que ele vive”, estabelecendo-se uma relação dialética com a sociedade, à medida que esse ser se constrói ao construir a sua realidade. Assim, é significativo resgatar como era a imagem e o movimento dos jovens ao longo de algumas décadas anteriores até os dias atuais, de modo a compreender como os jovens foram se constituindo.

Segundo Fedatto (2009, p. 38-40), nos fins dos anos 1920, existia no Brasil um grande descontentamento entre os cafeicultores, os intelectuais, a classe média e as massas populares, que levou ao rompimento com o “Estado oligárquico” por meio do movimento Revolução de 1930, implantando um novo momento no país, com grandes mudanças políticas e sociais e ênfase na industrialização. Iniciaram-se diversos movimentos que contestavam os poderes instituídos, tais como o da Semana da Arte Moderna, em 1922. Nesse período, houve a consolidação e a crise da hegemonia da elite latifundiária, bem como o início da industrialização, o aparecimento da organização operária e o crescimento das camadas médias urbanas.

Teixeira (2004) afirma que o período dos anos 1930 aos anos 1960 teve grande importância para a formação da cultura no Brasil. A aceleração urbana foi a

base do processo de modernização; a economia tornou-se mais diversificada, a sociedade ganhou mais mobilidade e o país, uma cultura urbana de massa. Alguns movimentos que marcaram a vida cultural no país tiveram início nessa época.

Com a chegada dos anos 1950, o Brasil viveu o período da democracia, marcado por transformações no cenário político. Houve debates em torno das questões educacionais, sobretudo em relação à gratuidade e obrigatoriedade do ensino primário e o surgimento de movimentos ligados aos universitários, como a União Nacional dos Universitários (UNE), em defesa da escola pública. A juventude começou a inquietar-se, era visivelmente imediatista, buscava novos rumos. Se os ídolos de até então não preenchessem mais o seu papel, os jovens, não satisfeitos mais com esses modelos, partiam à procura de outros. Essa foi a época da transgressão, da velocidade e das infrações.

Muitas coisas que aconteceriam na década seguinte tiveram início com os movimentos de jovens dos anos 1950: os beatniks e os hippies eram considerados revolucionários. Era a chamada juventude transviada, a primeira vez que grupos de jovens com gostos afins eram rotulados. Esses Anos Dourados atraíram milhares de adolescentes a shows que muitas vezes acabavam até mesmo com a intervenção da polícia. Utilizavam-se de diversos símbolos, instrumentos como óculos e diferente modo de vestir. Como veículo, usavam a lambreta e buscavam um estilo de vida mais casual.

Essa década também passou a ser marcada pelas sequelas deixadas pela II Guerra Mundial. Nessa época, a juventude americana questionou os ideais materialistas dos anos anteriores e procurou um sentido para a sua própria existência. Esses jovens pretendiam reagir contra o conformismo presente no mundo, procurando preencher o vazio causado pela ausência dos pais. A rebeldia viria com mais força nos anos 1960, influenciando a arte e a forma de conceber a realidade dos anos posteriores.

Abramo (1997, p. 30) afirma que nos anos 1950:

O problema social da juventude era a predisposição generalizada para a transgressão e a delinquência, quase que inerente à condição juvenil, corporificadas na figura dos 'rebeldes sem causa'. De certa forma, é nesse momento que assume uma dimensão social a noção que vinha sendo cunhada desde o fim do século passado a respeito da adolescência como uma fase da vida turbulenta e difícil, inerentemente perturbadora; como um momento em si patológico, demandando cuidados e atenção concentrados de adultos para

‘pastorear’ os jovens para um lugar seguro, para integração normal e sadia à sociedade.

Desse modo, esse movimento de emancipação era visto, às vezes, como rebeldia e insubmissão à autoridade. A juventude inspirava temor a quem defendia a ordem e era vista, muitas vezes, como sinônimo de ameaça.

Algumas interpretações diziam respeito a essa agitação e a um comportamento momentaneamente desviante, outras se manifestavam a favor e interpretavam esses comportamentos como fonte de inovação e revigoramento sociais.

Para Oliveira (2006, p. 244-245):

As mudanças culturais que caracterizaram o mundo ocidental a partir dos anos 1950. [...] no centro da discussão estava a cultura juvenil envolta nas disputas geracionais, no consumo definidor de identidades, na forte relação com as tecnologias, na rebeldia e no conformismo, no nomadismo e no fluxo constante pela metrópole e na nova sensibilidade diante dos estímulos do mundo moderno.

No Brasil dos anos 1960, evidenciou-se uma crise nas forças políticas, cujo resultado culminou no golpe militar de 1964, com a concentração do poder no governo central.

Boran (1994) assevera que, nos anos 1960, houve um despertar da juventude em nível mundial. De certo modo, havia uma sintonia entre os jovens do mundo todo, criticando os valores morais e políticos vigentes.

Braick e Mota (2006, p. 225) asseguram que

Poucas décadas foram tão criativas e ao mesmo tempo tão marcadas pela repressão como a década de 1960. Em todo o planeta os jovens protestavam contra um mundo burocratizado e vazio de conteúdo. E, valendo-se das mais diferentes formas de manifestação, procuraram recriar outros laços sociais, outras razões para ficarem juntos e outros signos de reconhecimento.

Na história do Brasil, pode-se dizer que há importantes apontamentos da participação dos movimentos juvenis, tais como os “rebeldes sem causa”, os “hippies” e os “caras pintadas”, considerados como episódios marcantes para a promoção de alterações políticas, sociais e culturais.

Em seus estudos, Melucci (1997, p. 12), sustenta que “pelo que fazem e o modo como fazem os movimentos anunciam que outros caminhos estão abertos, que

existem outra saída para o dilema, que as necessidades dos indivíduos ou grupos, não podem ser reduzidos a definição dada pelo poder”.

Zanetti (2001, p. 30) assevera:

Na história humana ocorreram processos de transformação social e política que contaram com a decisiva participação dos jovens. Esses movimentos tiveram diferentes direções político-ideológicas que confirmam a existência de determinadas motivações capazes de mobilizar os jovens.

Os jovens dos anos 1960 contestavam a civilização e propunham um novo modo de vida e novos valores. Podemos considerá-la como uma década de experimentações: o surgimento dos Beatles na TV, para muitas pessoas, abriu caminho para a “invasão inglesa” na música, enquanto as comunidades “hippies” pregavam o amor livre, cuja máxima era Paz e Amor. Os jovens criticavam as armas nucleares e preocupavam-se com as questões ambientais, adotavam um modo de vida comunitário, um estilo de vida nômade. Nessa época, houve a explosão do rock e da experimentação de drogas. A liberdade era o valor absoluto conclamado por esses jovens.

Cardoso e Sampaio (1995, p. 21) afirmam que, em 1960, “as contestações apareciam ao espectador e à grande maioria dos analistas da época como um movimento de comportamento alternativo”.

A autora explicita, ainda, que os jovens nesse período questionavam desde a relação entre os sexos, o casamento e a organização familiar até o sentido do trabalho, da política e da relação com a natureza. Os jovens pareciam formular uma ética alternativa, que encontrou eco nos meios de comunicação de massa e se difundiu para além dos limites dos grupos atuantes.

Nos anos 1960 também houve o surgimento da pílula anticoncepcional, que significou uma verdadeira revolução sexual, alterando os hábitos e o controle da natalidade. Desse modo, esse contraceptivo foi o grande responsável pela “liberdade sexual feminina”.

Talvez o que mais tenha caracterizado a juventude dos anos 60 tenha sido o desejo de se rebelar, a busca por liberdade de expressão e liberdade sexual. Para as mulheres, o surgimento da pílula anticoncepcional, no início da década, foi responsável por um comportamento sexual feminino mais liberal. Constitui-se em uma marca na busca de igualdade de direitos, de salários e de decisão.

Outro tipo de movimento também começava a tomar vulto. No Brasil, os jovens se agruparam ao redor da Tropicália, um movimento cultural surgido sob a influência de correntes artísticas e da cultura pop, mesclando inovações cujos objetivos eram comportamentais, sociais e políticos de boa parte da sociedade, que estava submetida ao regime militar.

Para Koltai (2007, p. 8):

[...] a agitação estudantil provinha basicamente de jovens de classe média, atentos aos acontecimentos mundiais, que souberam refletir sobre as grandes questões da modernidade clássica, dominada pelas ideologias e pelas vanguardas. Apesar dos erros, excessos e riscos inúteis que assumiram em todos os terrenos, da luta armada às overdoses, eles foram o fiel espelho das questões cruciais de sua época [...]. Começaram perguntando quem eram o que queriam que relações mantinham com seus antepassados, desejando, antes de tudo, modificar o curso das próprias vidas.

Abramo (1997, p. 30) aponta que

Nos anos 1960 e parte dos anos 1970, o problema apareceu como de toda uma geração de jovens ameaçando a ordem social, nos planos político, cultural e moral, por uma atitude de crítica à ordem estabelecida e pelo desencadear de atos concretos em busca de transformação. Nessa época, os movimentos estudantis opunham-se aos regimes autoritários, contra a tecnocracia e todas as formas de dominação, movimentos pacifistas, as apropriações da contracultura, o movimento hippie.

Abramo (1997, p. 39) assegura que “[...] a juventude aparece como um tempo privilegiado: um tempo de permissividade, de diversão sem reservas, de busca de intensidade, prazer e liberdade, de irreverência em relação às instituições e valores do mundo adulto”.

Ainda conforme essa autora (1997, p. 52):

Os movimentos juvenis dos anos 1960, assim devem ser vistos como produto de um momento social bastante peculiar, no qual a geração juvenil problematiza toda uma gama de valores e instituições da ordem social vigente, e busca promover em vários planos, a sua transformação, expressando essa aspiração de várias maneiras e em diversos tipos de movimentos.

Portanto, os jovens aqui aparecem como transformadores numa sociedade. Aqueles que não conseguiam se integrar às regras sociais impostas ou que não se enquadravam no sistema buscavam formas alternativas de viver e conviver.

Preferiam a vida distante do prazer material porque não se enquadravam aos padrões tradicionais vigentes.

Para Sposito (1997), nos anos 1960, a juventude era vista como um “problema”, uma vez que podia ser definida com protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações essencialmente situado sobre o terreno dos comportamentos éticos e culturais.

De acordo com Costa (2000), em 1960, no Brasil, as questões da juventude ganharam mais força, ou seja, visibilidade. O maior engajamento deu-se entre os jovens da classe média, do ensino secundário e universitário. Nesse período, ocorria uma luta contra o regime tradicional, com os movimentos estudantis posicionando-se ativamente com os partidos de esquerda. Isso tudo gerou perseguição aos jovens, em defesa da Ordem Nacional.

Carmo (2001, p. 50) sustenta que:

A recusa radical da juventude aos valores convencionais entrava em cena com grande alarde. [...] uma série de manifestações culturais novas refletiam e provocavam novas maneiras de pensar, modos diferentes de compreender e de se relacionar com o mundo e com as pessoas. Configurava-se assim, o florescer de um movimento social de cunho fortemente libertário, com enorme sedução da juventude dos setores médios urbanos.

Diante desse quadro, alguns setores de oposição viam nos movimentos juvenis esperança de mudanças, de forma a reelaborar a visão que tinham desses jovens e fixar um modelo ideal de juventude, em que a rebeldia, a inovação e o idealismo tornaram-se marcas significativas para esse período da vida.

Carmo (2001, p. 12) afirma que:

Consolidada a hegemonia dos militares os anos iniciais da década de 1970 foram marcados pela euforia econômica, acompanhada de repressão política e censura. [...] em 1977, novamente eclodiu o movimento estudantil, seguido de manifestações populares.

Para esse autor, em 1968, muitos jovens acreditavam ser possível um mundo novo. Procuraram dar um basta nas concepções herdadas das gerações antecedentes: o autoritarismo, o consumismo, a discriminação racial, entre outros.

Segundo Costa (2000), os anos 1970 caracterizaram-se pela politização extrema de alguns setores da juventude em diversas partes do mundo. No Brasil, da mesma forma, alguns grupos que se opuseram ao sistema político vigente foram para

as ruas buscar formas contestadoras de vida, exigindo a democracia, baseados em alternativas como a contracultura, importadas do primeiro mundo, sobretudo os modismos. Nessa época, a juventude aparecia como uma categoria com possibilidades de provocar mudanças profundas no sistema vigente.

Cardoso e Sampaio (1995, p. 21) indicam que:

Podemos dizer que a explosão final dos anos 1960 contribuiu para reforçar uma imagem de juventude que se impôs como um parâmetro que serviu para se pensar tanto na apatia das gerações posteriores quanto na daquela parcela de seus contemporâneos que ficou à margem dos acontecimentos ou, como a época se dizia, alienada na cultura comercial.

Nos anos 1980 houve a condenação de toda discriminação de gênero, raça e preferência sexual. Foi a época da promoção de estilos de vida alternativos.

Para Abramo (1997), somente quando os movimentos juvenis já haviam entrado num refluxo, a imagem dessa juventude dos anos 1960 foi reelaborada de um modo positivo, plasmando-se como uma geração idealista que ousou sonhar:

É em contraste com essa imagem que a juventude dos anos 1980 vai aparecer como patológica porque oposta à da geração dos anos 1960: individualista, consumista, conservadora e indiferente aos assuntos públicos, apática. Uma geração que recusa-se a assumir o papel de inovação cultural que agora, depois da reelaboração feita sobre os anos 1960, passava a ser atributo da juventude como categoria social (ABRAMO, 1997, 31).

Nesse período, a imagem estereotipada desses jovens combinava apatia, cinismo e aversão a compromissos. Falava-se da “geração shopping Center”.

Para Cardoso e Sampaio (1995, p. 26)

Na ressaca dos anos 1980, à falta de amplas manifestações juvenis inovadoras, frente ao enfraquecimento do movimento estudantil, somos levados a pensar que a juventude como protagonista real ou virtual de amplas transformações políticas, sociais e culturais saiu definitivamente de cena.

Abramo (1997, p. 43) explica que “[...] a maior parte dos acontecimentos que põem em evidência as juventude dos anos 1980 parece estar ligada à formação de tribos (bandos, estilos, subculturas, culturas) ligadas a determinados estilos musicais e modos espetaculares de aparecimento”.

Em 1984, houve reivindicação, por meio do movimento político democrático das “Diretas já”, pelo voto direto, para a escolha do presidente da República no Brasil. Nesse período, ocorreram diversas manifestações populares.

Nos anos 1990, a visibilidade social dos jovens mudou pouco em relação aos anos 1980. Havia a presença de inúmeras figuras juvenis nas ruas, envolvidas em diversos tipos de ações individuais e coletivas (ABRAMO, 2000). O que chamava atenção nesse momento era a presença de muitas figuras juvenis nas ruas, engajadas em ações individuais e coletivas, em que a violência passou a ser uma marca, retomando-se alguns elementos característicos dos anos 1950. Os jovens questionavam, produziam um movimento de estranhamento e usavam da violência para questionar alguns aspectos em torno do social, como, por exemplo, as diferenças de classe e de oportunidades.

Durante esses anos, as figuras juvenis em evidência foram os jovens mais pobres que apareciam nas ruas: gangues, galeras, tribos, entre outros, muitos em situações de risco. Nesses anos, a imagem que se tem é de jovens que ameaçavam a integridade social com seu comportamento. Desse modo, denunciavam o que acontecia na sociedade. Por outro lado, muitas vezes eram rotulados, devido ao preconceito por parte de algumas pessoas.

Nessa década, os jovens protestavam, mas eram alegres, ao mesmo tempo. Trata-se de um modelo militante diferente das épocas anteriores. Entre agosto e outubro de 1992, muitos jovens, principalmente da classe média brasileira, tomaram as ruas das principais cidades para exigir o impeachment de Fernando Collor de Mello da Presidência da República, um fenômeno de participação juvenil em âmbito nacional. Ficaram conhecidos como “caras pintadas”, já que a maioria dos estudantes pintava a face com as cores da bandeira brasileira. Essas manifestações foram fatores que aceleraram a saída do presidente.

Melucci (1997, p. 12) explicita:

Todas essas formas de ação envolvem pessoas jovens como atores centrais; mesmo se apresentam diferenças históricas e geográficas com o passar das décadas, elas dividem características comuns que indicam um padrão emergente de movimentos sociais em sociedades complexas.

Devido ao expressivo desenvolvimento tecnológico dos anos 1990, a partir dos anos 2000 os jovens passaram a ser gerenciados pelas mudanças midiáticas,

advindas principalmente dos celulares e da internet. Pode-se dizer que prevalece cada vez mais o avanço das tecnologias da comunicação virtual.

Boran (1994, p. 66-67) analisa:

No final dos anos 70 e início dos anos 80 a política exercia grande influência na motivação dos jovens. Agora se percebe uma nova geração de jovens definitivamente desligada das identidades dos anos 60 e 70, mas com enorme dificuldade para definir sua identidade e seu lugar na história da sociedade. Há mudança cultural mundial significativa. [...] esses jovens não pretendem mudar a sociedade por dentro, como nos anos sessenta, mas optam para viver à margem dela.

Assim, verificou-se um contraste com a geração anterior, pois os jovens agora se preocupavam mais com as questões individuais, em detrimento do coletivo. A ação que transforma o meio não é mais tão significativa para estar com seus pares, como anteriormente.

Os desvios de comportamento e o individualismo também se fizeram presentes. Surgiram as gangues, os infratores e a violência como consequência econômica, política e cultural da sociedade de consumo. Esses últimos anos marcaram uma nova condição juvenil na atualidade. Pode-se dizer que o distanciamento dos jovens em relação às gerações anteriores mostrou que, na sociedade, as mudanças começaram a surgir.

Para Abramo (1997, p. 28):

Contudo, uma questão, desde já pode ser levantada, parece estar presente, na maior parte da abordagem relativa dos jovens, tanto no plano da sua tematização como das ações a eles dirigidas, uma grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos, mesmo quando é essa a intenção, salvo raras exceções; uma dificuldade de ir além da sua consideração como “problema social” e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução de problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los.

Em relação ao caráter histórico das concepções que são difundidas socialmente a respeito da juventude, Abramo (1997) aponta que, de um modo geral, pode-se dizer que a juventude tem estado presente tanto na opinião pública como no pensamento acadêmico como uma categoria propícia para simbolizar os dilemas da sociedade. Além disso, enfatiza que os jovens condensam as angústias, os medos e também as esperanças relacionadas às tendências sociais do presente.

Sposito (1997) assegura que é preciso reconhecer que, histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como fase de vida marcada por certa instabilidade associada a determinados problemas sociais, mas o modo de apreensão de tais problemas também muda.

Abramo (1997, p. 29) ressalta que:

A juventude só desperta atenção quando representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social. Ameaça para si própria ou para a sociedade. Pelo fato de desviar-se do seu caminho em direção à integração social, porque um grupo juvenil propõe uma ruptura na ordem social ou porque uma geração ameaça romper com a transmissão da herança cultural.

A juventude sempre suscitou reações ambivalentes e foi, em cada época da história, percebida e vivenciada de modo específico.

Assim, os gostos, a moda, o consumo, as gírias, os programas e o lazer se constroem entre os jovens com seus pares, por meio dos apelos da sociedade e dos meios de comunicação.

A sociedade atual tem modelado um determinado padrão de juventude que precisa ser investigado e que não é mais aquele das décadas anteriores.

Para Koltai (2007, p. 12):

As forças da modernidade clássica sobre as quais a geração de 1968 se apoiou e das quais foi um produto, se dissolveu, em virtude do próprio movimento e do mundo globalizado no qual vivemos, com outras características. Entre elas, o avanço da democracia formal e do individualismo, o predomínio progressivo da mercadoria sobre qualquer outra coisa, [...] a transformação da cultura em modas sucessivas e a massificação dos estilos de vida, a importância cada vez maior das tecnologias, entre outros.

Segundo essa autora, todas essas transformações fazem do sujeito que se apresenta na atualidade um ser diferente do ser da geração de 1968. Portanto, esses sujeitos buscam outros modos de solucionar os seus problemas cotidianos e de satisfazer suas necessidades.

Cardoso e Sampaio (1995, p. 26- 28) sustentam que

Hoje existe certo consenso acerca do caráter despolitizador dos movimentos estudantis. A identidade estudantil não passa mais pela política, conforme aconteceu nos anos 1960 e 1970. Na ocasião do impeachment do então presidente Fernando Collor somente para evocar um fenômeno estudantil recente e de âmbito Nacional, houve uma tentativa de generalizar a política como esse eixo articulador.

Atualmente, crescentes alterações vêm ocorrendo na sociedade, suscitando mudanças rápidas para as pessoas, em especial os jovens. A fragilidade da economia, os avanços tecnológicos, os modismos na educação, a rapidez de informações e a exigência de novos conhecimentos são questões que levam os jovens a grandes incertezas em seu desenvolvimento social, físico e intelectual.

À medida que se sucedem tais mudanças, o jovem se debate e se ajusta psicologicamente para enfrentar os conflitos em sua identidade, o que representa um desafio a ser considerado pela sociedade, podendo ou não convergir para atitude de contestação.

Outro aspecto a ser considerado é a questão etária que foi delimitada por alguns autores. De acordo com Gonçalves e Knauth (2006, p. 93-95):

De modo geral, referem-se à juventude e a adolescência como uma época, de estilos, excessos, enfrentamentos sociais, familiares que representa a sociedade e a sua história [...]. Contudo, em sociedades ocidentais modernas e complexas, a idade é um dos marcadores culturais e dos componentes da vida e da identidade social que não pode ser descartado com facilidade, mas também não deve ser encarado com exclusividade.

Maia (2008, p. 2) especifica:

Em relação à idade deve-se levar em conta a condição de classe, a influência dos meios de comunicação, da escola e da família, somadas aos ritos históricos de entrada e saída da juventude são importantíssimas para entender as várias maneiras como os jovens percebem-se, vêem seus pares e enxergam seu lugar no mundo. [...] a própria classificação etária contém diversas limitações conceituais e nem parcialmente encerra o debate sobre a definição de juventude.

Pode-se dizer que, hoje, muitos indivíduos estenderam a sua adolescência, uma vez que moram muito mais tempo na casa de seus pais. Muitos fatores que dizem respeito à sociedade atual contribuem para que esse período se estenda.

Segundo Peralva (1997, p. 22):

São a estrutura e a composição dos atributos sociais da juventude, os modos de acesso à maturidade que se encontram modificados. Não se trata de fenômeno puramente social, mas também cultural. [...] Mas, ao mesmo tempo, isso não ocorre de maneira homogênea em todas as camadas da população. O desemprego do jovem e a carência de autonomia financeira obrigam muitos a permanecerem durante muito tempo sob o mesmo teto dos pais.

Os adolescentes configuram-se como um grupo capaz de assimilar novos valores e comportamentos. Portanto, a compreensão de sua constituição como sujeitos pode ser um elemento facilitador para entender a mentalidade dos jovens envoltos e atraídos cada vez mais pela sociedade de consumo e pelos aparatos da internet.

### **1.3 A sociedade de consumo, a virtualidade e a adolescência**

O mundo contemporâneo tem sido marcado por avanços tecnológicos e pela globalização, que interferem na vida do sujeito, gerando mudanças econômicas, sociais e culturais.

Libâneo (2004, p. 16) considera que:

Na vida cotidiana, cada vez maior número de pessoas são atingidos pelas novas tecnologias, pelos novos hábitos de consumo e indução de novas necessidades. Pouco a pouco, a população vai precisando se habituar a digitar teclas, ler mensagens no monitor, atender instruções eletrônicas.

Assim, à medida que aumenta o poder desses meios de comunicação e informação, a internet em especial passa a exercer um domínio, sobretudo nos jovens.

Em seus escritos, Ferreira (1986) postula que as concepções acerca do indivíduo e da sociedade são partes necessárias do real, representam a maneira pela qual os homens, em determinados momentos históricos, constroem sua vida material e social nas relações sociais de produção.

Na sociedade capitalista, o jovem vive o ideal da valorização da aparência, dos modismos, da estética e do consumismo e adota um estilo para afirmar a sua identidade, de modo que tudo passa a ser visual, fugaz, descartável e imediato.

Para Marx e Engels (2006, p. 45):

O modo como os homens produzem os seus meios de vida depende, em primeiro lugar da natureza dos próprios meios de vida encontrados e a reproduzir. Como exprimem a sua vida, assim os indivíduos são. Aquilo que eles são coincide, portanto, com a sua produção, com o que produzem e também como produzem. Aquilo que os indivíduos são depende, portanto das condições materiais de sua produção.

Desse modo, o jovem torna-se visado pela indústria cultural, que produz bens destinados a ele especificamente, de forma atraente, inspirando as tendências da moda e, logo, o aumento do mercado de consumo.

Para Ianni (2002, p. 28):

[...]. no curso dos jogos das forças sociais e das formas de sociabilidade que se forma e se transforma, o indivíduo é levado à massificação e ao consumismo. [...] à medida que se desenvolvem os meios de comunicação e a cultura de massa bem como a indústria cultural.

Esse autor destaca que muitos são seduzidos a tomar o consumismo como prática ou ideal de emancipação ou de felicidade, transfigurando-se em membros da multidão solitária.

Outro aspecto a ser levado em conta é o culto ao individualismo, entendido por Libâneo (2004) como uma necessidade da produção capitalista, uma consequência das relações específicas de produção. O individualismo é reforçado pela sociedade de consumo.

Porém, não é somente o consumismo que agrega os jovens. Existem outras formas de expressão cultural, por meio do advento das tecnologias. Hoje, novos códigos são estabelecidos pela linguagem, que aglutinam os grupos buscando os mesmos interesses no cotidiano.

Segundo Libâneo (2004, p. 30).

No vasto e intrincado cenário mundial, nesse novo palco da história, está em curso a formação de um outro indivíduo, que pode ser novo, diferente, problemático, cidadão. São tantas e tais, extensas e radicais, as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais, em curso, em escala mundial, nacional e local, que cabe reconhecer que está em curso também a formação de um novo, diferente e “problemático” indivíduo, provavelmente cidadão.

Diante dessas interferências no desenvolvimento dos adolescentes na atualidade, há uma busca de novas formas de inserção na sociedade. A presença da tecnologia propicia aos adolescentes momentos diferentes daqueles das gerações precedentes. A descontinuidade circunda o cotidiano juvenil devido a essas transformações marcantes no tempo atual.

Por meio das tecnologias, torna-se evidente o crescimento e a difusão da comunicação e da informação entre as pessoas, atingindo com grande velocidade o modo de vida e de interação de parte da sociedade. Mesmo em meio aos avanços

tecnológicos, cada vez mais presentes na atualidade, é pertinente a afirmação de Kenski (2003, p. 19): “É muito difícil aceitar que apenas o atual momento em que vivemos possa ser chamado de “era tecnológica”. Desde o começo da civilização, todas as eras correspondem ao predomínio de um determinado tipo de tecnologia”.

Nos escritos da autora, todas as épocas foram, ao seu modo, eras tecnológicas. Dessa forma, o processo de humanização do homem teve início no momento em que se utilizaram os recursos presentes na natureza, diferindo dos demais animais.

Leontiev (1978, p. 261) assevera que:

De longa data é o homem considerado como um ser à parte, qualitativamente diferente dos animais. [...] o homem é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade.

Cardoso (2002, p. 185) assegura que a história do homem coincide com a história das técnicas, ou seja, a técnica é tão antiga quanto o homem. Pode-se dizer que as tecnologias são tão antigas quanto a espécie humana. Para o autor:

O desenvolvimento da técnica, da ciência e da tecnologia devem ser compreendidas em sua íntima relação com as determinações sociais, políticas, econômicas e culturais, porque essas atividades não se isolam de outras atividades humanas, ao contrário, constroem uma relação histórica do homem da natureza, no esforço humano de criar instrumentos que superem as dificuldades impostos pelas forças naturais.

Mendes (2001, p. 54) compartilha com essa ideia, ao afirmar que

O advento dos computadores tem crescido intensamente e desafiado o modo como a sociedade tem se portado tradicionalmente. A sociedade humana tem se tornado mais e mais dependente da tecnologia da informática. Nunca, anteriormente, na história humana, a tecnologia influenciou a sociedade em um curto período de tempo.

A internet passou a ser difundida nos anos 1990 e continua se expandindo cada vez mais. O número de usuários tem aumentado significativamente, bem como as finalidades e os objetivos da sua utilização. Esses permanecem conectados e interligados a outros computadores ligados em rede. A internet pode ser considerada um ponto de encontro entre os diversos usuários, um espaço que garante essa interatividade. Pais (2002) enfatiza que, entre as tecnologias da comunicação, a

internet merece uma análise mais específica devido às amplas possibilidades de uso como fonte de informação para a aprendizagem escolar.

Ainda conforme o autor (2002, p. 121):

A técnica da digitalização permite que as informações sejam tratadas pela máquina em alta velocidade, diversificando as maneiras de apresentar textos, imagens, sons e movimentos. [...] o modelo digital oferece uma dinâmica incomparável com o modelo tradicional. [...] uma das características do fluxo de informações que transita pelo espaço virtual é o fato de estar sempre apto a processar um grande número de informações numa velocidade cada vez maior.

Nessa perspectiva, existe uma interação e uma apropriação intensa entre o homem e a máquina, fascinando os adolescentes e motivando-os a estarem sempre conectados, devido à necessidade que os jovens têm de se comunicar.

De acordo com Vargas (1994, p. 17):

A essência da tecnologia foi encontrada no emprego do saber científico moderno para a solução dos problemas da técnica. [...] como simbiose da técnica com a ciência moderna, consistiria também num conjunto de atividades humanas, associado a um sistema de símbolos, instrumentos, máquinas visando à construção de obras e à fabricação de produtos, segundo teorias, métodos e processos da ciência moderna.

Oliveira (2006) assevera que a internet é um terreno propício para o desenvolvimento das capacidades criativas, lógicas e técnicas e que imergir no universo do homem contemporâneo, principalmente o dos jovens, é entrar no mundo das imagens.

Sabe-se que o jovem é imediatista, busca respostas rápidas para suas indagações. A relação com o computador propicia essas respostas de modo instantâneo, fortalecendo cada vez mais a interação e causando muitas vezes uma certa dependência, o que pode vir a afetar as suas relações com os demais, especialmente no âmbito familiar e escolar.

Kenski (2003, p. 23) ressalta:

As novas tecnologias de informação e comunicação caracterizadas como midiáticas, são, portanto, mais do que simples suportes. Elas interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir e de nos relacionarmos socialmente, de adquirirmos conhecimentos. Criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade.

O uso da informática popularizou-se, deu novas formas às relações pessoais, por meio de trocas de informações, tornou o computador uma importante ferramenta que amplia as condições do indivíduo. As salas de bate-papo, o uso do *e-mail* e as comunidades virtuais consolidam laços surgidos no interior da rede, propiciando momentos diferentes das situações vivenciadas no cotidiano entre os sujeitos.

Nas palavras de Kenski (2007, p. 17-19), essas mudanças tecnológicas alteram os comportamentos, tanto individual como social.

Os vínculos entre conhecimento, poder e tecnologias estão presentes em todas as épocas e em todos os tipos de relações sociais [...] as tecnologias invadem as nossas vidas, ampliam a nossa memória, garantem novas possibilidades de bem-estar e fragilizam capacidades naturais do ser humano.

Outro aspecto que caracteriza a rede mundial de informações é o virtual, exercendo um predomínio nas relações, sobretudo dos adolescentes, seja pelos *sites* de relacionamento, pelas compras por meio das lojas virtuais ou pelos jogos, entre outros.

Para Oliveira (2006, p. 247), “[...] os jovens habitam de forma massiva e efetiva o ciberespaço, em que há uma continuidade entre o mundo real e virtual, um contínuo entre a vida on-line e a vida off-line”. Dessa forma, o jovem experimenta uma realidade que é permeada pelo imaginário ao sair e explorar novos mundos.

Mendes (2001, p. 39) destaca que

O mundo “real” é considerado o que é unanimemente conhecido como o espaço em que a pessoa experiencia a vida, vive, enfim, concretamente e se relaciona; isso inclui também a dimensão de estar vivendo em um tempo e espaço definidos. [...] oferece uma autêntica experiência da realidade. Para o autor, o mundo virtual abre a imaginação e a fantasia para a criação de uma nova dimensão. [...] a relação virtual com as pessoas na internet altera a configuração da relação tradicional.

Portanto, a comunicação virtual oferece novos modos de interação, novas possibilidades de comunicação de massa e um novo modelo de relacionamento, implicando o modo como os jovens se veem e como se comunicam com seus pares.

Para Thompson (2002, p. 33). “[...] contudo é uma característica da comunicação de massa ficar à disposição, em princípio de uma pluralidade de receptores diferindo de um intercâmbio comunicativo de uma interação face-a-face”.

Isso, de certo modo, exerce um fascínio sobre o jovem que se sente atraído pela diversidade.

De acordo com Feixa ( 2000 apud OLIVEIRA, 2006, p. 252):

Esta geração @, portanto, é composta por meninos e meninas que têm em mãos as ferramentas necessárias (e cada vez mais acessíveis) para realizar, esteticamente, seus sonhos e desejos, superando, assim, suas frustrações, seus medos e suas angústias. As culturas juvenis têm no fazer, no apropriar-se, na produção, a expressão de suas identidades. São os atores, agentes, produtores, sujeitos.

As tecnologias marcam a cultura de cada geração e o modo de compreensão da história em cada época, que cada vez mais se volta para um mundo feito em imagens e símbolos, pelo qual o jovem fica fascinado e do qual se apropria.

Em face desse contexto da internet, fica cada vez mais difícil distinguir o lazer do estudo, a ficção da vida pessoal e o virtual do real.

Para Kenski (2007), o uso do raciocínio tem garantido ao homem um processo contínuo de informações. Os conhecimentos daí derivados, quando colocados em prática, originam diversos instrumentos, recursos, processos e produtos que formam as tecnologias.

Segundo Castells (2003, p. 98) a internet foi acusada de induzir gradualmente as pessoas a viverem suas fantasias *on-line*, fugindo do mundo real, numa cultura cada vez mais dominada pela realidade virtual.

Portanto, podemos pensar que a juventude, hoje, experimenta um processo de desenvolvimento acelerado e tem se influenciado cada vez mais pelos aparatos tecnológicos.

## CAPÍTULO II

### PILARES BÁSICOS DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

#### 2.1 Conceitos centrais da teoria histórico-cultural e a adolescência

Este capítulo trata dos conceitos centrais da abordagem histórico-cultural em relação a adolescência. Primeiramente abordamos brevemente um histórico da teoria. Em seguida nossa reflexão inicia pelo trabalho, os instrumentos, o uso dos signos, a mediação, a linguagem, a formação dos conceitos, a zona de desenvolvimento proximal temas relevantes que nos subsidiaram para melhor compreender esse sujeito. Posteriormente, iremos tratar a questão da categoria atividade e a constituição do sujeito adolescente na abordagem histórico-cultural.

Elegeram-se a abordagem histórico-cultural, preconizada por Vigotski<sup>4</sup> e seus seguidores, como referencial de sustentação teórica de fundamentação para nossa investigação.

Vigotski dedicou-se à leitura dos trabalhos produzidos nas áreas de Linguística, Ciências Sociais, Psicologia, Filosofia, Arte e Medicina. Enfocou especialmente o caráter de historicidade do homem e dos processos psicológicos. Liderou um grupo de jovens cientistas comprometidos com pesquisas relacionadas à Psicologia, cujos estudos se orientavam para uma análise histórico-crítica da situação da Psicologia na Rússia e no resto do mundo, dentre eles Alexander Luria, A.N. Leontiev, L.S. Sakharov, K.N. Kornilov e outros, que realizaram pesquisas nas diferentes áreas da Psicologia.

Vigotski fez parte de um contexto em que se consolidava a Revolução Russa e inaugurava-se uma nova sociedade, que buscava a compreensão de um novo homem compatível com as exigências sociais incipientes.

Conforme registros apontados em Molon (2003), a primeira questão que a Revolução Russa colocou à ciência psicológica foi a análise dos problemas de aplicação prática. Dessa forma, Vigotski tinha uma preocupação central com a cultura, sendo esse o ponto de partida para os seus interesses psicológicos. Assim,

<sup>4</sup> Devido às diversas formas como o nome deste autor é concebida em várias obras (Vigotski, Vygotsky, Vigotsky, Vigotskii) optou-se por respeitar a grafia original de cada obra citada.

mergulhou em um processo revolucionário no engajamento da construção dessa sociedade com sua nova ciência psicológica.

Vigotski foi um estudioso das obras de K. Marx e F. Engels, adotando os pressupostos filosóficos implícitos nesses postulados. Dessa forma, baseia seu pensamento no materialismo histórico-dialético, que deveria orientar o estudo dos fenômenos psíquicos. Ele via no pensamento marxista uma fonte científica valiosa, relevante para a Psicologia.

Foi o primeiro psicólogo moderno a sugerir os mecanismos por meio dos quais a cultura torna-se parte da natureza de cada indivíduo, enfatizando as origens sociais da linguagem e do pensamento.

Como destaca Rego (1995, p. 38):

A teoria histórico cultural (ou sócio histórica) do psiquismo. [...] elaborada por Vygotsky tem como objetivo central caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento ao longo da história humana e como se desenvolverem ao longo da vida do indivíduo.

Na abordagem histórico-cultural, concebe-se o sujeito situado histórica e culturalmente, numa concepção de homem como sujeito concreto, considerado em sua singularidade.

Vigotski (1998) chamou de Psicologia Cultural, Histórica ou Instrumental o aspecto cultural referente aos meios socialmente estruturados por intermédio dos quais a sociedade organiza os tipos de tarefas e de instrumentos. O elemento histórico entrelaça-se com o cultural; os instrumentos que o indivíduo utiliza são constituídos e aperfeiçoados no decorrer da sua história e os elementos instrumentais dizem respeito à função mediadora das funções psicológicas superiores.

Segundo Molon (2003, p. 19):

Vygotsky estava indicando a construção de uma Psicologia Social que possibilitasse a compreensão da constituição do sujeito e da subjetividade na processualidade, capaz de superar a concepção de sujeito e indivíduo da psicologia tradicional, em direção a um sujeito social, aos sistemas psicológicos que ocorrem no processo de individuação do homem inserido social e historicamente em uma cultura.

Vigotski (2003) respondeu a questões que outras teorias não respondiam, procurou uma abordagem abrangente que possibilitasse a descrição e a explicação das funções psicológicas superiores em termos aceitáveis para as ciências naturais.

Segundo Freitas (1994, p. 105-106):

[...] Para Vygotsky, a dialética não era um catecismo ou um dogma, mas o seu próprio modo de pensar compreender um problema para ele significava situá-lo em sua gênese dialética. [...] o seu marxismo era, antes uma construção que vinha sendo desenvolvida a partir do conhecimento de textos de Hegel, Marx e Engels que lhe eram familiares antes do início de seus estudos universitários.

De acordo com Galperin (1987, tradução nossa)<sup>5</sup>, “a psicologia soviética teve grande importância para a compreensão geral da psique, o estudo do materialismo histórico sobre o papel da consciência na atividade humana”.

Duarte (2003, p. 40) afirma que:

A construção da Psicologia marxista era vista por Vygotsky não como o surgimento de mais uma entre as correntes da Psicologia, mas sim como o processo de construção de uma Psicologia verdadeiramente científica [...]. Vygotsky entendia necessária uma teoria que realiza-se a mediação entre o materialismo dialético, como filosofia de máximo grau de abrangência e universalidade, e os estudos sobre os fenômenos psíquicos concretos. [...] uma teoria que desempenhe para a psicologia o mesmo papel que a obra O Capital de Karl Marx desempenha para a análise do capitalismo.

Vigotski e seus seguidores abordaram, de modo abrangente, vários pressupostos e categorias nas suas obras. No entanto, para este estudo, delimitaremos as temáticas de acordo com o interesse específico deste trabalho.

Vigotski (2003, p. 9) escreve sobre os instrumentos:

A especialização da mão-que implica o instrumento, e o instrumento implica a atividade humana específica, a reação transformadora do homem sobre a natureza; o animal meramente usa a natureza externa, mudando-a pela sua simples presença; o homem, por meio de suas transformações, faz com que a natureza sirva seus propósitos, dominando-a.

Dessa forma, os instrumentos são uma invenção que fazem parte da evolução histórica da sociedade, inventados e aprimorados cada vez mais pela “mão” humana.

Para Galperin (1987, p. 11, tradução nossa)<sup>6</sup>:

<sup>5</sup> En la psicología soviética tuvo gran importancia para la comprensión general de la psiquis, el estudio del materialismo histórico sobre el papel de la conciencia en la actividad humana.

<sup>6</sup> La idea central de la teoría de L. S. Vygotsky es que la actividad psíquica se construye según el modelo de la actividad externa. En el hombre, esta actividad está mediatizada por los instrumentos y las formas de su utilización que objetiva y socialmente han sido establecidos; en los animales, la actividad está determinada por mecanismos instintivos heredados y por una interacción inmediata con el medio externo. Las funciones psíquicas superiores específicas del hombre se originan en las

A idéia central da teoria de Vigotski é que a atividade psíquica se constrói segundo o modelo da atividade externa. No homem, esta atividade está mediatizada pelos instrumentos e as formas de sua utilização que objetiva e socialmente têm sido estabelecidos; nos animais, a atividade está determinada por mecanismos instintivos herdados por uma interação imediata com o meio externo. As funções psíquicas superiores específicas do homem se originam nas primeiras formas de comunicação verbal entre as pessoas e estão mediatizadas pelos signos, antes de tudo pelos signos linguísticos.

A respeito do trabalho, Marx (1965, p. 204) assegura que:

Antes de tudo o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza; processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza e com as suas forças. [...] atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica a sua própria natureza.

O trabalho é a condição básica e fundamental de toda a atividade humana. Porém, não se trata de qualquer trabalho. O trabalho humano difere do dos animais, conforme observamos nesta afirmação de Marx (1965, p. 202):

Ao realizar um trabalho o homem antecipa mentalmente o que vai resultar dele e é isto que o distingue dos outros animais. O que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade.

Nessa perspectiva, o trabalho pressupõe uma atividade que pertence exclusivamente ao homem. Segundo Marx e Engels (2006, p. 53-54):

O primeiro pressuposto de toda existência humana e de toda a história é que os homens devem estar em condições de viver para poder 'fazer história'. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto a produção dos meios que permitam a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os seres humanos vivos [...]. O segundo ponto é que, satisfeita essa primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades e esta produção de novas necessidades é o primeiro ato histórico.

---

primeras formas de comunicación verbal entre las personas y están mediatizadas por los signos, ante todo por los signos linguísticos.

Ao produzir seus meios de sobrevivência por meio do trabalho, os homens produzem a sua história, buscam novas formas de suprir as suas necessidades; portanto, estão em processo contínuo de transformação.

“O trabalho é, assim, desde a origem, um processo mediatizado simultaneamente pelo instrumento e pela sociedade” (LEONTIEV, 1978).

Molon (2003, p. 78) explicita que “o pressuposto básico da teoria vygotskyana é o trabalho possibilitando a hominização, isto é, o homem se constituindo pela atividade do trabalho”.

Para Talizína (1988, tradução nossa)<sup>7</sup>, “o trabalho do homem caracteriza-se pela aplicação dos instrumentos que mediatizam suas atitudes até as condições da existência”.

Nas palavras de Duarte (2003, p. 24), “o processo de apropriação surge antes de tudo na relação homem natureza. O ser humano pela sua atividade transformadora apropria-se da natureza incorporando-a a sua prática social”. Assim, para o autor, ao se apropriar da natureza, transformando-a para satisfazer suas necessidades, o ser humano objetiva-se nessa transformação. Desse modo, a atividade da produção de instrumentos diferencia a produção humana da produção animal.

Conforme registros apontados por Leontiev (1978, p. 82-83):

O fabrico de instrumentos só é possível em ligação com a consciência do fim da ação de trabalho. Mas a utilização de um instrumento acarreta que se tenha consciência do objeto da ação nas suas propriedades objetivas [...]. Assim, o instrumento é um objeto social, de uma experiência social de trabalho.

Para Leontiev (1978, p. 80), “o homem, por meio dos instrumentos, amplia suas possibilidades de transformação da natureza”.

Para o autor, dois elementos interdependentes caracterizam o trabalho: o primeiro é o uso e a fabricação de instrumentos e o segundo é que o trabalho é efetuado em condições de atividade comum coletiva, de modo que o homem se relaciona com seus pares na sociedade. “O trabalho é, portanto, desde a origem, mediatizado simultaneamente pelo instrumento e pela sociedade”.

<sup>7</sup> El trabajo del hombre se caracteriza por la aplicación de los instrumentos que mediatizan sus actitudes hacia las condiciones de existencia. Es esta mediatización la diferencia el nexo que relaciona al hombre con el mundo de su interacción con los animales.

Estudos realizados por Oliveira (1993, p. 28) mostram-nos que Vigotski incorporou os postulados marxistas em sua teoria, dentre eles:

O homem é um ser histórico que se constrói por meio de suas relações com o mundo material e social. O processo de trabalho (transformação da natureza) é o processo privilegiado nessas relações homem/mundo, a sociedade humana é uma totalidade em constante transformação. É um sistema dinâmico e contraditório, que precisa ser compreendido como processo de mudança, em desenvolvimento e as transformações qualitativas ocorrem por meio da chamada 'síntese dialética' em que, a partir de elementos presentes numa determinada situação, fenômenos novos emergem. Essa é exatamente a concepção de síntese utilizada por Vigotski ao longo de toda a sua obra.

Portanto, estudar um comportamento historicamente implica estudá-lo em transformação, conforme Vigotski (1995, p. 67-68, tradução nossa)<sup>8</sup> :

Estudar algo historicamente significa estudá-lo em processo de mudança. Essa é a exigência fundamental do método dialético. Quando em uma investigação se envolve o processo de desenvolvimento de algum fenômeno em todas as suas fases e trocas, desde que surge e que desaparece, ele implica, pela manifestação da sua natureza, conhecer sua essência, já que só o movimento demonstra que o corpo existe. Assim, pois a investigação histórica da conduta não é algo que completa e ajuda o estudo teórico, se não que constitui seu fundamento.

De fato, o homem, como ser histórico, deve ser estudado em seu processo de mudança. Para essa perspectiva, a natureza humana constitui uma categoria em movimento e transformação, ou seja, muda de acordo com as condições materiais de existência. Não é, portanto, uma categoria fixa.

Na abordagem histórico-cultural, o indivíduo foi tratado de um modo novo, constituindo-se e modificando-se em suas atividades e no processo de trabalho.

Concordamos com Oliveira (1993, p. 28-29), ao assegurar que:

O trabalho por meio da ação transformadora do homem sobre a natureza une estes e desenvolve a história e a cultura humanas. No trabalho desenvolvem-se, por um lado, a atividade coletiva e, portanto, as relações sociais, e, por outro, a criação e utilização de instrumentos.

<sup>8</sup> Estudiar algo historicamente significa estudiar-lo em movimento. Esta es la exigencia fundamental del método dialéctico. Cuando en una investigación se abarca el proceso de desarrollo de algún fenómeno en todas sus fases y cambios, desde que surge hasta que desaparece, ello implica, poner de manifiesto su naturaleza, conocer su esencia, ya que sólo en movimiento demuestra el cuerpo que existe. Así pues, la investigación histórica de la conducta no es algo que complementa o ayuda el estudio teórico, sino que constituye, sino que constituye su fundamento.

Palangana (1994, p. 103-104) corrobora com essa ideia, ao indicar que “o pressuposto primeiro de toda história humana é a existência de indivíduos concretos que, na luta pela subsistência, organizam-se em torno do trabalho, estabelecendo relações entre si e com a natureza”.

Duarte (1999) refere-se ao trabalho como parte da vida cotidiana, antes de tudo, porque sem ele o indivíduo não pode reproduzir sua existência.

O surgimento do trabalho é que diferencia o homem das demais espécies. Nessa ação transformadora do homem sobre a natureza, são criados e utilizados os instrumentos (LEONTIEV, 1978, p. 74).

Os instrumentos e os signos, na concepção de Vigotski, podem ser considerados mediadores. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho (VIGOTSKI, 2003, p. 70-71).

Para Leontiev (1978, p. 268), “o instrumento é, portanto, um objeto com o qual se realiza uma ação de trabalho, operações de trabalho. É produto da cultura material que leva em si traços caracterizados pela ação do homem”.

Vigotski (2003, p. 178) sustenta que:

Ao longo da história o homem também ‘afeta a natureza, transformando-a, criando para si novas condições naturais de existência’ argumenta que o efeito do uso de instrumentos sobre os homens é fundamental não apenas porque os ajuda a se relacionar mais eficazmente com seu ambiente como também devido aos importantes efeitos que o uso de instrumentos tem sobre as relações internas e funcionais no interior do cérebro humano.

Assim, os signos e os instrumentos mediam a relação existente entre o homem e o mundo.

Em relação aos signos, Moreira (1999, p. 113) afirma que:

Para internalizar signos, o ser humano tem que captar os significados compartilhados socialmente, ou seja, tem que passar a compartilhar significados já aceitos no contexto social em que se encontra, ou já construídos social, histórica e culturalmente. Percebe-se aí o papel fundamental da interação social, pois é por meio dela que a pessoa pode captar significados e certificar-se de que os significados que capta são aqueles compartilhados socialmente para os signos em questão. Em última análise, então a interação social implica, sobretudo, um intercâmbio de significados.

Segundo Talízina (1988, p. 17, tradução nossa)<sup>9</sup>:

Diferentes signos servem de instrumentos que mediatizam os processos psíquicos do homem. Os instrumentos de trabalho estão dirigidos até o exterior e conduzem as trocas de objetos da realidade circundante; os instrumentos-signos se dirigem até o interior e levam as mudanças aos processos psíquicos.

Para a autora, o papel dos instrumentos-signos reside no fato de que, mediatizando os processos psíquicos, levam precisamente às mudanças em sua estrutura, a qual, na opinião Vigotski, constitui a principal característica desses processos.

De acordo com Vigotski (2003, p. 171):

O uso de instrumentos e o uso de signos compartilham algumas propriedades importantes; ambos envolvem uma atividade mediada. Porém eles também se distinguem; os signos são orientados internamente, segundo Vigotsky uma maneira de dirigir a influência psicológica para o domínio do próprio indivíduo; os instrumentos, por outro lado, são orientados externamente, visando o domínio da natureza.

Em seus estudos, o autor enfatiza que os sistemas de signos ( a linguagem, a escrita, o sistema de números) e o sistema de instrumentos são criados pelas sociedades ao longo do curso da história humana e mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural.

Os instrumentos têm como função servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade: ele é orientado externamente, levando as mudanças aos objetos. Portanto, constitui um meio pelo qual a atividade humana externa dirige-se para o controle e domínio da natureza. O signo, não, modifica em nada o objeto da operação psicológica, constituindo-se um meio de atividade interna dirigida para o controle do próprio indivíduo (VIGOTSKI, 2003, p. 72-73).

Para Bakhtin (1999), o signo cria-se entre os indivíduos, no meio social; é, portanto, indispensável que o objeto adquira significação interindividual. Somente então poderá ocasionar a formação de um signo. Desse modo, o signo não deve ser dissociado da comunicação entre os indivíduos, tornando-se um meio empregado para que esses alcancem os seus objetivos.

---

<sup>9</sup> Diferentes signos (señales) sirven de instrumentos que mediatizam los procesos psíquicos del hombre. Los instrumentos de trabajo están dirigidos hacia el exterior y conducen a los cambios de los objetos de la realidad circundante; los instrumentos-signos se dirigen hacia el interior y llevan a los cambios de los procesos psíquicos.

Duarte (2003, p. 25) explicita que “o instrumento é um objeto que é transformado para servir a determinadas finalidades no interior da prática social”.

Conforme Rego (1995, p. 50), “o instrumento tem a função de regular as ações sobre os objetos e o signo o qual regula as ações sobre o psiquismo das pessoas”. Sendo assim, para a autora, o instrumento gera mudanças externas, expandindo as possibilidades de intervenção na natureza.

Larocca e Junges (2004) consideram instrumento tudo o que se interpõe entre o homem e o ambiente, ampliando e modificando seu modo de ação natural. O signo é um instrumento psicológico, é um meio criado pelo homem para evocar a realidade material e imaterial.

O computador, como ferramenta, permite ao homem, ao contrário dos animais, produzir seus próprios instrumentos para satisfazer as necessidades que lhe são próprias, para concretizar tarefas que lhe são singulares. Isso é possível devido à sua capacidade de pensar, de aperfeiçoar, de transformar os antigos instrumentos em novos, por meio do trabalho.

Outro pilar fundamental a que Vigotski dedica atenção especial é a mediação. Por meio desse processo, as funções psicológicas superiores desenvolvem-se.

De acordo com Oliveira (1993, p. 26):

A mediação, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação. Assim, a relação entre o sujeito e o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada, sendo os sistemas simbólicos os elementos intermediários entre o sujeito e o mundo.

Entende-se que a relação humana com o mundo é uma relação mediada por “ferramentas auxiliares” que fazem parte da atividade humana e que foram criadas de forma exclusiva pelo homem.

Segundo Molon (2003, p. 102), “a mediação não está entre dois termos que estabelecem uma relação. É a própria relação. [...] ela ocorre por meio dos signos, da palavra, da semiótica, dos instrumentos. Estes mediam os processos de funcionamento psicológico que são fornecidos pela cultura”.

De acordo com Freitas (2007, p. 20):

A mediação é um processo dinâmico no qual as relações com o outro ou com instrumentos culturais modelam as ações das pessoas [...] o homem não tem acesso direto aos objetos do conhecimento, mas um acesso

mediado, que é possibilitado por sistemas semióticos, destacando-se aí o papel da linguagem.

Conforme a autora, os processos mentais superiores só podem ser entendidos por meio da mediação de instrumentos e signos, eles se interrelacionam.

Pino (2000, p. 38-39) aponta que:

Mediação é toda intervenção de um terceiro ‘elemento’ que possibilite a interação entre os ‘termos’ de uma relação. [...] é utilizado para designar a função dos sistemas de signos na comunicação entre os homens e na construção de um universo sócio-cultural. [...] a mediação dos sistemas de signos constituem o que denominamos ‘mediação semiótica’.

É na relação com o outro, mediada pelos signos, que o homem se apropria das significações socialmente construídas.

De acordo com Rego (1995, p. 50), “as funções psicológicas superiores se desenvolvem e os instrumentos e signos são elementos básicos responsáveis por essa mediação”.

Vigotski pretendia desenvolver uma abordagem abrangente, que explicasse as funções psicológicas superiores de forma aceitável para a ciência natural. Entendem-se como funções psicológicas superiores a atenção, a memória, a imaginação, a linguagem, o pensamento, a formação dos conceitos, entre outros. Essas funções diferem dos processos psicológicos elementares que são ações reflexos, de origem biológica.

Todas as funções psicológicas superiores aparecem, num primeiro momento, nas atividades coletivas e sociais como funções intersíquicas e, posteriormente, nas atividades individuais como propriedades internas do pensamento, como funções intrapsíquicas (VIGOTSKI, 1998, p. 114).

Assim, Vigotski dedicou-se ao estudo das funções psicológicas superiores, que são características tipicamente humanas e resultam da interação entre o homem e o meio sociocultural.

Para Rego (1995, p. 41- 42):

As funções psicológicas especificamente humanas se originam nas relações do indivíduo e seu contexto cultural e social. Isto é, o desenvolvimento mental humano não é dado a priori, não é imutável ou universal, não é passivo, nem tampouco independe do desenvolvimento histórico e das formas sociais da vida humana.

Na perspectiva vigotskiana, a constituição das funções complexas do pensamento é veiculada principalmente pelas trocas sociais. Nessa interação, o fator de maior peso é a linguagem, ou seja, a comunicação entre os homens (PALANGANA, 1994).

De acordo com Marx e Engels (2006, p. 56), a linguagem é:

[...]. tão antiga quanto a consciência real, prática, que existe para os outros nomes e, portanto também para mim mesmo; e a linguagem nasce, como a consciência, da carência, da necessidade de intercâmbio com outros homens. [...] a consciência, portanto, é desde o início um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens.

A linguagem constitui-se questão central nos estudos de Vigotski, é fonte mediadora na constituição do sujeito, uma vez que evidencia o modo como os indivíduos se comunicam com seus pares e com o mundo. Por meio da linguagem, o homem interage com os demais e constrói valores culturais e sociais, estabelecendo e compartilhando significados com o grupo cultural a que pertence.

De acordo com Vigotski (2000), a função da linguagem é comunicativa. A linguagem é, antes de tudo, um meio de comunicação social, de enunciação e de compreensão.

Para Vigotski e seus seguidores, a linguagem carrega consigo os conceitos generalizados, que são fonte do conhecimento humano. Instrumentos culturais especiais, como a escrita e a aritmética, expandem enormemente os poderes do homem, tornando a sabedoria do passado analisável no presente e passível de aperfeiçoamento no futuro (VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV, 1998, p. 26).

A linguagem é aquilo por meio do qual se generaliza e se transmite a experiência da prática histórica da humanidade; por conseguinte é igualmente um meio de comunicação, a condição da apropriação pelos indivíduos dessa experiência e a forma de sua existência na consciência (LEONTIEV, 1978, p. 172).

Assim, para o autor, “a linguagem é uma convenção social, historicamente construída pelo homem a partir das interações sociais na atividade do trabalho. [...] a linguagem é um meio, uma forma da consciência e do pensamento humanos” (LEONTIEV, 1978, p. 87).

Para esse autor, é com base na linguagem que se formam complexos processos de regulação das ações humanas. Inicialmente, a linguagem é uma forma

de comunicação entre o adulto e a criança. Posteriormente, a linguagem vai, gradualmente, transformando-se em um modo de organizar a atividade psicológica humana.

Vigotski e Bakhtin consideram o homem como um ser essencialmente social e histórico que, ao se relacionar com o outro em uma atividade prática comum intermediada pela linguagem, se constitui e se desenvolve como sujeito (FREITAS, 1994, p. 41).

Concordamos com Urt (1992, p. 116) ao afirmar que “a linguagem assume funções significativas na formação da consciência.” A linguagem amplia o mundo perceptível ao permitir conservar a informação recebida do mundo exterior e cria um mundo de imagens interiores, garantindo um processo de abstração e generalização.

Assim, a linguagem dos adolescentes na sociedade atual, repleta de “apelos”, leva-os a criarem vocabulários próprios. Isso pode ser constatado nas conversas em seu cotidiano na internet. Sendo assim, a linguagem constitui-se um instrumento significativo da socialização humana. Para pertencer a um determinado grupo, o jovem utiliza gírias e abreviações, o que reforça a identidade grupal, tornando-se uma espécie de signo.

Para Rubistein (1972, p. 10), a consciência individual de todo homem, que não se limita à experiência pessoal e às próprias observações, alimenta-se e enriquece-se consideravelmente com a experiência social que lhe chega por meio da linguagem.

Vigotski (2004) ressalta que a linguagem, esse instrumento de comunicação social, é, ao mesmo tempo, um instrumento de comunicação íntima do homem consigo mesmo. Desse modo, para o autor, além de possuir a função de comunicação social, a linguagem tem a função de construir a consciência.

O adolescente sente a necessidade de ser aceito por determinado grupo social e a linguagem marca o sentido de “pertença” e de identificação. Na internet, isso fica evidente nas formas abreviadas de escrita para tornar a tarefa de escrever mais rápida e nos símbolos, cheios de significados, códigos decifrados por poucos, que demonstram as emoções muitas vezes com formas distintas do cotidiano escolar, a qual acaba por se distanciar da realidade do jovem.

Por outro lado, o adolescente pode adquirir prazer pela escrita e leitura, propiciados pela escola, mesmo em meio a “queixas”. Quando o currículo traz a leitura obrigatória, o jovem revela o quanto ela é significativa. Muitas vezes, esse é um dos únicos espaços de apropriação da leitura de que o jovem dispõe.

Considera-se que a linguagem é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos. É o grupo cultural em que o indivíduo se desenvolve que lhe fornece formas de perceber e organizar o real, as quais vão constituir os instrumentos psicológicos que fazem a mediação entre o indivíduo e o mundo (OLIVEIRA, 1993, p. 6). Entende-se que o jovem, em suas atividades, ao se relacionar com o computador, o faz de modo mediado.

Para Rego (1995, p. 55), na abordagem vigotskiana,

A linguagem é um sistema de signos que possibilita o intercâmbio social entre os indivíduos que compartilhem desse sistema de representações da realidade. Esses sistemas simbólicos funcionam como elementos mediadores que permitem a comunicação entre os indivíduos, o estabelecimento de significados compartilhados, por determinado grupo cultural, a percepção e interpretação dos objetos, eventos e situações do mundo circundante.

Concordamos com Aguiar (2007, p. 104), ao assegurar que “a linguagem é, portanto, o instrumento fundamental no processo de mediação social, no qual o homem se individualiza, se humaniza, apreende e materializa o mundo das significações construído no processo social e histórico”.

Segundo Palangana (1994), na concepção de Vigotski, o desenvolvimento da linguagem coloca-se como paradigma para explicar a formação de todas as demais operações mentais que envolvem o uso de signos.

Para Rego (2004, p. 42):

São os instrumentos técnicos e os sistemas de signos, construídos historicamente, que fazem a mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo. A linguagem é um signo por excelência, pois ela carrega em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana.

Assim, essa conquista da linguagem marca o desenvolvimento humano, uma vez que os signos e palavras passam a ser o meio de contato social.

A linguagem é um elemento de interação entre os sujeitos, carregada de significados culturais, por meio dos quais estes se comunicam com o mundo. Portanto, ela é fundamental para mediar as relações entre os homens.

Nas palavras de Kenski (2007, p. 23):

A linguagem é uma construção criada pela inteligência humana para possibilitar a comunicação entre os membros de determinado grupo social. Estruturada pelo uso, por inúmeras gerações, e transformada pelas

múltiplas interações entre grupos diferentes, a linguagem deu origem aos diferentes idiomas existentes e que são característicos da identidade de um determinado povo, de uma cultura.

Como as tecnologias estão em permanente mudança e o seu principal espaço é a ação virtual e a sua matéria-prima é a informação, a linguagem é fator preponderante no cotidiano do jovem, para que ele possa interagir com os demais.

Os adolescentes acumulam saberes como sujeitos ativos, inteirando-se por meio de trocas com o grupo social. Como partícipes da evolução filogenética humana, desenvolvem-se em função das características desse meio social, da dimensão cultural que se forma nas atividades, relações com os demais, pelos instrumentos e pelo desenvolvimento da linguagem.

Segundo Vigotski (2000), a linguagem não é só uma reação expressivo-emocional, mas também um meio de contato psicológico com semelhantes.

Bakhtin (1999, p. 113) compartilha com essa ideia:

[...] toda a palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela apóia-se sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é um território comum do locutor e do interlocutor.

Para o autor, a palavra é um fenômeno ideológico por excelência e o modo mais puro e sensível de relação social.

A formação dos conceitos culturais é um pressuposto fundamental nessa teoria: um ato do pensamento durante o decorrer do desenvolvimento do indivíduo.

De acordo com Vigotski (1996), existem dois tipos de conceitos: os conceitos cotidianos e os conceitos científicos. Os conceitos cotidianos podem alcançar a generalização que parte de uma situação evidente, são conceitos espontâneos, vão do concreto ao abstrato, formados pela comunicação direta entre as pessoas. Os conceitos científicos, ao contrário, vão do abstrato ao concreto, são fornecidos à consciência durante a sua instrução, apropriados por meio do processo educativo.

Para Rego (2004), os conceitos são construções culturais, internalizadas pelos indivíduos ao longo de seu processo de desenvolvimento.

Assim, os conceitos cotidianos são construídos por meio da observação e os conceitos científicos são sistematizados, adquiridos nas interações escolarizadas.

A formação de conceitos, fundamental no desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, é longa e complexa, pois envolve operações intelectuais dirigidas pelo uso das palavras (atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar) (REGO, 2004, p. 78).

Duarte (2003, p. 80) afirma que:

A apropriação do concreto, do pensamento ocorre pela mediação das abstrações, pela mediação dos conceitos mais abstratos. O que aparentemente seria um afastamento da realidade concreta, é o caminho para o conhecimento cada vez mais profundo dos processos essenciais da realidade objetiva. Vigotski via no desenvolvimento desse tipo de pensamento um dos momentos essenciais da passagem da infância à adolescência, por meio da formação do pensamento por conceitos.

Ainda segundo o autor, a passagem ao pensamento por conceitos é o passo decisivo, na adolescência, para o desenvolvimento da personalidade e da concepção de mundo do indivíduo.

Portanto, na concepção desse autor, o trabalho educativo possibilita ao indivíduo o avanço nos conteúdos científicos.

Rego (2004) assegura que o desenvolvimento dos processos, que finalmente resultam na formação dos conceitos, começa na fase mais precoce da infância, mas as funções intelectuais que, numa combinação específica formam a base psicológica do processo de formação de conceitos, amadurecem, se configuram e se desenvolvem somente na adolescência. No entanto, é necessário o estímulo do meio sobre o intelecto do adolescente para que ele atinja estágios mais avançados de raciocínio.

Facci (2004, p. 212) assevera que

Os conceitos envolvem um sistema de relações e generalizações contido nas palavras e determinado por um processo histórico. O contexto cultural no qual o indivíduo se desenvolve vai fornecer-lhes os significados das palavras do grupo em que se está inserido. Todo conceito é sempre uma generalização.

Para Vigotski, o grau de assimilação dos conceitos cotidianos revela o nível de desenvolvimento atual e a assimilação dos conceitos científicos corresponde à sua zona de desenvolvimento proximal.

Entende-se por zona de desenvolvimento proximal:

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar por meio da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por meio da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKI, 1984, p. 87).

Esses conceitos são significativos, uma vez que permitem compreender como se constitui o sujeito. As diversas abordagens da Psicologia desconsideram os aspectos históricos e culturais que constituem o indivíduo, diferindo da abordagem vigotskiana.

De acordo com Aguiar (2007, p. 107):

A constituição do sujeito é vista, como um resultado de um processo de 'conversão' do social no individual, sem que indivíduo e sociedade mantenham entre si uma relação isomórfica. [...] a conversão consistiria em transformar materialidades concretas em produções simbólicas, como é próprio da atividade humana.

Assim, é por meio das relações que o sujeito estabelece na sociedade que vai se constituindo.

Os conceitos cotidianos desenvolvem-se de modo espontâneo. Já os científicos são fornecidos durante a instrução e desempenham um papel decisivo no intelecto, o que é possível a partir da instrução escolar. Nos escritos de Vigotski (1998, p. 114), o único bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento.

A partir disso, pode-se dizer que a escola e as interações do cotidiano da vida do jovem desempenham papel preponderante sobre o conhecimento, a aprendizagem e o desenvolvimento da sua identidade.

Concordamos com Rego (2004), ao explicar que a escola possibilita que o indivíduo tenha acesso ao conhecimento científico que foi construído e acumulado pela humanidade.

Para Vigotski (2001), só na adolescência é que se chega ao pensamento por conceitos. Entretanto, como este conceito não é linear, mesmo depois de ter aprendido uma forma superior de pensamento, por conceitos, a pessoa não abandona as formas elementares, que durante muito tempo ainda permanecem em muitas áreas de seu pensamento.

Para Facci (2004, p. 213):

As funções intelectuais que são necessárias para a formação dos conceitos desenvolvem-se de modo pleno na adolescência. Somente na adolescência é

possível a transição definitiva ao pensamento conceitual. As próprias exigências do meio social impostas aos adolescentes, as suas necessidades, os motivos de suas atividades, tudo os incita e os obriga a dar um passo decisivo no seu pensamento. As exigências vitais são fatores que nutrem e orientam o desenvolvimento intelectual na adolescência, e o processo de formação dos conceitos é uma forma superior de atividade intelectual.

De acordo com Freitas (2007, p. 23-24):

A formação dos conceitos e seu emprego são o núcleo fundamental que aglutina todas as mudanças que se produzem no pensamento do jovem é realmente a nova forma de atividade intelectual, um novo modo de conduta, um novo mecanismo intelectual. [...] todo o conteúdo do pensamento se renova e se reestrutura devido à formação de conceitos.

Por meio dos conceitos, o adolescente assimila a ciência, a arte, as diversas esferas da cultura e começa a participar ativamente da vida cultural que o rodeia. Compreende as interdependências, as relações desde o pensamento lógico; o pensamento conceitual permite-lhe refletir de forma mais complexa sobre a realidade que enfrenta.

Para Freitas (2007), o conceito é o meio mais fundamental para sistematizar e conhecer o mundo exterior. A formação de conceitos permite que o jovem penetre também em sua realidade interna, em suas vivências interiores, dá condições para que compreenda a si próprio e, conseqüentemente, os demais.

Tudo aquilo que era ao princípio exterior- convicções, interesses, concepções de mundo, normas éticas, regras de conduta, inclinações, ideais determinados esquemas de pensamento- passa a ser interior, porque o adolescente, devido ao seu desenvolvimento, maturação e à mudança do meio, se lhe apresenta a tarefa de dominar um conteúdo novo, nascem nele estímulos novos que lhe impulsionam ao desenvolvimento e aos mecanismos formais de pensamento (VYGOTSKI, 1996, p. 63).

Desse modo, o pensamento por conceitos permite ao adolescente o conhecimento de si, dos demais e a mudança do conteúdo de seu pensamento.

Sabe-se que, para o adolescente, o relacionamento com o grupo é extremamente significativo. Oliveira (1993) afirma que o grupo cultural no qual o indivíduo se desenvolve é que vai lhe oferecer os significados que ordenam o real em categorias e conceitos nomeados por palavras da língua desse grupo.

Segundo Oliveira (1993, p. 3):

A vida social é um processo dinâmico, em que cada sujeito é ativo e onde acontece a interação entre o mundo cultural e o mundo subjetivo de cada

um [...]. O processo de desenvolvimento do ser humano, marcado por sua inserção em determinado grupo cultural, dá-se de “fora para dentro”. Isto é, primeiramente o indivíduo realiza ações externas, que serão interpretadas pelas pessoas a seu redor, de acordo com os significados culturalmente estabelecidos. A partir dessa interpretação é que será possível para o indivíduo atribuir significados a suas próprias ações e desenvolver processos psicológicos internos que podem ser interpretados por ele próprio a partir dos mecanismos estabelecidos pelo grupo cultural e compreendidos por meio dos códigos compartilhados pelos membros desse grupo.

Dessa forma, pode-se dizer que, no decorrer do seu desenvolvimento, o jovem se apropria de signos culturais nos diversos espaços sociais. Faz uso da linguagem oral, escrita e convive também com as mediações oportunizadas pelo computador em seu cotidiano.

Os temas investigados por Vigotski constituem uma contribuição fundamental no âmbito educacional. Acreditamos que o computador, sendo um instrumento realizado pela mão humana, propicia a relação do indivíduo consigo e com os demais. O computador, como um instrumento de comunicação, também parece interferir no desenvolvimento intelectual e no contexto educacional.

Urt (1989, p. 87) enfatiza que:

Os conhecimentos invadem através dos meios de comunicação, os espaços íntimos, trazendo consigo atitudes e hábitos que de maneira suave, razoável e democrática, vão penetrando no pensamento e nas ações, afetando profundamente a visão de mundo. Cada um aprende, à sua maneira, a manipular esses conhecimentos, impregnando-se do conteúdo e do estilo de pensamento que eles representam [...] há uma permanente dialética da realidade psicológica e da estrutura social no sentido de que, as transformações na estrutura social tais como as transformações ocorridas pela Revolução Industrial correspondem concomitantes alterações na realidade psicológica.

O desenvolvimento acelerado e o avanço tecnológico levam o homem a continuar dominando e interferindo nos mecanismos da natureza. Desse modo, o homem deve compreender esse novo contexto para poder inserir-se na sociedade e dela participar.

Segundo Leontiev (1978), pelas suas atividades, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na, criam objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção desses objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas.

O computador surge como um instrumento que caracteriza culturas, constituindo-se num meio capaz de mudar ou modelar a atividade, a constituição do sujeito e, conseqüentemente, a identidade dos adolescentes na atualidade.

## 2.2 A categoria atividade e a adolescência

Leontiev (1978) preocupou-se em estudar as relações entre o desenvolvimento do psiquismo e a cultura. Seus estudos também reúnem reflexões acerca do trabalho e das categorias consciência, personalidade e atividade.

A via aberta pela análise histórica mostra que as propriedades do psiquismo humano são determinadas pelas relações reais do homem com o mundo. Relações que dependem das condições históricas objetivas da sua vida. São estas relações que criam as particularidades estruturais da consciência humana, e que por ela são refletidas. Assim se caracteriza o psiquismo humano na sua verdadeira essência social (LEONTIEV, 1978, p. 138).

Ao estudar o desenvolvimento do psiquismo humano, podemos analisar a atividade do adolescente e de que modo ele se organiza nas suas condições concretas de existência. Pode-se dizer que a atividade de estudo é uma das ações que fazem parte do cotidiano dos adolescentes.

Rubinstein (1972) concebe o estudo como um processo formativo ou educativo de aprendizagem e de apropriação ativa dos conhecimentos, cuja finalidade principal consiste na preparação para a futura atividade independente do trabalho. Assim, a aprendizagem não acontece de forma passiva e sim, antes de tudo, por uma apropriação de conhecimentos.

De acordo com Urt (2005), na perspectiva histórica, o processo de estudo é considerado atividade, tal como o trabalho e o jogo.

Talízina (1988, p. 42-43, tradução nossa)<sup>10</sup> “assegura que a atividade sempre deve responder a alguma necessidade do sujeito e estar dirigida ao objeto capaz de satisfazer essa necessidade, que é material. Esse objeto impulsiona e dirige a atividade do sujeito”.

Segundo a autora, o estudo orienta-se para satisfazer uma necessidade e é considerado atividade se os conhecimentos assimilados orientam-se para um fim.

<sup>10</sup> La actividad del sujeto siempre responde a alguna necesidad suya, está dirigida al objeto capaz de satisfazer esta necesidad.

Na atualidade, percebe-se uma ênfase cada vez maior ao horário de estudo do aluno, quando deverá fixar o conhecimento previamente apropriado em sala de aula. Por outro lado, com o advento da era digital, observa-se o crescente interesse do adolescente pelos jogos virtuais, salas de bate-papo, *Chats*, Orkut, MSN, entre outros - em detrimento do livro didático, da apostila e dos conteúdos ministrados em sala de aula.

De acordo com Leontiev (1978), o mundo real, imediato, do homem, que mais do que tudo determina a sua vida, é um mundo transformado e criado pela atividade humana. Essa atividade orienta-se para determinado fim por meio dos instrumentos.

As motivações e as necessidades humanas modificam-se, adquirem novas formas de relação conforme as alterações que acontecem ao longo do tempo. Assim, a adolescência em décadas anteriores possuía objetivos e desejos bastante diversos daqueles constatados na época presente.

Pode-se dizer que, conforme o sujeito satisfaz as suas necessidades por meio das atividades desenvolvidas, busca apropriar-se de atividades sociais mais complexas, as quais poderão orientar novos modos de ação.

Com a evolução tecnológica, surgem novos instrumentos fabricados pela mão humana, novos meios de comunicação e informação que, juntamente com a atividade de estudo, passam a fazer parte do cotidiano dos adolescentes e originam novas formas de atividade.

É no cotidiano que o indivíduo constrói sua marca identitária, realiza suas negociações com o outro e estabelece as suas condições para a vida. O indivíduo não vive isolado; a realidade da vida cotidiana apresenta-se de modo intersubjetivo, em contínua interação e comunicação com os outros. A atividade de estudo permite essa interrelação no espaço da escola.

Para Leontiev (1978, p. 271- 272).

As relações com o mundo têm sempre por intermediário a relação do homem com outros seres humanos; sua atividade está sempre inserida na comunicação. A comunicação quer esta se efetue sob sua forma exterior, inicial, de atividade em comum, quer sob a forma de comunicação verbal ou mesmo apenas mental, é condição necessária e específica do desenvolvimento do homem na sociedade.

No pensamento vigotskiano, existe uma ligação entre a história individual a história social, a constituição do sujeito. Assim, o homem é essencialmente histórico, sujeito das especificidades encontradas do contexto cultural, transformando-se continuamente.

Em seus estudos, Cunha (2005) assevera que as dimensões sociais e individuais, embora diferentes, são constitutivas uma da outra e ambas constituem o sujeito. Desse modo, refletir sobre o que o adolescente realiza em seu cotidiano permite compreender o processo que o constitui. Portanto, estudar o seu processo de constituição implica compreender seus modos de ser e de relacionar-se.

Para Oliveira (1993), a interação face a face entre os indivíduos particulares desempenha um papel fundamental na construção do ser humano: é por meio da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo interioriza as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico.

A partir do que foi posto, pode-se dizer que no decorrer do seu desenvolvimento, o adolescente se apropria de signos culturais nos diversos espaços sociais que convive.

### **2.3 A constituição do sujeito adolescente e a abordagem histórico-cultural**

Na abordagem da Psicologia histórico-cultural, o desenvolvimento humano pode ser compreendido pelas formas ontogenética e filogenética. A primeira apresenta o indivíduo como espécie e os processos que determinam as mudanças que ocorrem da infância até a fase adulta; a segunda busca a compreensão de vínculos existentes no ser humano, desde as questões mais primitivas até as mais civilizadas. Vigostki concebe o modelo da análise das funções psicológicas superiores baseado na historiogênese, na filogênese e na ontogênese.

Assim, para essa abordagem em relação ao desenvolvimento humano, podemos dizer que o indivíduo está em constante transformação, em um processo contínuo de construção de si mesmo.

De acordo com Miranda (1999), a adolescência, como as demais fases da vida humana, organiza-se em função das relações sociais e está ligada à produção e ao consumo.

Ferreira (1986, p. 67) assegura que:

O materialismo histórico, indica uma nova forma de superar as dicotomizações a respeito do desenvolvimento humano, enfatizando as mudanças qualitativas que se processam a nível do psiquismo a participação do indivíduo na estrutura da sociedade bem como a aquisição prática do conhecimento adquirido socialmente.

Para Clímaco (1991), o desenvolvimento humano está submetido a determinações histórico-culturais; o processo de desenvolvimento do adolescente é singular conforme a cultura e a época em que vive. Assim, na adolescência, as mudanças realizam-se de modo singular para cada adolescente, o que depende do momento vivido, das condições socioculturais em que se insere. Isso significa que, em nossa sociedade, esse período não é igual para todos os jovens.

Desse modo, a Psicologia que tem por base o materialismo histórico-dialético possui uma visão mais abrangente de homem, uma vez que concebe o seu desenvolvimento a partir de suas condições concretas de existência.

Para Vigotski (2004), a fase da adolescência caracteriza-se pelo estabelecimento das relações com o meio.

Lane (1980, p. 42) sustenta que:

A consideração de uma dimensão histórica significa assumir que tanto os processos internos como os estímulos do meio têm uma significação 'anterior' à existência deste indivíduo, e esta anterioridade decorre da história da sociedade ou do grupo social ou, se quisermos, da cultura na qual o indivíduo nasce. Por mais que enfatizemos a unicidade, a individualidade de cada ser humano, por mais 'sui generis' que se possa ser só poderá ocorrer sobre os conteúdos que a sociedade lhe dá e sobre as condições de vida real que lhe permite ter.

Assim, é significativo compreender o sujeito como ser histórico, em que a relação indivíduo-sociedade é estabelecida de forma concreta.

A adolescência caracteriza-se por ser uma fase de transição entre a infância e a juventude. É uma etapa entre a infância e a juventude. Uma fase extremamente importante do desenvolvimento, com características muito próprias, que levará a criança a tornar-se um adulto, acrescida da capacidade de reprodução.

Um estudo realizado por Bock (2007), que se propôs a analisar as concepções da adolescência presentes em livros dos autores Zagury (1996, 2001) e Tiba (1996), bem como de alguns conceitos acerca das principais características que envolvem essa fase, com o objetivo de orientar pais e professores por meio de uma leitura crítica dessas concepções.

De acordo com Bock (2004, p. 33):

A adolescência tem sido definida por vários autores e na Psicologia em geral, como uma fase natural do desenvolvimento humano. Ela está pensada como se fizesse parte da natureza humana e como algo que desabrocha ao final da infância e antes da vida adulta. Assim, está naturalizada a adolescência. Basta a todos aguardarem que esta fase um dia chegará. Um caráter universal e abstrato foi dado a ela, inerente ao desenvolvimento humano. A adolescência não só foi naturalizada, como tomada como uma fase difícil. Uma fase do desenvolvimento, semipatológica, que se apresenta carregada de conflitos 'naturais'.

Desse modo, a ênfase é revelada apenas nos aspectos negativos do comportamento do adolescente, um momento difícil e conflituoso.

Bock (2004) assegura que as concepções analisadas vão em direção contrária às ideias da Psicologia histórico-cultural. Para os autores estudados, nenhuma das características dessa fase é constituída nas relações sociais e na cultura.

Há que se olhar para um sujeito concreto, histórico, que traz marcas da cultura e do meio em que se insere. Sendo assim, responder o que é a adolescência implica buscar compreender a sua gênese histórica e o seu desenvolvimento.

Vejam como alguns autores concebem a adolescência, fundamentados no referencial teórico da abordagem histórico cultural:

Segundo Facci (2004, p. 70-71):

Uma nova transição é a chegada da adolescência, com uma outra atividade principal: a comunicação íntima pessoal entre os jovens. Ocorre uma mudança na posição que o jovem ocupa com relação ao adulto e as forças físicas, juntamente com seus conhecimentos e capacidades. [...] tornam-se críticos em face às exigências que lhe são impostas, das maneiras de agir, das qualidades pessoais dos adultos e também dos conhecimentos teóricos.

Por meio desse conceito, podemos perceber a importância do envolvimento do jovem com seus pares.

Para essa autora (2004, p. 64).

Vigotski e seus seguidores Leontiev e Elkonin, desenvolveram as bases de uma Psicologia de desenvolvimento que superasse o enfoque naturalizante tão forte neste campo. Segundo eles cada período do desenvolvimento individual humano é caracterizado por uma atividade principal a partir da qual se estruturam as relações do indivíduo com a realidade social.

Freitas (2007, p. 23) define que:

A adolescência não é um período de conclusão, mas de crise e amadurecimento do pensamento. [...] a formação dos conceitos e seu emprego são o núcleo fundamental que aglutina todas as mudanças que se produzem no pensamento do jovem: é realmente o novo o que acontece nessa idade.

Xavier (2000, p. 161-162) compartilha com essas ideias:

Esses conceitos não são abstratos lineares num paradigma universal que corrobora com a idéia de que todas as pessoas são individuais e que passam pelas mesmas fases, independentemente de suas diferenças psicossociais e históricas [...] a adolescência, na perspectiva histórico-cultural, é uma fase da vida dos seres humanos que vão construir-se dependendo do meio sócio-cultural em que estão inseridos.

Ozella (2003, p. 9) compactua com essa mesma visão:

A abordagem sócio-histórica não nega a existência da adolescência enquanto um conceito importante para a psicologia. Entretanto não considera como uma fase natural do desenvolvimento e sim como uma criação histórica da humanidade. Um fato que passou a fazer parte da cultura enquanto significado, isto é, um momento interpretado e construído pelos homens, um período construído historicamente.

São os homens que atuam sobre o mundo para transformá-lo, internalizando as habilidades que lhes foram transmitidas pelas gerações precedentes. O jovem está em processo de transformação permanente, num mundo em constante movimento.

Para Leontiev (1978, p. 267):

Não há aptidões e caracteres especificamente humanos que tenham sido transmitidos por hereditariedade biológica, mas adquirem-se no decurso da vida por um processo de apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes.

Na perspectiva de Vigotski, o organismo e o meio interagem, modificando-se ambos nessa relação. Assim, o desenvolvimento do homem é produto da apropriação pelo sujeito da experiência histórica e cultural acumulada.

De acordo com Rego (2004, p. 58).

Devido a essas características especificamente humanas torna-se impossível considerar o desenvolvimento do sujeito como um processo previsível, universal, linear ou gradual. O desenvolvimento está intimamente relacionado ao contexto sócio-cultural em que a pessoa se insere e se processa de forma dinâmica (e dialética) por meio de rupturas e desequilíbrios provocadores de contínuas reorganizações por parte do indivíduo.

Bock et alii (2001, p. 166 -167) afirmam que “a adolescência, na forma como se constitui, deve ser entendida no seu movimento e suas características devem ser compreendidas no processo histórico de sua constituição”. Há necessidade, portanto, de superação dessa visão naturalizante e que se dê ênfase à visão histórica.

De acordo com os autores, tais características têm sua explicação nas relações sociais e na cultura, e não no próprio desenvolvimento do sujeito que se constitui o adolescente, como se suas características aparecessem naturalmente à medida que atingisse determinada idade. Essa afirmação vai ao encontro do que preconiza o ideário vigotskiano. Vigotski (2000) caracteriza a adolescência pela ampliação dos interesses para além dos limites do meio imediato. Os olhos do jovem sempre estão amplamente abertos para o mundo e isso significa a maturidade do seu ser para a vida.

Conforme constatamos em Leontiev (1978, p. 267):

Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana.

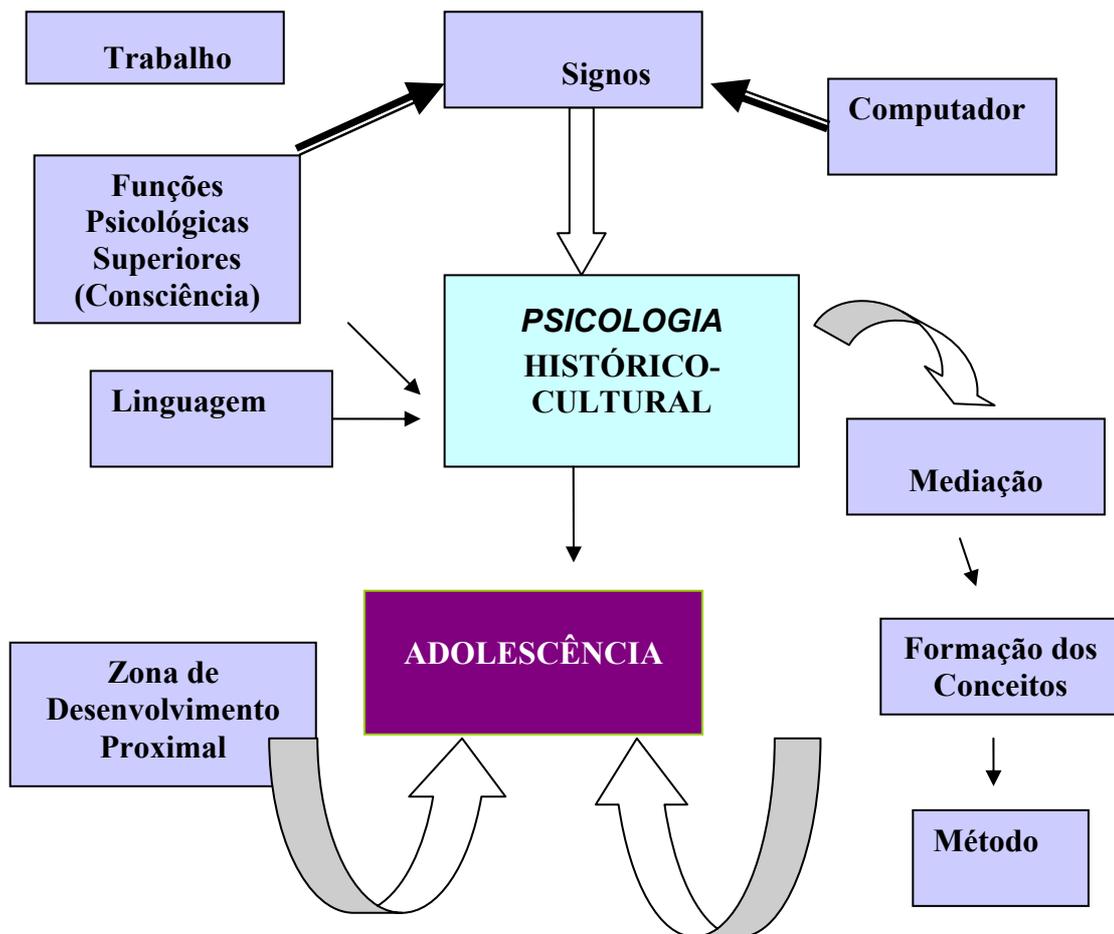
São os homens que atuam sobre o mundo para transformá-lo e esse processo é sempre ativo, sob o ponto de vista do homem.

De acordo com a dimensão histórico-cultural, adolescência e juventude são fenômenos históricos e sociais, pois diferem em cada momento histórico de determinada sociedade. Compartilham elementos da cultura, mas são diferentes em cada geração.

Neste capítulo refletimos sobre os principais pilares da Psicologia histórico-cultural, de modo a embasar nossos estudos. Assim, foram abordados os signos, a mediação, a linguagem, a ZPD, as Funções Psicológicas Superiores e a formação dos conceitos que se aproximam da temática em questão. Posteriormente, a reflexão teve como alvo o desenvolvimento do psiquismo humano, trazendo a categoria Atividade para o estudo. Por fim, tratou-se da concepção de adolescência pela visão dos autores clássicos da Psicologia e pela visão dos autores que têm como suporte teórico as ideias vigotskianas. Levaram-se em consideração as reflexões teóricas a respeito da questão, pois existem características marcantes e diversas entre uma e outra concepção: os primeiros autores tratam a questão de modo universal; os demais

defendem que esse sujeito deve ser visto pelas condições histórico-sociais. A seguir ilustraremos a reflexão realizada nesse capítulo, por meio de mapas conceituais:

### Pilares da abordagem histórico-cultural



## CAPÍTULO III

### ADOLESCÊNCIA, COTIDIANO E ESCOLA: EM TEMPOS DE INTERNET

#### 3.1 Adolescência, cultura e cotidianidade

Neste capítulo abordaremos inicialmente a teoria do cotidiano e alguns aspectos da cultura que se encontram inseridos os sujeitos de pesquisa a fim de melhor entender a realidade que o cerca. Em seguida a nossa reflexão será sobre a questão da identidade e da subjetividade e as marcas que permeiam a vida desses sujeitos, como os diários, os blogs e as memórias. Por fim, abordaremos os novos modos de interação e as relações entre os professores e os adolescentes neste novo espaço que se configura por meio do virtual.

Na tentativa de compreendermos como o adolescente vive a sua realidade social e cultural, é significativa a reflexão sobre como se dá e se concebe a vida cotidiana dos indivíduos.

Nos escritos de Heller (2008), a vida cotidiana é a vida do homem inteiro, ou seja, o homem participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade e de sua personalidade. Logo, define-se como um conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos homens singulares.

A autora apresenta a vida cotidiana em dois aspectos: a esfera da vida social humana, que se refere aos aspectos da formação do indivíduo, da linguagem, dos símbolos, usos e costumes da sociedade e a esfera não cotidiana da atividade social, que trata do desenvolvimento do indivíduo influenciado pelas artes, pela filosofia e pela política, entre outros. Essas esferas mudam à medida que o homem vai se transformando e se aprimorando.

Para Urt (1992), a vida cotidiana é mantida por meio da rotina e se reafirma na interação do sujeito com os demais.

Os grupos humanos são organizados pela cultura, que determina o modo de relacionamento com os demais, os valores significativos na convivência social, a experiência que se acumula de uma geração para outra.

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas, no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas. Este processo coloca-o, por assim dizer, aos ombros das gerações anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal (LEONTIEV, 1978, p. 301).

Desse modo, no referencial da abordagem histórico-cultural, ao contrário das demais teorias psicológicas, o sujeito constitui-se a partir da cultura em que se insere.

De acordo com Vigotski (2000), toda a cultura humana que diz respeito ao próprio homem e ao seu comportamento não é senão essa adaptação do instinto ao meio. Os grupos fazem parte do cotidiano dos adolescentes, estabelecem trocas entre o sujeito e seus valores culturais.

Boran (1994, p. 66) “assevera que se percebe uma grande mudança cultural ao longo dos tempos, sobretudo no meio da juventude. O que é propagado pelos meios de comunicação penetra cada vez mais na maneira de se pensar e de se comportar dos jovens”.

Os crescentes avanços tecnológicos acentuam essa tendência; desse modo, não é possível entender o jovem sem entender a cultura em que se insere. Essas transformações criam indivíduos diferentes, que buscam resultados imediatos e o controle das situações. Elas propiciam condições para que ocorram as mudanças na cultura.

Dessa forma, pode-se dizer que tudo acontece de forma muito veloz, o que distingue essa sociedade das antecedentes.

Para Thompson (2002, p. 40),

A virtualidade das comunicações se torna virtualmente instantânea. O mundo se parece um lugar cada vez menor, não mais uma imensidão de territórios desconhecidos, mas um globo completamente explorado, cuidadosamente mapeado e inteiramente vulnerável à ingerência dos seres humanos.

Os jovens passam a ter acesso a muitos tipos de ideias e opções, um mundo de imagens, de cores, músicas e pares que despertam seu interesse, sua motivação. De certo modo eles são seduzidos pelo novo, pelo diferente. A cultura é transmitida

por meio das gerações, pelos símbolos, rituais que fazem parte dessa realidade virtual.

De acordo com Boran (1994) os jovens participam da cultura de seu povo. Mas apresentam traços culturais singulares que os diferenciam dos adultos.

Para Thompson (2002, p. 42), “A recepção dos produtos da mídia é uma rotina, uma atividade prática que muitos indivíduos já integram como parte de suas vidas cotidianas”.

Olhar para os adolescentes, considerando a identidade em construção e por fazerem parte deste espaço digital, como sujeitos que se constituem nas relações estabelecidas em seu cotidiano.

### **3.2 A adolescência e a identidade**

O termo identidade, de origem latina, significa igualdade e continuidade. É abordado por diversos campos da ciência, como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, entre outros. Existem diferentes perspectivas na definição desse termo. É uma construção que acontece no fazer cotidiano do sujeito.

De acordo com Ciampa (1999, p. 1):

A identidade, como metamorfose, é a articulação no presente, do passado e do futuro. As transformações da época contemporânea, cada vez mais rápidas, ameaçam as formas de vida estacionárias. Mais que em qualquer outro período, atualmente a possibilidade de sobrevivência de povos e nações depende de sua capacidade de autotransformação.

Portanto, a questão identitária faz parte de um processo contínuo em que nada é estável, fixo e permanente; tudo se movimenta, num processo de constante mudança.

A identidade é como algo que pode ser apreendido, em que os indivíduos constituem-se como sujeitos a partir do convívio no ambiente social por meio dos grupos que farão parte de suas trajetórias.

Ciampa (1987, p. 86) explica:

Só se é alguém por meio das relações sociais. O indivíduo isolado é uma abstração. A identidade se concretiza na atividade social. O mundo, criação humana, é o lugar do homem. Uma identidade que não se realiza na relação com o próximo é fictícia, é abstrata, é falsa.

Esta questão é significativa ao indagarmos a respeito da vida dos adolescentes, quando procuramos saber o que cada um é, como é o seu cotidiano. Pode-se dizer que os jovens estão em processo de transformação permanente, num mundo que está em constante movimento. Nesse sentido, sua identidade também está em processo de mudança e se constrói ao longo do tempo.

Ciampa (1987, p. 36) ainda expõe: “O humano é sempre uma porta abrindo-se em mais saídas. O humano é vir-a-ser humano. Identidade humana é vida! Tudo o que impede vida impede que tenhamos uma identidade humana”.

Durante sua vida as pessoas interagem com as demais, passando a internalizar e apropriar-se de conceitos desenvolvidos a partir da sociedade a que pertencem. Concordamos com Ciampa (1999), por acreditarmos que a identidade é um processo que não está pronto e nem acabado, mas em transformação. É uma construção que acontece no fazer cotidiano do sujeito, e não da forma estável como afirma Erikson (1976).

Pode-se dizer que uma característica notória encontrada na vida dos adolescentes é a grande ênfase na relação grupal. Em cada época os grupos identificam-se e isso reflete em seus cotidiano.

De acordo com Serrão e Baleeiro (1999, p. 59):

O primeiro momento na construção do sentimento de grupo diz respeito à identidade de cada um dos seus participantes e à delimitação do espaço que ser-lhe-á dado a ocupar. O nome próprio, a forma como o adolescente se apresenta, o modo como deseja ser e como é, efetivamente, chamado pelos companheiros lhe conferem uma identidade pessoal que irá destacá-lo da massa grupal, permitindo que seja reconhecido como único e original entre os demais.

Assim, o grupo exerce influência sobre a identidade do jovem, uma vez que existe uma necessidade de pertença e de aceitação. Os jovens buscam sua identidade ao estabelecer quem são, o lugar que ocupam em seu grupo e a posição que podem ocupar na vida em sociedade.

A conformidade com o grupo passa a ser a tônica das ações para que o indivíduo seja aceito por ele, possibilitando o estabelecimento da identidade.

Pollak (1992, p. 204) assegura que “[...] ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros”.

Ao identificar-se com o grupo, o adolescente passa a ter uma identidade que também é coletiva.

Para Ciampa (1987, p. 64), “o conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados por meio de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses”.

Ciampa (1987, p. 72), em outro momento, afirma que não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo da sociedade. “É do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem suas determinações e, conseqüentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade”.

Na adolescência, os jovens começam a conquistar o seu espaço na sociedade, a buscar um lugar no mundo. Inicialmente passam a relacionar-se com um grupo e a identificar-se com ele.

Assim, durante o período juvenil é que o processo de construção da identidade é significativo e se constitui.

Nas palavras de Leontiev (1978, p. 261) “O homem é um ser de natureza social e tudo que tem de humano nele provém de sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade”. Dessa forma, o sujeito constitui-se a partir das interações que estabelece no meio em que vive.

Acreditamos que a singularidade constitui-se a partir das relações sociais e culturais que o sujeito estabelece ao longo de sua vida. O jovem deve ser visto na sua especificidade, ou seja, um sujeito concreto, social e cultural.

Alves (2003, p. 28), em uma de suas reflexões, afirma que:

Pois o singular é sempre uma forma de realização do universal [...]. O singular é a manifestação, no espaço convencionado, de como leis gerais do universal operam dando-lhe uma configuração específica. Universal e singular, nessa perspectiva, são indissociáveis.

Desse modo, o sujeito, ainda que singular, é sempre social. Constrói-se também na relação com o outro. A identidade do jovem suscita inúmeras questões que são reveladas, em seu cotidiano, nas suas relações familiares, pessoais, na vida social, nas suas atitudes, nas relações virtuais e, sobretudo, no contexto escolar.

Segundo Velho (2006), a construção de identidades é um processo que decorre no tempo, é dinâmico, transforma-se e se dá em múltiplos contextos socioculturais e níveis de realidade.

Por meio da subjetividade o sujeito dá sentido à sua vida e se autoafirma. Isso pode ser revelado no modo em que o adolescente se coloca perante o sentido de pertença ao grupo.

Para Rey (1997, p.107), a subjetividade está organizada por processos e configurações que continuamente se interpenetram, estão em constante desenvolvimento e muito vinculados à inserção simultânea do sujeito em outro sistema igualmente complexo, que é a sociedade.

Portanto, esses processos vividos pelo adolescente iniciam-se, num primeiro momento, na busca interna da construção de sua identidade, da autoafirmação, da aceitação pelo grupo, ao mesmo tempo em que é incluído na sociedade.

Cunha (2005, p. 210) ressalta que “a subjetividade constitui-se a partir de redes (relações) comunicativo-dialógicas que se estabelecem entre as pessoas o homem pode ser compreendido como uma síntese subjetiva de uma história particular e da história social”.

Segundo Molon (2003, p. 143):

A subjetividade manifesta-se, revela-se, converte-se, materializa-se e objetiva-se no sujeito. Ela é processo que não se cristaliza, não se torna condição nem estado estático e nem existe como algo em si, abstrato, imutável. É permanentemente constituída.

Desse modo, o sujeito constitui-se em sua subjetividade ao interagir com os demais, seja por meio do convívio familiar, escolar, das relações de amizade e nas trocas compartilhadas na internet.

Assim, a construção da identidade passa pela questão da subjetividade e tem um novo sentido a partir das interações sociais em que a identidade é tida como um processo de mudança de relações entre a vida pessoal e social. Pode-se dizer que a relação dos adolescentes com seus pares se caracteriza pela subjetividade e interatividade.

Para Hargreaves (2001, p. 29):

Os alunos, independentemente de raça, etnia, classe social, sexo ou local de nascimento podem assumir uma quantidade infinita de identidades [...]. e enquanto essas categorias podem influenciar o modo como estes

adolescentes regem a educação, é difícil prever como eles se dividem entre si e como combinarão as fontes culturais populares ao seu alcance estas variantes, propõem questões sérias e significativas para a educação.

É nesse contexto que a escola se torna para o adolescente um importante campo de experimentação social, possibilitando conhecimentos e relacionamentos além do mundo familiar. Portanto, seu papel é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e para a identidade individual e do grupo.

Podemos dizer que a temática identidade permeia o desenvolvimento do adolescente tanto individual como social, em torno do qual a aprendizagem vai se organizar e não deve estar dissociada da linguagem, como instrumento delineador de sua identidade.

### **3.3 Marcas na trajetória do adolescente: diários, *blogs*, memórias**

Os adolescentes têm por hábito escrever sobre o seu cotidiano, em seus diários, especialmente os do sexo feminino. Assim, registram os fatos, aquilo que pensam ser mais significativo, tais como letras de músicas, poesias, fotos de ídolos e segredos que fazem parte de suas vidas. Os diários podem ser considerados tipos de escrita, sob forma de relatos, poesias, músicas, recortes de fotos, recados, muitas vezes utilizados como uma espécie de código adolescente. Os diários eram escritos em cadernos ou agendas “guardados a sete chaves”, um segredo para poucos. Por meio dos diários pode-se conhecer melhor o universo adolescente.

Os diários estiveram associados ao cotidiano das jovens adolescentes por muito tempo, exercendo um papel de cumplicidade em suas vidas, dominando um mundo subjetivo, que envolvia os sentimentos e pensamentos.

Ao acessar/ler os diários adolescentes escritos em outras épocas, podemos revisitar aqueles períodos, observando de que forma as mudanças vêm ocorrendo ao longo dos tempos.

De acordo com Poli (2007, p. 83): “O ato de escrever regularmente sobre a experiência cotidiana ganha contornos e suportes diferentes e a internet, mas se mantém como meio de apropriação subjetiva durante o complexo período de descobertas e frustrações que é a adolescência”.

Para a autora, o fato é que há uma “função diário” na adolescência, que estabelece uma relação particular entre a constituição subjetiva dessa época de vida e uma escrita de si.

Poli (2007, p. 83) ressalta, ainda, que:

O diário surge com estilo de escrita concomitante ao próprio surgimento da adolescência na cultura. Junto a ele temos as autobiografias e as biografias que procuram legitimar socialmente a significação singular constituídas por intermédio da escrita. [...] o diário “sabe” algo sobre o jovem que outros não sabem e não podem saber. É um saber que precisa ser narrado, contado ou confessado para que o próprio autor tenha acesso a ele.

Segundo Luria (1998), escrever é uma das funções culturais típicas do comportamento humano. Em primeiro lugar, pressupõe o uso funcional de certos objetos e expedientes, como signos e símbolos.

Para Petrovski (1981, p. 181, tradução nossa)<sup>11</sup>:

Às vezes o jovem tenta autoconhecer-se mediante a auto-observação, autocontemplação. O desenvolvimento da auto-reflexão, o interesse acrescido por si mesmo em geral típico da primeira juventude. Este se manifesta também na aparição dos diários íntimos (mais frequentemente encontrado nas meninas que nos meninos).

Os diários operam como suporte às mudanças em curso na adolescência. Mas não se pode afirmar que os jovens apenas escrevem nos diários.

Na atualidade, surgem novos suportes de escrita com o advento das novas tecnologias e do *cyber* espaço, dos *e-mails*, nas comunidades de *chats*, entre outros. Os diários estão migrando para esses novos suportes. Assim, a tela, o teclado e o mouse passam a substituir o caderno, a agenda, a caneta e a máquina de escrever.

Essa forma diversa faz-se presente nos *blogs*, *fotologs*, orkut, Messenger e comunidades virtuais. A realidade é modificada pela ação dos jovens que, desde sempre, renovam a cultura por meio de seus comportamentos.

De acordo com Thompson (2002, p. 46):

Nós estamos constantemente remodelando nossas habilidades e nosso cabedal de conhecimento, testando nossos sentimentos e gostos expandindo os horizontes de nossa experiência. Nós estamos ativamente

<sup>11</sup> Veces el joven intenta conocerse mediante la autoobservación, la autocontemplación. El despliegue de autoreflexión, el interés acrecido por sí mismo en en general típico de la primera juventud. Esto se pone de manifiesto también en la aparición de los diarios íntimos (más frecuentes y anticipados en las chicas que en los varones).

nos modificando por meio de mensagens e de conteúdo significativo oferecido pelos produtos da mídia.

Sabemos que, hoje, os jovens são adeptos dessas novas tecnologias de informação e comunicação, criando universos virtuais. A internet transformou-se no principal meio de expressão da sociabilidade juvenil.

Assim, novos significados são atribuídos à atualidade, quando o jovem partilha com os demais a realidade histórica, social e cultural.

Para Kenski (2007, p. 31):

A tecnologia da escrita, interiorizada como comportamento humano, interage com o pensamento, libertando-o da obrigatoriedade de memorização permanente. Torna-se assim, uma ferramenta para a ampliação da memória e para a comunicação. Em seu uso social, como tecnologia de informação e comunicação, os fatos da vida cotidiana são contados em biografias, diários, agendas, textos e redações. Como tecnologia auxiliar do pensamento, possibilita ao homem a exposição de suas idéias, deixando-o mais livre para ampliar sua capacidade de reflexão e apreensão da realidade.

Esses novos meios de comunicação são recursos para redefinir a identidade em tempo de rupturas e transformações.

Nas palavras de Thompson (2002, p. 36): “o conteúdo das mensagens da mídia se torna público isto é visível e verificável a uma multiplicidade de indivíduos que podem estar situados em contextos os mais diversos”.

Sendo assim, o desenvolvimento desses meios de comunicação estabelece novas formas de interação e relacionamentos, diferenciando-se dos que prevaleciam em boa parte da história humana.

De forma semelhante aos diários surgem os *blogs*, uma maneira de escrita regulada pelo calendário.

Todos os dias, ou o mais frequentemente possível, ali estão os depoimentos, recados, as visualizações de perfil, a anotação, a observação e o breve comentário, sempre datados. Mesmo sendo tão caros aos adolescentes, os diários estão sendo transpostos para o orkut e para os *blogs*.

Poli (2007, p. 85) afirma que o que caracteriza a maioria dos *blogs* e os legitima a serem denominados “diários” é que são escritas de si, não ficcionais e pautadas pelo calendário. Também se constituem em textos que não excluem seu autor.

Diferentes dos diários, o orkut e os *blogs* são virtuais, um meio em que todos possam participar, publicar e gerar conteúdo, um meio de comunicação construído pela massa que são os internautas. Pode-se dizer que é uma nova forma de interlocução entre os sujeitos, uma espécie de diário mantido pelas pessoas na internet.

Diante desse quadro, a escrita, na modernidade, continua cumprindo a função de trocas de experiência e construção de informações que se somam às já existentes, agendas, papéis de carta e diários, formando uma espécie de memória adolescente.

Poli (2007, p. 87) afirma que “escrever é, então, costurar, com as linhas do outro, as letras do próprio corpo. E assim, “fazer-se próprio”, apropriar-se de si, o que significa construir e reconstruir as fronteiras que desenham seu lugar, único no mundo”.

De acordo com as suas histórias de vida, as relações pessoais, as crenças e os valores, cada jovem armazenará em sua trajetória as suas experiências. Aos poucos, o adolescente vai se encaminhando para a vida adulta.

Essas lembranças vão sendo retratadas por meio de suas escritas, de suas memórias compartilhadas com os demais.

Segundo Pollak (1992, p. 204), “a memória é construída socialmente e individualmente. Ao relacioná-la com a identidade, ressalta que uma é constitutiva da outra e a memória só se forma a partir de alguma identificação”.

Conforme explicitamos, a interação com o grupo passa a ter importância primordial na vida dos jovens; não é por acaso que as tribos são formadas. Eles buscam novas formas de comunicar-se e têm uma linguagem que os identifica, reforça a identidade do grupo e, na maioria das vezes, acaba sendo incorporada à linguagem cotidiana.

Assim, os colegas e amigos passam a influenciar significativamente o indivíduo na adolescência; há a identificação com os pares, exercendo certa cumplicidade e formando uma memória coletiva.

Isso é possível de ser constatado nas comunidades do orkut, que são acessadas por milhares de jovens que buscam uma identidade coletiva, imprimindo-lhes um gosto, uma identificação e uma marca singular.

De acordo com Facci (2004), o adolescente busca, na relação com o grupo, uma forma de posicionamento pessoal diante das questões que a realidade impõe à sua vida pessoal e social.

Para Bosi (1994, p. 414), “o grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso o seu passado”. Existe, portanto, uma memória coletiva que se desenvolve a partir de laços de convivência entre as pessoas, sejam elas da mesma família, escola ou ambiente profissional.

Essa memória coletiva é um conjunto de lembranças que um grupo compartilha sobre um evento marcante, imagens e fatos que, juntos, são mais importantes do que apenas a memória individual.

Segundo Halbwachs (2004, p. 30), “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros”, daí a importância do relacionamento entre os adolescentes e os demais membros dos grupos na construção de suas identidades.

Para Boran (1994, p. 97), a construção de uma identidade pessoal é de importância fundamental. E essa identidade depende da capacidade de cada um elaborar seu próprio sistema de valores e significados. “O jovem constrói a sua identidade a partir da sua auto-imagem, do grupo que participa do relacionamento com outra pessoa”.

Oliveira (2006) assegura que, na modernidade, as identidades se tornam móveis, múltiplas, pessoais e mutantes. É possível distanciar-se da tradição e eleger, entre várias possibilidades, novas e valiosas identidades ofertadas no cenário cultural.

Portanto, as novas exigências de funcionamento da sociedade impõem-se em torno do local e do global, do singular e do universal, enfim, da constituição das identidades.

Pode-se dizer que a escola tem um papel determinante nos aspectos cognitivos, mas também na construção da identidade, seja ela individual ou coletiva.

Acredita-se que essas novas formas de escrita e de comunicação virtual possam interferir no processo de constituição da identidade do adolescente, sobretudo no espaço escolar e tudo que o envolve, na manutenção das atuais práticas pedagógicas, uma vez que surgem como novos processos de transformação do conhecimento impostos pelo novo contexto trazido pela modernidade.

### 3.4 Novos modos de interação no espaço virtual

Desde os mais remotos modos de comunicação até os mais recentes, em todas as sociedades, os seres humanos têm se ocupado com instrumentos em permanente transformação, especialmente pelos aparatos tecnológicos em expansão.

Essas mudanças que ocorrem na atualidade nos fazem refletir sobre o universo juvenil, especialmente em seu cotidiano e no espaço escolar.

Para Urt (2005, p. 125), “a escola tem o papel de possibilitar ao sujeito o acesso à produção humana acumulada, notadamente a cultural, essencial para que o sujeito possa se constituir pleno, atuante, conhecedor, pensador capaz de alterar eventualmente a sua realidade”.

Rego (2002, p. 58) defende que:

A escola possui uma função social, porque compartilha com a família a educação das crianças, uma função política, pois contribui para a formação de cidadãos e uma função pedagógica, é o local privilegiado para transmissão e construção de um conjunto conhecimentos.

Para Dayrell (1999), apreender a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, em que os sujeitos são ativos diante da estrutura. Trata-se, portanto, de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas.

A presença das tecnologias no cotidiano atual na vida dos adolescentes desafia o sistema educacional, exigindo novas formas de adequação por parte de seus atores, diferentes de outrora, em que os elementos que compunham o entorno da sala de aula eram tradicionais, a lousa e o giz. A escola também convive com todas essas influências, que são trazidas para o cotidiano da sala de aula.

Concordamos com Tacca (2005), ao dizer que, entre os contextos sociais em jogo, a escola exerce uma situação especial, tendo em vista o tempo que nela se permanece e o valor cognitivo-afetivo das relações que ali se estabelecem.

Pode-se dizer que as escolas têm uma participação significativa na formação da identidade e na singularidade de cada indivíduo, uma vez que as atividades e relações desenvolvidas pelos atores da escola deixam marcas na vida do sujeito.

Leontiev (1978, p. 273) atribui importância à educação escolar:

Quanto mais progride a humanidade, mais rica é a prática sócio-histórica acumulada por ela, mais cresce o papel específico da educação e mais complexa é a sua tarefa. Razão por que toda a etapa nova do desenvolvimento da humanidade, bem como nos diferentes povos, apela forçosamente para uma nova etapa no desenvolvimento da educação; o tempo que a sociedade consagra à educação das gerações aumenta: criam-se estabelecimentos de ensino, a instrução toma formas especializadas, diferencia-se o trabalho do educador do professor; os programas de estudo enriquecem-se, os métodos pedagógicos aperfeiçoam-se, desenvolve-se a ciência pedagógica. Esta relação entre o progresso histórico e o progresso da educação é tão estreita que se pode sem risco de errar julgar o nível de desenvolvimento histórico da sociedade pelo nível de desenvolvimento de seu sistema educacional e inversamente.

Diante desse novo contexto que se apresenta, a educação desenvolvida no âmbito escolar é considerada um instrumento para acompanhar essas mudanças que nos rodeiam.

Assim, o meio está permeado de novos instrumentos, de forma que é impossível estudar a constituição do sujeito adolescente no contexto escolar sem considerá-los.

Em relação à educação, em seus escritos, Ferreira (1986, p. 76) assevera que:

A educação é a mediação entre os processos externos e os processos internos que produzem o indivíduo e a sociedade. As idéias sobre si e sobre o meio em que vive são internalizadas por meio das relações sociais no seio das quais o aluno toma parte ativa. O meio externo ao aluno, no qual, pelo processo educativo, ele deverá se integrar é o produto de suas relações sociais, nas quais pode atuar como sujeito e agente transformador.

Acreditamos a educação escolar propicia ao adolescente a internalização e a apropriação dos conhecimentos, bem como a possibilidade de novos modos de interação e de transformação.

Rego (2002, p. 62) argumenta:

Ainda que se reconheça a importância e o impacto que a educação familiar tem (do ponto de vista cognitivo, afetivo, moral e social sobre o indivíduo (especialmente durante a primeira infância), pode-se argumentar que seu poder não seja absoluto, e irrestrito. [...]. Neste sentido, a escola, entendida como um local que possibilita uma vivência social diferente da do grupo familiar, tem um relevante papel, que não é, como já se pensou, o de compensar carências (culturais, afetivas, sociais etc.) do aluno, e sim o de oferecer oportunidade de ter acesso a informações e experiências novas e desafiadoras capazes de provocar transformações e de desencadear processos de desenvolvimento e comportamento.

A escola, como instituição, possibilita ao indivíduo apropriar-se do conhecimento produzido pela humanidade, coletiva e historicamente, de forma que não pode haver um distanciamento entre esses conhecimentos apropriados na sala de aula e os conhecimentos que os adolescentes adquirem no seu cotidiano por meio das relações digitais.

Para Dayrell (1999), a escola é vista como uma instituição única, que tem por função garantir a todos o acesso aos conhecimentos socialmente acumulados pela sociedade. Porém, os conhecimentos, muitas vezes, são reduzidos a produtos, sem levar em conta os processos, posicionamento contrário, portanto, a um dos princípios do método da teoria vigotskiana, que valoriza os processos em detrimento dos produtos. A ênfase é centrada nas provas, nas notas e no “passar de ano”. Muitas vezes, não existe uma articulação entre o conhecimento escolar e a vida dos alunos.

Dayrell (1999, p. 137) analisa a escola como espaço sociocultural:

Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar [...] o processo educativo escolar recoloca a cada instante reprodução do velho e a possibilidade da construção do novo, e nenhum dos lados pode antecipar uma vitória completa e definitiva.

É necessário preparar um indivíduo capaz de se comunicar e dialogar, nesse mundo interativo em que se utilizam os instrumentos da cultura.

Assim, para Teixeira (1999, p. 390-391):

Nas condições novas da sociedade dos nossos dias, a educação escolar de certo modo completa faz-se, em todos os campos e por especializações de tipos diferentes, absolutamente essencial para cada indivíduo, que sem ela, não poderá compreender o novo contexto social [...]. Sempre necessitou da sociedade para se desenvolver e se conservar da educação formal; hoje precisa dela para existir. É neste sentido que a escola fez-se o seu problema central, e não apenas secundário, embora importante.

Dessa maneira, o homem deve compreender esse novo contexto para poder inserir-se na sociedade e dela participar.

Sanfelice (2004, p. 5) corrobora com essa ideia: “como produto desta mesma sociedade a instituição escola e conseqüentemente a educação ingressam neste século XXI como um dos principais temas de todas as sociedades”.

Para Duarte (2003), a Psicologia de Vigotski dá total respaldo a uma pedagogia na qual a escola deve ter como papel central possibilitar a apropriação do conhecimento pelos alunos.

Na abordagem histórico-cultural, o aprendizado é fundamental para que as funções psicológicas superiores aconteçam. Assim, o ensino é imprescindível para o desenvolvimento do psiquismo humano. O homem apropria-se dos objetos por meio das relações estabelecidas com o meio, que são transmitidas pela educação.

### **3.5 Professores, adolescentes e o virtual: algumas reflexões**

Ainda no espaço da escola, juntamente com os alunos, encontram-se os professores que, como atores inseridos nesse contexto, devem estar atentos às etapas evolutivas do desenvolvimento do humano, para que haja apropriação do conhecimento científico.

Faria (2002, p. 57) enfatiza que:

Na aurora do séc. XXI necessitam os professores estar preparados para interagir com uma geração mais atualizada e mais informada, porque os modernos meios de comunicação liderados pela internet, permitem o acesso instantâneo à informação e os alunos têm mais facilidade para buscar conhecimento por meio da tecnologia colocada à sua disposição.

Há muito tempo, tem-se o hábito de buscar no professor uma fonte de informação. Porém, com todas essas mudanças que vêm ocorrendo, pode-se dizer que isso está se modificando. Ao compartilhar seus saberes, o professor motiva seus alunos a construir seus próprios conhecimentos. Na atualidade, o conhecimento também está centrado em outros lugares, não apenas na escola ou na figura do professor.

Conforme verificamos anteriormente, na atualidade, os meios de comunicação social constituem-se como fator determinante na formação do adolescente.

Cada vez mais, percebe-se que os jovens estão envolvidos com as informações midiáticas atuais e seus instrumentos.

Sendo assim, pode-se dizer que na atualidade o adolescente não aceita aulas tradicionais e exige do professor uma nova postura, formação diferenciada e novas formas de ensinar.

Nos escritos de Tacca (2005, p. 216): “Em uma sala de aula, alunos e professores além de compartilharem um espaço físico, compartilham-se como pessoas, ou seja, interagem como sujeitos, constituem-se mutuamente em sua subjetividade”.

Dayrell (1999) entende a sala de aula como também um espaço de encontro, mas com características próprias. É a convivência rotineira de pessoas com trajetórias, culturas, interesses diferentes, que passam a dividir um mesmo território, pelo menos por um ano.

Desse modo, essa interação é imprescindível para que ocorra a aprendizagem.

Hargreaves, Earl e Ryan (2001, p. 202) esclarecem:

As escolas e os professores estão involuntariamente envolvidos em uma transformação mundial da política, da economia, da tecnologia, da cultura, da moral e da vida cotidiana. As estruturas familiares estão mudando, as relações estão se tornando mais temporárias e frágeis, e as individualidades e identidades das crianças correm mais riscos.

As influências dos aparatos midiáticos em relação à constituição do sujeito adolescente são ressaltadas nos escritos de Oliveira (2006, p. 245):

Não é fácil, hoje, trabalhar diariamente com os jovens e se responsabilizar pela difícil tarefa de ensinar, propiciar a aquisição de uma bagagem cultural adequada ao mundo contemporâneo e estimular a reflexão e a crítica com base nesses conteúdos. A sensação que se tem é a de que nós, professores, falamos uma língua, e eles, os alunos outra. Parece que nós, vivemos num mundo, e eles noutro. A comunicação entre as gerações apresenta-se truncada, cheia de ruídos. São monólogos simultâneos, paralelos; raros são os momentos em que o diálogo e a troca recolocam o papel de educador e do aluno.

Para Pais (2002), as ações de professores e alunos são redimensionadas pelo uso desse novo suporte didático, ditando uma postura de envolvimento que, certamente, não se identifica com as condições tradicionais.

Freitas (2007, p. 19) destaca que:

Na perspectiva histórico-cultural, também a educação assume um papel preponderante. Quando não estamos prontos. Somos aquilo em que nos transformamos a partir de nossas interações sociais, da educação que recebemos. Nesse sentido, a pessoa do educador torna-se relevante com uma participação ativa neste processo transmite conhecimentos, as experiências já acumuladas e presentes em sua cultura, assim como os valores, normas de conduta, códigos. O educando, interagindo com o educador, vai paulatinamente internalizando aquilo que é construído

nestas relações [...] reconstruindo a partir de seu próprio referencial, de sua singularidade.

Portanto, o professor exerce a função de mediador no processo de construção do conhecimento do aluno, conforme o referencial da abordagem histórico-cultural.

Penteado (1998, p. 14) corrobora com essa afirmação:

Isso requer por parte do professor uma disponibilidade pessoal para se rever em relação ao 'outro seu aluno'. Deve haver disponibilidade pessoal para a mudança. Isso porque toda mudança de conduta implica desinstalar modos já arraigados e até automatizados e dos quais só tomamos consciência quando nos propomos a novos procedimentos.

Esse posicionamento vai ao encontro de um dos princípios do método de Vigotsky (1998, p. 84), que trata do problema do comportamento fossilizado:

Defrontamo-nos frequentemente com processos que esmaeceram-se ao longo do tempo, isto é, processos que passaram através de um estágio bastante longo do desenvolvimento histórico e se tornaram fossilizados. Essas formas automatizadas ou mecanizadas, os quais, dadas as suas origens remotas, estão agora sendo repetidos pela enésima vez e tornaram-se mecanizados.

Existe, portanto, a necessidade de os educadores romperem com conceitos e práticas fossilizadas que se cristalizaram ao longo do tempo, para instaurar novas formas de pensar e agir.

Grillo (2002, p. 78) assegura que: “A docência envolve o professor em sua totalidade, sua prática é resultado do saber, do fazer e principalmente do ser, significando um compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade em transformação”.

Para Valente (1999, p. 12):

O professor tem um novo papel e isso implica em entender o computador como uma nova maneira de representar o conhecimento, provocando um redirecionamento dos conceitos já conhecidos e possibilitando a busca, a compreensão de novas idéias e valores e usá-los com essa finalidade, requer a análise cuidadosa do que significa ensinar e aprender, bem como demanda rever o papel do professor neste contexto.

Pelo uso da rede internet, os alunos têm a oportunidade de explorar muitos dados, construir páginas, comunicar-se com outras pessoas dos mais diversos lugares. O jovem não recebe somente informações; ele interage.

Com o aparecimento das novas tecnologias, parece ocorrer uma mudança na forma de geração e difusão do conhecimento, bem como a percepção da realidade.

Segundo Bombonato (2007, p. 26):

Mas não há computador capaz de convencer um aluno a aderir a um conteúdo acadêmico, por mais elaborado que seja, sem o trabalho de mediação dos professores, que continua a ser fundamental para o processo de ensino aprendizagem, dando ênfase ao aprender a pensar e à relação entre o saber e a construção do sentido.

Faria (2002, p. 57-58) compactua com essa ideia:

[...] o papel do educador está em orientar e mediar às situações de aprendizagem para que ocorra a comunidade de alunos e idéias, o compartilhamento e a aprendizagem colaborativa para que aconteça a apropriação que vai do social ao individual, como preconiza o ideário vigotskiano.

As exigências trazidas pelas novas tecnologias lançam desafios e alterações no trabalho docente pelas atividades que os alunos realizam na sala de aula.

Na concepção de Tacca (2005, p. 215):

Não somos hoje o que fomos no passado, pensamos de forma diferente e descobrimos novas possibilidades de ser e de pensar, justamente por estarmos em um processo contínuo de mudanças imbricadas no contexto de relações com uma sociedade que tanto recebe demandas dos sujeitos que nela vivem como, em contra partida, cria conflitos e empurra para novas soluções, exigindo, para isso, o deslocamento de modelos já pensados para os outros instrumentos mediadores que venham a dar respostas aos desafios sociais e individuais.

É necessário um processo de formação contínua que possibilite ao professor rever como se ensina e como se aprende, para poder compreender ou até mesmo transformar a sua prática, de modo a estimular os adolescentes a ter interesse e atribuir novos significados ao seu aprender.

Assim, é significativo desvelar as atividades desenvolvidas pelos adolescentes, suas experiências e suas constituições em suas vivências dentro ou fora dos muros da escola. De nada adianta entrar em contato com novos achados, com as novas tecnologias, se os atores desse processo não estiverem envolvidos.

Hargreaves (2001, p. 189) postula:

Os professores são, em última análise, os reformadores da escola. As tentativas de mudar as escolas terão pouco ou nenhum impacto sobre os alunos, a menos que afetem o modo como os professores ensinam e os jovens aprendem [...]. Assim como os alunos, os professores são influenciados em seu aprendizado pelas próprias abordagens de pensamento, pela sua base de conhecimento, pelo seu padrão de inteligência, pelos seus meios de aprendizagem, pelo meio social e pela disposição e a oportunidade de se envolverem de modo ativo em novo aprendizado.

Ser jovem hoje é viver o desafio da rapidez, do ritmo acelerado e impresso pelas transformações tecnológicas. É necessário que os atores do âmbito escolar desconstruam os modelos arraigados, para que possam adequar a sua prática à realidade atual.

Para Hargreaves (2001), faz-se necessário discutir o significado de educar jovens nessa fase à luz das condições sociais, culturais e econômicas em rápida mudança que nos aguardam e já nos rodeiam.

O desenvolvimento da ciência fornece informações que aceleram as mudanças na sociedade, influenciando novas concepções de mundo. Portanto, o espaço da escola passa a ser influenciado pelo contexto social em que se insere.

Segundo Freitas e Costa (2005, p. 30):

Se essas mudanças afetaram profundamente a relação dos indivíduos com o conhecimento e produziram transformações nos modos de vida e na própria sociedade, as novas formas de mediação semiótica oportunizadas pelo computador, mais especificamente pela internet, também podem estar trazendo alterações qualitativas para a cognição dos usuários.

Na perspectiva de Moran (2007, p. 2):

Ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial. A internet é um novo meio de comunicação, ainda incipiente, mas que pode ajudar-nos a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e de aprender.

Os novos modos de comunicação levam a novas formas de interação com o outro, conseqüentemente com o conhecimento e com o processo ensino-aprendizagem. Essas inovações modificam os padrões anteriores, dando origem a uma nova temporalidade.

Desse modo, faz-se necessário pontuar que essa relação não está desvinculada da influência das tecnologias da informática no contexto atual. É preciso repensar o contexto escolar desses jovens frente à mídia, ao acesso à internet e às informações rápidas e atraentes que estas exercem.

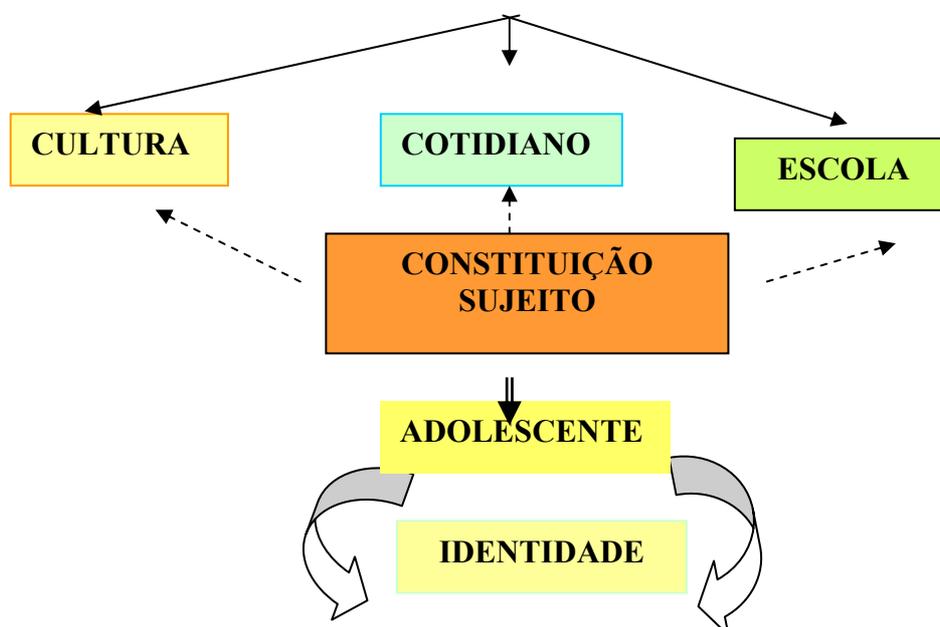
Para Moran (2007), as tecnologias podem abrir a sala de aula para o mundo, uma vez que representam a realidade de diferentes modos.

De acordo com a abordagem vigotskiana, é por meio da educação que o homem se apropria da cultura e dos bens disponíveis pela humanidade. Diante da expansão das tecnologias midiáticas, o espaço das escolas e seus “atores” enfrentam uma nova provocação, a de superar a comodidade do quadro e do giz para utilizar artefatos mais rápidos e mais atraentes.

Portanto, o processo de construção do conhecimento não pode se limitar às informações transmitidas apenas no espaço da escola, uma vez que o desenvolvimento humano constitui-se constantemente por meio das experiências com o social.

Neste capítulo apresentamos aspectos fundamentais que cercam a vida do adolescente a fim de compreendermos a constituição desse sujeito e as transformações que acontecem na sociedade, em especial aquelas advindas da internet, são alguns dos temas que constituem a atualidade. A internet é parte integrante do cotidiano dos adolescentes. Assim, acredita-se que a escola, como uma instituição empenhada em favorecer a formação integral dos jovens, é provocada a repensar esse novo desafio que se apresenta.

Em seguida apresentaremos uma expressão gráfica sintetizando o que abordamos nesse capítulo.



## CAPÍTULO IV

### O SUJEITO ADOLESCENTE: ACHADOS DA PESQUISA

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais (DUARTE, 2002, p. 141).

Este capítulo trata dos achados da pesquisa iniciando pelo caminho metodológico, a escolha do ambiente da pesquisa, quem são os atores dessa trama e a descrição e análise dos dados. Em seguida, apresentaremos por meio de tabelas, gráficos, depoimentos, comentários e fundamentação teórica os dados biográficos, aspectos da vida pessoal (idade, sexo, situação familiar, irmãos, escolaridade dos pais), a concepção de adolescência e de juventude. Posteriormente traremos os aspectos da vida cotidiana (lazer, entretenimento, utilização da rede como tempo, frequência, horário, sites, comunidades, relações de amizade/namoro virtual, hábitos de leitura, TV), bem como aspectos da vida escolar ( concepção de escola, de estudo, mudanças na escola com a presença do computador, diferença entre usar o computador na escola ou fora dela).

#### 4.1 Os Pressupostos Metodológicos

A metodologia utilizada nesta investigação pauta-se numa abordagem qualitativa, cujo procedimento de construção dos dados envolve a análise de conteúdo, sobre a constituição do sujeito adolescente na atualidade, a partir do referencial teórico da abordagem histórico-cultural.

Dados de natureza quantitativa serão utilizados como outro modo de compreensão da realidade, esclarecendo as articulações entre as categorias. Para o esclarecimento desse falso conflito quantidade x qualidade, faz-se necessário recorrermos a alguns recortes de estudos que discutem essa questão.

Muitas são as implicações da abordagem teórica e do método experimental de Vigotsky (2003, p. 180):

Os resultados experimentais podem ser tanto quantitativos como qualitativos. Descrições detalhadas, baseadas em observações cuidadosas, constituem uma parte importante dos achados experimentais [...]. as observações, se realizadas objetivamente e com rigor científico, adquirem status de fato confirmado.

Segundo Gatti (2002, p. 29):

É preciso considerar que os conceitos de quantidade e qualidade não são totalmente dissociados, na medida em que de um lado a quantidade é uma interpretação, uma tradução, um significado que é atribuído à grandeza com que um fenômeno se manifesta (portanto é uma qualificação dessa grandeza), e de outro ela precisa ser interpretada qualitativamente, pois, sem relação a algum referencial não tem significação em si.

Minayo e Sanches (1993, p. 239-262), em relação aos dados qualitativos e quantitativos, sustentam que:

[...] elas podem e devem ser utilizadas, em tais circunstâncias, como complementares sempre que o planejamento da investigação esteja em conformidade. [...] considerar que, do ponto de vista metodológico, não há contradição, assim como não há continuidade, entre investigação quantitativa. Ambas são de natureza diferente. A primeira atua em níveis da realidade, em que os dados se apresentam aos sentidos “níveis ecológicos e morfológicos e a segunda trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões.[...] do ponto de vista epistemológico, nenhuma das duas abordagens é mais científica do que a outra. Da mesma forma, uma abordagem qualitativa em si não garante a compreensão em profundidade. [...] tanto do ponto de vista quantitativo quanto do ponto de vista qualitativo, é necessário utilizar todo o arsenal de métodos e técnicas que ambas as abordagens desenvolveram para que fossem considerados científicos. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente e vice-versa.

De acordo com Gamboa (2000, p. 64-66):

As técnicas da pesquisa científica, sejam, quantitativas ou qualitativas, não podem ser entendidas em si mesmas, sua compreensão está no método. Técnicas e métodos não são separados. É o processo da pesquisa que qualifica as técnicas e os instrumentos necessários para elaboração do conhecimento. As opções técnicas dependem dos caminhos a serem percorridos e dos procedimentos a serem desenvolvidos. [...] os métodos se referem a maneira como construímos nosso quadro de referência na pesquisa.

O interesse pela abordagem qualitativa originou-se da preocupação em utilizar procedimentos sistemáticos que evidenciassem os relatos dos adolescentes, com a descrição minuciosa para que as categorias fossem levantadas para posterior análise.

Freitas (2002, p. 26) assim se posiciona: “A abordagem qualitativa de pesquisa focaliza o particular enquanto instância da totalidade social procurando compreender os sujeitos envolvidos e por meio deles compreender o seu contexto.”

A análise de conteúdo coerente com o modelo qualitativo que, na visão de Franco (2005, p. 20),

[...] pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicação, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos, ou não).

Franco (2005, p. 53) afirma que “as categorias não são definidas a priori. Emergem da “fala”, do discurso, do conteúdo das respostas e implicam constante ida e volta do material de análise à teoria”.

Conforme apontam Bogdan e Biklen (1994, p. 47): “A investigação qualitativa tem como fonte direta de dados o ambiente natural, constituindo-se o investigador seu principal instrumento. Ela é também descritiva, interessando-se mais pelo processo do que simplesmente pelo resultado ou produtos”.

De acordo com Ludke e André (1986, p. 45): “Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevista, as análises de documentos ou demais, informações disponíveis”.

Na concepção de Ludke e André (1986, p. 34):

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos variados de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais.

Para Szymanski (2002), a importância do pesquisador na entrevista é estar atento não só à fala de seu entrevistado, mas também ao seu meio. Este inclui os diversos aspectos do ambiente físico e social e também as interações que o entrevistado estabelece durante a situação de entrevista.

## 4.2 Procedimentos Metodológicos

Após definirmos o tipo de pesquisa, foram estabelecidos os critérios segundo os quais seriam selecionados os sujeitos que comporiam o universo de investigação, de modo a construir a análise e chegar à compreensão ampla do objeto delineado.

O fato de ter trabalhado com os alunos dos anos finais do ensino fundamental e por considerar essa fase o “auge da adolescência”, finalizando um ciclo em transição para o Ensino Médio, o 9º ano, desse modo, seria um importante alvo para esta pesquisa.

Outro fator que contribuiu para a escolha dessa etapa foram os relatos frequentes dos adolescentes sobre os aparatos tecnológicos que permeiam o seu cotidiano.

Preocupamo-nos com a necessidade de adequar o procedimento utilizado às concepções teóricas do referencial abordado. Portanto, foi necessário buscar um espaço em que pudesse encontrar os adolescentes.

Inicialmente, foram realizadas entrevistas experimentais com 10 adolescentes, estudantes de escolas públicas e de uma escola particular, a fim de identificarmos, de modo mais claro, as questões sobre a vida dos jovens em seu cotidiano. Ao organizar as entrevistas, abordamos questões que ofereciam subsídios para tecermos a análise da questão levantada. Para tanto, realizamos uma entrevista semi-estruturada, com 33 questões que ajudassem a elucidar o objeto de pesquisa. Posteriormente, reformulamos as questões, à medida que as constatações apontaram para novos rumos, que diferiam das questões iniciais.

Foram selecionados 23 sujeitos adolescentes. A escolha deu-se de modo aleatório. Trabalhamos com 23 falas, registrando-as conforme as entrevistas iam se sucedendo.

Posteriormente, utilizamos imagens relacionadas à adolescência e à internet como outro instrumento para complementar nossa investigação. Entrevistamos dois sujeitos. Porém, pelas falas, deduzimos que os sujeitos não revelaram dados novos.

### 4.3 Quem são os atores dessa trama

**Quadro 1 - Da identificação: faixa etária**

<b>Idade</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>	<b>Sexo</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
14-15 anos	20	87	Fem	14	61
16-17 anos	3	13	Mas	9	39
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>	<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

A fim de entender melhor a situação estudada, é necessário conhecer os adolescentes sujeitos/ativos constituídos pela situação social e cultural em que se inserem. Por meio de suas falas, foi possível conhecer melhor o universo que compõe suas vidas.

Todos os 23 adolescentes encontram-se na faixa etária entre 14 e 17 anos e pertencem a ambos os sexos. São alunos do 9º ano do ensino fundamental, de escolas públicas e de uma escola particular da cidade de Campo Grande/MS. Desses, dez são sujeitos atletas do projeto social e os demais alunos da escola particular.

De modo a manter sigilo a respeito da identidade dos entrevistados, serão identificados pela letra A, seguida de número.

Concordamos com Freitas (2002, p. 6), para quem

O pesquisador, durante o processo de pesquisa, é alguém que está em processo de aprendizagem, de transformações. Ele se ressignifica no campo. O mesmo acontece com o pesquisado que, não sendo um mero objeto, também tem oportunidade de refletir, aprender e ressignificar-se no processo de pesquisa.

Convém salientar que, durante a entrevista, alguns adolescentes emocionaram-se ao relatarem situações de cunho pessoal que têm experienciado em suas vidas.

### 4.4 Descrição e análise dos dados

Quanto ao procedimento para a análise de dados, inicialmente, foi feita a leitura de todo o material, na perspectiva de pontuar a construção de categorias, objetivando verificar o conteúdo dos depoimentos. Posteriormente, analisamos as

falas dos adolescentes e as categorias, a fim de identificar a frequência das referências a cada uma das categorias dos dados e a frequência total.

Assim, por meio das categorias, é possível extrair constatações significativas, reveladas pelas análises quantitativa e qualitativa dos achados.

A partir das categorias, utilizamos a análise de conteúdo (qualitativa) para destacar as temáticas mais frequentes. Organizamos, primeiramente as respostas dos adolescentes em agrupamentos, estabelecendo categorias, que serão descritas a seguir:

A faixa etária compreende adolescentes de 14 a 17 anos, porém a maior parte situa-se entre 14 e 15 anos. A maioria dos entrevistados pertence ao sexo feminino.

Em relação ao nível de escolaridade dos pais, destaca-se, de modo significativo, primeiramente o nível superior cursado pelo pai e o nível médio cursado pela mãe.

Os dados revelam que a maior parte dos sujeitos fez comentários sucintos a respeito da sua infância e da sua vida familiar, o que confirma que o adolescente deixa de dar importância às relações familiares e passa a compartilhar os seus interesses com o grupo de colegas ou de amigos.

No entanto, esta adolescente trouxe um relato significativo e diversificado em relação ao contexto familiar em que se insere:

Eu moro com o meu pai. Eu já morei com a minha mãe. Voltei a morar com o meu pai de novo. A minha mãe já se casou pela segunda vez e agora meu pai vai se casar de novo (A1).

Por meio das entrevistas, pudemos conhecer a concepção de adolescência relatada pelos jovens contemporâneos.

#### **4.4.2 Adolescência**

Em relação à concepção de adolescência, os jovens acreditam ser essa uma fase de liberdade e de interação entre os pares. Para outros, é um período de mudanças, descobertas e preparação para a vida. Pelos depoimentos, foi possível verificar o que pensam sobre essa etapa da vida:

É o começo da minha liberdade (A1).

Acho que eu nem sei te responder, é uma fase da vida que não volta, acontece de vez em quando. Tem muita gente que muda muito a cabeça nessa época. Tem uns que se envolvem com algumas coisas pesadas, tem outros que se envolvem mais na felicidade mesmo (A2).

Faz parte da vida dos jovens o imediatismo, a vontade de aproveitar ao máximo o agora. Para esta adolescente, há uma tendência a viver a vida ligando-se ao momento:

É uma fase da sua vida que, não tem nem como explicar. Não tem volta, vai viver uma vez, tem que encarar, tem que viver o hoje (A2).

Por meio de seu relato, este adolescente revela-nos que os jovens apresentam fantasias, idealizações e descobertas em relação ao futuro.

É uma idade que você pode se expressar. Você tem as suas ideias. Uma fase que você pode conhecer o mundo. Você tem várias coisas novas na sua cabeça. Você pode imaginar várias coisas. Você tem chance assim de mudar o mundo, o nosso futuro (A9).

A contradição revela-se no discurso dos entrevistados. Ao mesmo tempo em que consideram que ter responsabilidade é significativo, falam em uma adolescência sem responsabilidade:

Para mim, ser adolescente é você curtir. Essa é a melhor fase da sua vida, mas com responsabilidade. Assim, eu acho que de vez em quando todo adolescente comete uma loucura, mas eu acho que isso é normal. Eu acho que ser adolescente é você construir seu futuro, mas aproveitando essa fase, que não vai mais voltar. Depois que você atingir a sua maturidade você não pode mais fazer as mesmas coisas que você fazia quando era um adolescente não tão responsável assim (A2).

Esta adolescente passa a ter consciência da sua condição de indivíduo e do seu papel na sociedade:

Ser adolescente é como se fosse o segundo passo em nossa vida. A fase em que adquirimos maturidade e responsabilidade para cuidar de nossos próprios atos (A3).

Para este jovem, fica claro que a diferença na sua faixa etária em relação aos demais tem sido vivida com dificuldade:

Uma fase de transição muito estranha, na escola, principalmente, porque eu sempre fui o mais novo, daí eu sempre tenho que acompanhar os

outros e sempre acabo me perdendo no tempo e me adianto um pouco (A22).

Em certos depoimentos, percebemos que os sujeitos entrevistados concebem a adolescência como uma fase entre a infância e a idade adulta:

Adolescência, para mim, é quando você está saindo da sua infância, da fase de brincadeiras e quando você vai conhecendo, e conhecendo novas coisas, quando você vai crescendo mais e aprendendo coisas que você nem imagina que você não tinha antes e indo para a fase da juventude. Para mim é isso (A7).

A adolescência é uma fase maravilhosa, mas você também tem que saber o certo e o errado, porque a maioria dos adolescentes sempre faz coisas sem pensar. A minha mãe sempre me falou que adolescência é uma fase de preparação para a vida adulta. Mas a responsabilidade começa a aumentar porque é muita pressão para você tirar nota na escola, para respeitar os professores e as pessoas mais velhas (A12).

Assim, percebemos que prevalece a fantasia e a idealização impostas pela própria sociedade atual.

O pensamento desses adolescentes é corroborado pelas ideias de Petrovski (1981, p. 149, tradução nossa)<sup>12</sup>, para quem “os diferentes feitos, sucessos, luta, conflitos, triunfos derrotas, descobrimentos e desencantos, pesares e alegrias que, em seu conjunto, constituem a autêntica vida dos adolescentes”.

Desse modo, é possível observar que a concepção de adolescência trazida pelos entrevistados se baseia na liberdade e na conscientização acerca da responsabilidade, na mudança e na interação com os pares.

Sabemos que os jovens anseiam por liberdade. No entanto, esse período não é tão harmônico assim; a noção de responsabilidade não é evidenciada na maior parte da vida dos adolescentes nesse momento.

Em seguida, procuramos saber como os adolescentes entrevistados concebem os jovens na atualidade.

#### **4.4.2 Concepção de Jovens**

Ao relatarem sobre como veem os jovens na atualidade, muitos adolescentes saíram de cena, como se não estivessem envolvidos no contexto. Prevalece entre os

<sup>12</sup> La esfera dada está plena de distintos hechos y sucesos, de lucha y conflictos, de triunfos y derrotas, de descubrimientos y desencantos, de pesares y alegrías que, en su conjunto, son los que constituyen la autêntica vida del adolescente.

sujeitos entrevistados, a concepção negativa a respeito do comportamento e das atitudes apresentadas pelo jovem de hoje. Essas concepções aparecem como características do outro, visto pelos adolescentes como alguém que, com frequência, usa drogas lícitas e ilícitas e não tem responsabilidade para com os estudos.

Eu acho que você aprende a conviver melhor com as pessoas. Mas as coisas ruins dos adolescentes são principalmente as más influências, que levam muitas vezes para as drogas. Eu particularmente sou um cara que nunca fui de fazer essas coisas, nunca gostei, mas eu tenho amigos que já experimentaram (A4).

Hoje em dia os jovens estão destruindo muito a vida deles por causa das drogas (A6).

A ideia presente é a de que os jovens são irresponsáveis, querem o prazer imediato e se deixam levar pelas más influências.

Em alguns momentos, os entrevistados demonstram que valorizam o envolvimento com seus familiares. Esta afirmação reflete o posicionamento de que os valores passados pela família também se fazem presentes em suas vidas:

Numa visão geral dos jovens de hoje em dia, é muito misturado, se envolvem muito com drogas, com álcool e essas coisas. Até certo ponto não é uma coisa boa de se envolver, entendeu? Só que assim, não tem que generalizar, tem alguns que são, tem outros que não são, vai da cabeça que cada um tem e também da educação que você recebe em casa (A12).

Para Petrovski (1981, p. 185, tradução nossa)<sup>13</sup>, a Psicologia Social da juventude como ciência tem sido prejudicada por teorias que afirmam:

Que os jovens sempre e em todas as partes ‘são rebeldes e provocam conflitos de gerações’. Em rigor de verdade, dependem de todo um conjunto de condições sociais, tais como o ritmo e o caráter das mudanças sociais, a estrutura familiar, o caráter e os métodos de manutenção da disciplina.

Clímaco (1991) corrobora com esta ideia, ao postular que se torna extremamente questionável tratar a adolescência de forma padronizada, mesmo levando-se em conta que, por efeito de fatores culturais, principalmente dos meios de

<sup>13</sup> La Psicología social de la juventud como ciencia se ha visto muy perjudicada por las teorías unilaterales que afirmaban que los jóvenes siempre y en todas partes “son revoltosos” y provocan “conflictos generacionales”. En rigor de verdad, las interrelaciones de padres e hijos dependen de todo un conjunto de condiciones sociales, tales como el ritmo y el carácter de los cambios sociales, la estructura de la familia, el carácter y los métodos de mantenimiento de la disciplina.

comunicação de massa, os adolescentes constroem interpretações semelhantes, independentemente do meio social a que pertençam.

Na concepção deste adolescente, existem duas maneiras de o jovem se comportar, o certo e o errado. Pode ser indicativo de que existe uma divisão entre o que pensa sobre si e sobre os outros jovens. Ao longo das entrevistas, muitos adolescentes têm essa mesma concepção:

Eu vejo que tem dois lados, aqueles jovens bons que saem, conversam, estudam e o lado ruim, que são aqueles que estão fumando, bebendo e usando drogas, que desrespeitam pai e mãe (A19).

Tem vários aspectos bons e ruins do meu ponto de vista. Bons é que na adolescência você acaba conhecendo muito mais gente. Você acaba perdendo a vergonha que você tinha quando você era criança. Pelo menos foi o que aconteceu comigo (A4).

A fala desses adolescentes, a respeito da concepção de jovem, é contraditória. Essa contradição é reveladora uma vez que, de um lado, reflete as características negativas e, de outro, as imagens positivas acerca da juventude na atualidade.

Muitos fazem comparações entre a adolescência atual e a vivida em épocas remotas, afirmando que a adolescência vivenciada antigamente era melhor. Pelas entrevistas, percebe-se que alguns jovens se apropriaram de concepções que lhes foram passadas por seus familiares, relatando concepções idealizadas das épocas remotas.

Assim, alguns adolescentes continuam supervalorizando a juventude de anos precedentes:

A maior parte, hoje em dia, está se perdendo. Esses jovens hoje em dia estão usando drogas e as meninas de hoje em dia não se cuidam mais como antigamente. Eu só quero imaginar no futuro como vai ser (A15).

Hoje, os adolescentes vivem momentos diferenciados, mas os problemas existem, assim como nas épocas anteriores.

Sem cabeça, os jovens hoje em dia fazem muito mais coisa errada do que certa. Eu leio muito a Capricho, a Gloss, tipo assim. Ai ontem eu estava lendo uma reportagem que 47% das meninas de 13 a 17 anos já fumam, tipo metade, e os meninos, a maioria usa muita droga, muita bebida. Os jovens têm menos cabeça. A minha mãe, pelo que ela conta na época dela, não é assim (A1).

Neste estudo, alguns entrevistados tendem a conceber o jovem em geral como rebelde, despreocupado e irresponsável. A presença das drogas na vida do jovem aparece claramente na maioria das falas.

Os jovens estão muito violentos, entrando para os crimes. Muito diferentes de como era antigamente (A7).

Eu me vejo diferente deles. Eu vejo jovens da minha idade que bebem e já fazem um monte de coisas. Tem grupos que, quando eu saio para ir a alguma festa, e eu vejo que eles vão beber, eu não gosto de ficar, vou embora (A6).

Ao contrário dos demais, este adolescente supervaloriza a condição do jovem na contemporaneidade e subestima os jovens de décadas anteriores:

Hoje eu vejo os jovens um pouco mais conscientes. Alguns, lógico, um pouco mais inconsequentes, mas outros mais conscientes. Em relação a tudo, sabe, antigamente, não tinha tanta informação. Eu acho que culpavam os jovens por tudo o que eles faziam, mas eles não tinham tanto conhecimento do que eles faziam. Hoje eles estão um pouco mais conscientizados (A21).

Outro aspecto a ser considerado na adolescência é a linguagem. Foi interessante constatar que existem códigos de linguagem entre os adolescentes que fazem parte do seu cotidiano, sobretudo nas conversas na internet, deixando presente a marca das mudanças sociais.

Por meio deste relato, podemos observar que alguns sujeitos entrevistados utilizam-se das gírias e de uma linguagem estabelecida entre jovens dessa faixa etária:

Uma parte deles está bem associada. A outra está entrando num caminho que não tem saída, no mundo da malandragem, roubo e drogas. E muitos deles dão mais valor aos outros lá fora do que à própria família (A15).

Conforme Talízina (1988, p. 17), “o principal sistema de signos que mediatiza a atividade psíquica do homem é a linguagem. A linguagem surgiu de uma forma social específica e das relações entre os homens, engendrados em uma prática social”.

De acordo com Siguan (1987, p. 139),

a linguagem tem uma natureza social, e isso se deve entender de uma dupla maneira, significando em primeiro lugar que a linguagem é produto

de uma sociedade e expressão de uma cultura, mas significando também que a linguagem se adquire na comunicação e no diálogo com os demais.

Segundo Kenski (2007), a linguagem é uma construção criada pela inteligência humana para possibilitar a comunicação entre os membros de determinado grupo social.

#### 4.4.3 Adolescência, Internet, Lazer e entretenimento

Para Vigotski (1984, p. 28, tradução nossa)<sup>14</sup>, “este período distingue em seu conjunto, por dois traços fundamentais, por ser um período de ruptura e extinção dos velhos interesses e por ser um período de amadurecimento de uma nova base biológica que permite mais tarde o desenvolvimento de novos interesses”.

Conforme contamos neste depoimento, a concepção de juventude é marcada pelo virtual:

Eu acho que o mundo da internet é o mundo deles. É o nosso mundo, é a internet, os jogos, o orkut e o MSN, essas coisas assim (A20).

Quéau (1993, p. 99) estabelece que:

O fascínio pelos mundos virtuais e pelas imagens toca principalmente as jovens gerações. Esse fascínio provém do fato de que não somente podemos criar pequenos ‘mundos’ do nada, mas sobretudo pelo fato de que, num certo sentido, podemos habitar ‘realmente’ esses mundos.

Essa afirmação é reveladora, da dependência do adolescente em relação ao mundo virtual, seja nas interações cotidianas ou até mesmo por meio dos jogos.

Na perspectiva de Hargreaves (2001), os adolescentes, muitas vezes, passam horas navegando na internet, lugar em que estabelecem contatos e interesses que ultrapassam os limites da escola.

Neste depoimento, fica claro que os jovens conectam a internet por vários interesses, mas a comunicação entre as pessoas se confirma novamente:

Muitas vezes, quando a gente está na internet, não é para estudar. Fica conversando, batendo papo no Orkut, essas coisas [...] (A7).

<sup>14</sup> El principal sistema de signos que que mediatizan la atividade psíquica del hombre lo constituye el lenguaje. El lenguaje surgió como una forma social específica de las relaciones entre los hombres, engendrada por su práctica social.

Vigotski (1996, p. 24, tradução nossa)<sup>15</sup> ressalta:

Nesta idade é quando se manifesta com nitidez as relações entre as verdadeiras necessidades biológicas do organismo e suas necessidades culturais superiores, que chamamos de interesses. Em nenhuma outra idade do desenvolvimento infantil se revela com tal evidencia o feito da maturidade e formação certas atuações vitais constituem a premissa imprescindível para que se modifiquem os interesses do adolescente.

Entre os sujeitos, vemos que alguns não são muito adeptos da internet:

Eu vivo mais para o estudo e esporte. Eu não fico muito na internet (A20).

Esse sujeito entrevistado faz parte do Projeto Social, é atleta e treina diariamente.

Procuramos verificar como os adolescentes entrevistados têm vivido a própria adolescência. O contexto da vida desses adolescentes é evidenciado pelo convívio com o grupo de amigos e o lazer. Esse é o modo como vivem esta fase. Assim, os adolescentes relatam as importantes trocas entre eles:

Eu planejo viver a minha adolescência aproveitando ao máximo (A2).

Eu vivo do jeito que todo mundo vive: aproveitando ao máximo (A5).

Assim, eles se articulam e estão interligados entre si, conforme os seguintes depoimentos:

Amo meus amigos. O que mais faço é sair com eles (A4).

Querer ser popular, fazer parte de algum grupo (A15).

De acordo com Petroviski (1981, p. 187, tradução nossa)<sup>16</sup>, “para o escolar maior, o mais importante é ser aceito por seus pares, sentir-se necessário para o grupo, ter um determinado prestígio e autoridade”.

<sup>15</sup> Em esa edad es cuando se manifiestan con toda nitidez las relaciones entre las verdaderas necesidades biológicas del organismo y sus necesidades culturales superiores, que llamamos intereses. En ninguna otra edad de desarrollo infantil se revela con tal evidencia el hecho de que la maduración y formación de ciertas atracciones vitales constituyen la premissa imprescindible para que se modifiquen los intereses del adolescente.

<sup>16</sup> Para el escolar mayor lo más importante es ser aceptado por sus pares, sentirse necesario para el grupo, tener en él determinado prestigio y autoridad.

Levados pelos amigos por muitas coisas, pelas amizades erradas (A11).

Eu sou da parte que tenta tirar ao máximo as coisas boas, principalmente meus amigos (A4).

Petrovski (1981, p. 149, tradução nossa)<sup>17</sup> explica que:

Quanto menos felizes são as relações do adolescente com os adultos, tanto maior será o lugar que ocupam em sua vida o trato com seus companheiros e maior será também a influencia destes sobre eles. É comum na adolescência encontrarmos essa valorização da amizade.

Os pais têm que entender e deixar a gente sair mais com os amigos e se divertir (A14).

Para o autor, o trato com seus companheiros adquire, para o adolescente, um grande valor, às vezes tão grande que deixa para segundo plano o estudo e menospreza consideravelmente a relação com os pais.

Segundo Hargreaves (2001, p. 22-23):

Os sistemas de valores dos adolescentes deixam de ser, em grande parte, definidos pelos valores dos pais, para tornarem-se mais influenciados pelos valores de seus pares [...] envolvem-se em um grande número de atividades que os auxiliam a estabelecer um sentimento de individualidade e identidade pessoal.

Vejamos o que este adolescente relata sobre a questão:

Na verdade, eu gosto mais de estar com meus amigos, porque a gente pode falar o que a gente pensa (A9).

A liberdade de expressão se faz presente na relação entre os pares, o que aprofunda ainda mais essa relação.

Em seus estudos, Souza (2006) afirma que a mídia digital é um instrumento significativo de sociabilidade entre os jovens internautas.

Petrovski (1981, p. 192, tradução nossa)<sup>18</sup> assevera que “a amizade íntima que permite comparar vivências, sonhos e ideais, aprender a falar de si mesmo tem

<sup>17</sup> Cuanto menos felices son las relaciones del adolescente con los adultos, tanto mayor será el lugar que ocupe en su vida el trato con sus compañeros y mayor también la influencia de éstos sobre él.

<sup>18</sup> La amistad íntima que permite comparar vivencias, sueños e ideales, aprender a hablar de si mismo tiene por eso una gran significación. A los quince-dieciséis años tanto chicos como chicas consideran que la amistad es la más importante de las relaciones humanas.

por isso um grande significado. Aos 15 e 16 anos, meninos e meninas consideram que a amizade é a mais importante das relações humanas”.

Em seu cotidiano, os adolescentes entrevistados buscam como lazer o acesso à internet, as idas ao *Shopping Center*, o cinema, as festas, a prática de esportes e a convivência com os amigos.

Fico bastante no computador. Até demais. Assisto bastante TV. De vez em quando fico com os meus pais (A5).

Eu fico jogando bola, ouvindo música, vou à casa de amigos tomar tereré (A15).

Quando estou em casa, fico na internet (A6).

Segundo Quéau (1993, p. 99, tradução nossa), “elementos fundamentais da nossa relação com os outros homens, como a noção de presença, encontram-se questionados por práticas virtuais”.

Mesmo nos momentos de lazer, a internet faz parte do cotidiano dos adolescentes:

Como lazer, gosto de passear com os amigos e familiares, usar internet e o telefone também para conversar com os amigos, assistir TV, filmes, escutar música (A3).

O leque de atividades em que os jovens se engajam *on-line* é amplo e diversificado.

Quando não estou na casa de amigo, estou jogando no computador, no MSN ou na TV assistindo filme (A8).

Fico mais no computador mesmo (A11).

Os jogos também são comumente utilizados pelos jovens, exercem fascínio. Na concepção deste adolescente, causam dependência e são muito populares, assim como o download de músicas.

Eu acho que tem muitos jovens deixando de fazer os deveres de casa para ficar na internet jogando. As pessoas acabam ficando viciadas em computador e isso é erro dos pais. Tem gente que fica 24 horas na internet, isso passa até na TV (A17).

Faz parte da vida do adolescente vivenciar muitas coisas que acontecem além da sua casa ou dos muros da escola. É a sua vida, a sua realidade concreta.

Para Heller, (2008, p. 33):

O homem já nasce inserido na sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade.

Segundo a autora, a assimilação e o amadurecimento para a cotidianidade iniciam sempre por grupos em nossos dias, pela família e pela escola, estabelecendo, desse modo, uma mediação entre os indivíduos e os costumes, as normas e a cultura.

Muitos jovens revelam que, em seu cotidiano, o lazer prevalece, especialmente o que envolve as questões propiciadas pelo contato com a internet. Desse modo, o contato com a internet assume lugar preponderante na vida dos jovens.

Por meio dos depoimentos foi possível evidenciar que entre os adolescentes entrevistados, dezesseis afirmaram que gostam de ler, mas limitam-se muitas vezes a ler apenas os livros indicados pela escola durante as aulas de leitura. Alguns revelam que o incentivo à leitura foi por parte da família. Alguns entrevistados não têm hábito de ler, outros leem de vez em quando. O contato com a internet possibilita aos adolescentes se apropriarem dessas novas formas de escrita e leitura.

Segundo Freitas (2009), os adolescentes priorizam grande parte de seu tempo diante da tela. Desse modo, envolvem-se em uma escrita teclada, interativa e espontânea.

Não só no colégio como em casa. Gosto de ler livros que me interessam. Leio nas aulas de leitura que são oferecidas pela escola e em casa sempre estou disposto, pois devemos ter disposição para ler (A3).

Somente os livros que a professora pede (A7).

Eu não tenho hábito de leitura (A2).

Na visão de Bernardes e Fernandes (2005, p. 121):

A internet o computador constitui não só um repositório abrangente de informações variadas, mas fundamentalmente um provedor poderoso, que pode ser acessado a qualquer hora e de qualquer lugar. Como um imenso banco de dados *on-line*, a internet disponibiliza para seus usuários uma verdadeira explosão de informações que demandam procedimentos outros de localização, utilização de seus documentos, assim como de outros modos de apropriação via leitura.

Segundo Kenski (2003, p. 62):

Os avanços tecnológicos reorientam a leitura na escola para outros textos e imagens. O ato de ler se transforma historicamente. [...] escola precisa investir na formação de leitores por diversos caminhos e linguagens. Precisa também ampliar suas concepções de linguagem, de leitura e de escrita para incorporar as mediações textuais feitas por meio do uso das tecnologias digitais.

Pelos depoimentos é possível inferir que muitos adolescentes têm preferência pelos livros, e leem somente os livros indicados pela escola durante as aulas de leitura.

Esses novos aparatos tecnológicos não substituem os livros. Porém, quando o contato com a rede é intenso e constante, os jovens diminuem o interesse pela leitura.

Os Programas a que assistem na TV são diversificados. Destaca-se a preferência por filmes, novelas, jornal, esportes e desenhos. Alguns relatam que preferem o computador a assistir à TV. Desse modo, a internet é tipicamente priorizada.

De acordo com Vigotski (1984, p. 25, tradução nossa)<sup>19</sup>, “no adolescente não só aparecem novos interesses, como desaparecem os velhos, iniciam os interesses pelos objetos completamente novos para ele, e perdem o interesse pelas coisas que se interessavam antes”.

Para Kenski (2007, p. 21), “o homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. Elas transformam sua maneira de pensar, sentir, agir”.

Quando fico em casa, fico bastante na TV e na internet (A5).

Essa possibilidade de entrar na internet em casa pode ser elemento facilitador ao acesso constante, e até mesmo ao aumento da quantidade de tempo em que os jovens permanecem conectados *on-line*.

De acordo com Stern e Wills (2009, p. 257), “a internet não substitui o uso de nenhuma outra mídia, mas complementa muitas outras atividades dos adolescentes, incluindo assistir TV, fazer a lição de casa, ouvir música e falar ao telefone”.

<sup>19</sup> En el adolescente no solo aparecen nuevos intereses, sino que desaparecen los viejos, que no sólo empieza a interesarse por los objetos completamente nuevos para él, sino que pierde interés por las cosas que le interesaban antes.

Na atualidade, pode-se dizer que o espaço entre a TV e a internet se divide na preferência dos adolescentes, uma vez que, hoje, a internet também propicia atrativos que despertam o interesse dos adolescentes, como os jogos em rede e os relacionamentos *on-line*.

Antes eu gostava de assistir desenho, mas agora fico mais no computador (A7).

Grande parte dos sujeitos entrevistados tem computador em casa e utiliza, com frequência, *sites* de relacionamento.

O dia inteiro:orkut, MSN (A1).

Neste relato, percebemos uma adolescente para quem a relação virtual tem mais significado do que a relação presencial:

Eu sou uma pessoa adotada, não falo muito com os meus pais, gosto de interagir mais com computador para conversas (A9).

Às vezes meus pais nem sabem, mas você está conversando com um estranho (A1).

Assim, ao mesmo tempo em que a internet favorece a interação, também pode induzir ao isolamento social, uma vez que os jovens se deixam envolver por tudo aquilo que a internet oferece. Pode haver um declínio da comunicação dos jovens com os membros da própria família.

Lá em casa eu só fico na internet, mesmo. Internet, internet e internet (A14).

Castells (2003, p. 98) sustenta que:

[...] a difusão da internet está conduzindo ao isolamento social, a um colapso da comunicação social e da vida familiar, na medida em que os indivíduos sem face praticam uma sociabilidade aleatória, abandonando ao mesmo tempo interações face a face em ambientes reais.

Ainda em relação ao isolamento, Stern e Willis (2009, p. 257) asseguram que “a falta de acesso à internet com frequência leva alguns jovens a se sentirem deixados de lado ou isolados, uma vez que essa mídia passou a desempenhar um papel-chave nas interações sociais e no planejamento de eventos entre os jovens”.

Quando estou sozinha em casa fico o tempo inteiro na internet, o tempo inteiro conversando no MSN, no orkut (A2).

De outro modo, as relações *on-line* encurtam as distâncias, como é o caso desta adolescente que tem se utilizado do meio virtual para comunicar-se com sua mãe, que reside em outro país.

A minha mãe foi embora para a Espanha. Falo com ela no MSN, ela me pergunta se estou bem, o que eu estou fazendo aqui. Ela sempre me pergunta se eu arrumei namorado, mas eu ainda não tenho namorado. Ela achou que na Espanha a vida dela iria ser melhor para conseguir mais dinheiro para o meu futuro (A20).

Esta adolescente, que está iniciando o contato com o computador, anteriormente morava na aldeia indígena Meruri<sup>20</sup>:

Como eu não sei mexer ainda no computador, eu só sei entrar na internet mais ou menos. Tenho uma colega, filha da secretária da minha tia, que me ajuda e a gente só entra quando é uma pesquisa ou um trabalho da escola. O resto eu não mexo (A12).

É interessante notar que, para este adolescente, prevalecem os aspectos negativos em relação ao conteúdo encontrado na internet:

Hoje em dia o que mais tem no computador são coisas ruins. O pessoal usa mais para bagunçar, zoar com os outros, raquear. *Sites* de pornografia têm um monte (A16).

Apesar de a internet ser utilizada de maneira regular, no que se refere ao acesso, as diferenças são marcantes.

Um ponto positivo da utilização da internet é em relação à pesquisa, uma vez que permite o acesso instantâneo, por meio dos *sites* de busca, o que facilita as informações. O contato com o mundo virtual favorece a aprendizagem de habilidades que são significativas para a vida do jovem.

Esse acesso momentâneo faz com que o jovem demonstre preferência pela comunicação *on-line*.

<sup>20</sup> Os Bororos habitam a região do planalto central de Mato Grosso e estão distribuídos em cinco terras indígenas demarcadas: Jarudore, Meruri, Tadarimana, Tereza Cristina e Perigara. Sua população atualmente é de cerca de 2000 indivíduos. São tradicionalmente caçadores e coletores, mas adaptaram-se à agricultura para extrair a subsistência. Destacam-se pelo artesanato e pela pintura em argila.

Às vezes eu fico navegando na internet, conversando com os amigos. Porque meus pais não estão (A9).

O contato com a internet facilita a ampliação da rede de relacionamentos.

Utilizo mais para fazer trabalho da escola, e de vez em quando para acessar o orkut e o MSN (A19).

Alguns adolescentes usam a internet com objetivos escolares, na realização de trabalhos e atividades.

Muitas vezes por lazer. Mas quando tem algum trabalho escolar, uso o Google, entro na página do Colégio, acesso a página dos professores para estudar. Eu até prefiro estudar pelo computador, porque o professor passa o resumo de tudo. É melhor do que você ficar lendo no livro. Porque para mim não dá para me concentrar e ficar lendo no livro. É uma coisa mais resumida que eu leio, entendo e pronto (A2).

Existe escola com salas de informática, que facilitam a realização de trabalhos e pesquisas escolares (A3).

Eu não vejo o computador como um vilão. Porque ajuda muito em relação aos trabalhos escolares. A tecnologia é boa, sim, se você souber usá-la (A21).

Assim, os entrevistados preferem utilizar desses *sites* em seu cotidiano, para se relacionar com os amigos ou para pesquisar trabalhos escolares.

O tempo médio de utilização mais frequente entre os entrevistados estabelece-se entre duas a três horas diárias.

Desse modo, quanto maior é o tempo que os jovens permanecem na internet, menos tempo para as interatividades reais.

Nas entrevistas, procuramos constatar qual o horário de acesso à internet preferido pelos entrevistados. Demonstraram que o período noturno é o preferido pela maior parte do grupo. Os horários de acesso são diversificados, uma vez que os sujeitos estudam em períodos diferentes.

Por meio desse relato, fica evidente que o tempo que permanecem *on-line* é significativo, pois ficam acessados por muitas horas consecutivas:

Da hora que eu chego da escola até o horário que começa a novela (A1).

Os dados revelam diferenças quanto ao limite de utilização estabelecido pelos pais, conforme se vê neste depoimento:

Depende do dia, meus pais dão limite. Quando divido o computador com a minha irmã, é uma hora para cada uma (A7).

No entanto, pudemos averiguar que alguns adolescentes passam horas seguidas diante da tela.

A semana toda, todos os dias, horas liberadas. Quando eu fico até tarde, eles brigam comigo (A14).

Este adolescente possui computador, mas não tinha acesso à internet.

Faz um ano que ganhei o computador, mas só agora meu pai pôde instalar, por causa de dificuldades financeiras. Ele divide a internet com o meu vizinho. Hoje uso mais para fazer pesquisa (A17).

Os adolescentes também relataram os *sites* que costumam buscar com mais frequência.

O *site* orkut destaca-se de modo significativo entre outros aplicativos de comunicação para a maior parte dos sujeitos. As mensagens são instantâneas e frequentemente usadas entre os adolescentes. O MSN e o Google também são referência para eles.

Contatamos que a preferência dos adolescentes entrevistados é pelos *sites* de relacionamento. Utilizam principalmente por questões sociais e isso torna-se um meio de correspondência entre eles.

Porque eles estão lá, eles não pensam em telefone. É tudo virtual. É tudo instantâneo (A21).

Freitas (2005), em suas pesquisas acerca dos *sites* construídos por jovens, enfatiza que esses se caracterizam por novos espaços de leitura e escrita digital, permitindo outras formas de interação.

Para Stern e Wills (2009, p. 258), “a mensagem instantânea permite que os usuários se correspondam em tempo real com várias pessoas ao mesmo tempo e monitorem se os seus amigos estão conectados”.

O orkut, com certeza, e o youtube, porque vejo muito vídeo, Google para pesquisa e imagens porque adoro desenhar. Agora, a minha mãe sempre falou: “cuidado com esse negócio de bate-papo” (A2).

De acordo com Freitas (2005, p. 26):

Navegando na rede, não estamos, portanto, apenas nos apropriando de um novo instrumental técnico revolucionário ou de novos códigos sonoros, visuais ou gráficos-auditivos comunicativos para escrever e ler, mas sim, construindo um novo objeto conceitual mediado por novos tipos de interação linguística, social e cultural.

Stern e Willis (2009, p. 268) consideram:

É a rede que provavelmente afeta diferentes jovens de diferentes maneiras, dependendo do que eles estão fazendo, por que estão fazendo isso e durante quanto tempo [...] em meio à crescente atenção que está sendo dada ao impacto da internet nos adolescentes, é importante mencionar que os próprios jovens relatam em massa que a *web* causou um impacto positivo em sua vida social.

Desse modo, é evidenciado um novo espaço que permite novos modos de revelação de si, o que difere das relações presenciais, sobretudo pelo anonimato.

Com o advento da internet, as comunidades têm se expandido cada vez mais e foram inseridas especialmente no universo juvenil. Elas permitem um novo modo para pensar a constituição do sujeito adolescente hoje. Os adolescentes *on-line* compartilham interesses, valores, criam laços afins, dependendo da comunidade de preferência.

De acordo com Castells (1999, p. 57), “as novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades”.

Na opinião do autor, o surgimento desse novo sistema eletrônico de comunicações caracteriza-se por um alcance global, proporcionando uma interatividade potencial que modifica significativamente a cultura.

Para Lévy (1999, p. 127), “uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades e interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação e de troca, tudo isso independente das proximidades geográficas e das filiações institucionais”.

Kenski (2003, p. 105) corrobora com essa afirmação:

O lugar em que se encontra a comunidade é, para seu habitante, um exercício de imaginação. Formados pelas afinidades de interesses esses espaços são múltiplos, diferenciados, complexos e envolvem uma variedade enorme de pessoas de todas as idades e de todos os tipos de gêneros que sentem pertencentes a determinados grupo social virtual.

Para a autora, por meio das comunidades, cria-se uma identidade cultural e social que os distingue das outras comunidades existentes. Isso acontece devido ao sentimento coletivo de pertencer a um grupo.

Navegamos nas comunidades acessadas pelos adolescentes entrevistados, buscando compreender esse espaço. As comunidades preferidas pelos adolescentes entrevistados estão relacionadas a: família, amigos, escola, futebol, músicas, entre outras. Pudemos registrar um número significativo de visitantes. Dentre as comunidades que receberam o maior número de visitantes, aparecem: Eu amo chocolate, A melhor mãe do mundo é a minha, Tudo o que é proibido é mais gostoso, Quem não cola não sai da escola.

As comunidades citadas pelos adolescentes entrevistados que estão relacionadas à escola são: Odeio estudar, Adoro a escola, Meus professores não têm noção, Eu odeio o professor de matemática.

Comunidades que falam sobre eles mesmos, sobre a sociedade, sobre o que você gosta (A5).

Escola é bom, mas não prá mim, um monte que fala sobre escola, de cola, essas coisas. Quem não cola não sai da escola (A16).

Ao citarem o contexto escolar, revelam que a escola é significativa em suas vidas, pois é por meio dela que surgem os encontros, as trocas, as interações com o grupo. Por outro lado, observa-se que a imagem revelada na internet em relação aos seus professores muitas vezes é divulgada de modo negativo.

Meus professores não têm noção. Eu odeio o professor de matemática (A3).

As comunidades que envolvem os relacionamentos também são mais marcantes para os jovens entrevistados.

As mais relacionadas à namoro, porque o jovem até por estar numa fase de transição de emoções, acho que ele acaba se apaixonando muito mais que um adulto. Até porque ele não tem a consciência que um adulto tem. O namoro eu não curto muito, mas a amizade até que é legal (A4).

#### **4.4.4 Relacionamentos virtuais x presenciais**

Quanto ao que pensam a respeito dos relacionamentos virtuais de amizade ou namoro, a concepção negativa é revelada em suas falas. Muitos jovens

entrevistados não apreciam este tipo de relacionamento porque o anonimato e o distanciamento são as marcas dessa relação.

Para muitos jovens, esses aspectos são fascinantes e atrativos. Alguns acham interessantes, outros falam que falta segurança e uma minoria ficam em dúvida a respeito dessa questão. Vejamos o que relatam:

Eu acho um horror isso, porque você não conhece a pessoa, não sabe se ela está falando a verdade, se ela é ela mesma. Eu não gosto (A13).

Eu acho que você não tem que ter intimidade com uma pessoa que você não conhece (A1).

Namoro virtual, para mim, é uma perdição (A6).

Quéau (1993, p. 99) aponta que “Não há dúvidas de que o virtual venha a tornar-se então o novo ópio do povo. Eis precisamente a razão pela qual devemos acompanhar os seus desenvolvimentos, conter seus usos eticamente questionáveis e pensar nos seus fundamentos”.

É bom, sim, mas até no virtual há muita violência (A14).

Eu acho que é uma coisa, namoro por conhecer o cara só por MSN, eu não sou totalmente a favor. Eu acho que tem que achar alguém, conversar com esse alguém. Tem que ver pessoalmente. Muita gente, você está conversando com uma pessoa e tipo, você nem sabe como que ela é, o que ela vai querer com você, entendeu, tanto que às vezes quando você não conhece pessoalmente é até uma coisa perigosa, de certa forma (A2).

Às vezes você pode estar se relacionando com uma pessoa e pode ter alguma coisa ali. Porque, na verdade, você constrói um perfil, o que está lá não é exatamente o que é. Eu acho que para você conhecer uma pessoa você tem que conversar com ela. Eu não tenho um pensamento formado se é ruim ou é legal. Eu acho que tem que ter cuidado. Talvez aconteça comigo e eu ache legal (A21).

Eu acho legal, mas ao mesmo tempo muito arriscado e interessante (A12).

É legal mas perigosa, porque influencia bastante. Tipo, tem namorado virtual que acaba aproveitando da adolescente e às vezes causa conflitos em casa (A15).

Na opinião desses adolescentes, fica claro que existe contradição em relação ao que pensam sobre os relacionamentos virtuais. A contradição revela-se quando, nos depoimentos, se verifica que ficam em dúvida entre confiar ou não nessa relação.

#### 4.4.5 Mudanças

Encontramos, dentre os sujeitos da pesquisa, uma adolescente que está vivendo a fase de adaptação tanto na escola como na interação com o computador. Relata algumas mudanças que começam a surgir em seu cotidiano:

A minha vida mudou muito. Lá na minha aldeia Meruri eu falava errado, tinha coisas que eu pensava errado. Depois que eu vim para cá, eu vi que é diferente, você tem que ter mais agilidade, você tem que ser rápida, porque senão você não tem vez. Lá, quanto mais devagar você for, é muito melhor no trabalho e no estudo . Eu ainda não sei mexer no computador, só sei entrar na internet para pesquisar um trabalho da escola (A12).

Em relação às mudanças que o contato com a internet pode trazer aos adolescentes, as falas dos sujeitos revelam que eles acreditam que interfere na sua identidade, como denunciam:

Pode, dependendo com quem nós estamos conversando na internet, essa pessoa pode atrair você para o mundo que ela vive. Pode mudar a identidade por meio das pessoas com quem elas conversam. E dependendo da identidade de uma pessoa que conversa com outra diferente, uma delas pode incentivar a troca de identidade (A3).

De acordo com Melucci (1997, p. 11):

Para lidar com tantas flutuações e metamorfoses, os adolescentes sentem que a identidade deve ser enraizada no presente. Eles devem ser capazes de abrir e fechar seus canais de comunicação com o mundo exterior para manter vivos seus relacionamentos, sem serem engolidos por uma vasta quantidade de signos.

Por outro lado, é necessário ficar atento aos perigos que rondam os adolescentes na internet, uma vez que o estabelecimento dessas relações pode ser adequado ou inadequado.

Tem muita gente que cria os *fakes* nos sites de relacionamento, essas coisas, para criar uma identidade, tipo para mentir para os outros, os amigos virtuais. O cara pode ser um mentiroso, pode falar tudo para mim, pode falar “eu sou assim, assim”, e não é. Pode querer descobrir coisas a meu respeito. Pode ser um amigo meu, que não é tão amigo, que pode querer descobrir um negócio para acabar a amizade aqui. Mas acho que as pessoas normais não fazem isso. Um *fake* é um perfil falso, tipo eu faço um com um nome mentiroso (A5).

Acho que a internet faz o jovem ficar dependente e isso afeta a sua identidade (A10).

Assim, os adolescentes apontam algumas características da relação com o mundo virtual: a identidade falsa e a dependência, que também é uma característica que precisa ser considerada.

Conforme os estudos de Estácia (2003), o acesso ao computador interfere na subjetividade dos adolescentes de diferentes modos, ocasionando a dependência.

Estas afirmações dos adolescentes estão de acordo com Castells (1999, p. 99) “são os adolescentes que estão em processo de descobrir sua identidade, de fazer experiências com ela, de descobrir quem realmente são ou gostariam de ser”.

Você deve fazer o que acha que deve ser feito e o que você acha que é certo (A2).

Alguns jovens identificam-se com as comunidades, mas alertam acerca das más influências:

Dependendo da pessoa, por exemplo uma pessoa que não gosta de estudar. Claro que ela vai acessar uma comunidade que é contra estudo, depende mais da pessoa. Acessamos comunidades que dizem a nosso respeito, sobre o que gostamos de fazer (A 3).

Para mim, tem que ser de futebol. Tem que ver qual a comunidade. Tem muitas que são erradas, tipo coisa de pedofilia, tem que tomar cuidado (A6).

Nem sempre é seguro, às vezes temos que tomar cuidado, podemos estar mexendo com bandidos. Todos, sim, temos o direito de usar a internet, desde que tenhamos consciência do que estamos fazendo (A3).

Diante desses relatos, podemos vislumbrar claramente que alguns adolescentes têm consciência de que o uso indevido da internet pode acarretar mudanças na personalidade do jovem.

Muitas vezes as pessoas entram porque veem o seu orkut, e isso às vezes deixa a pessoa naquela comunidade. Parece que você se sente mais importante (A9).

Neste exemplo, fica claro a necessidade que o jovem revela de ser reconhecido pelos demais, pelo seu grupo de amigos, de se autoafirmar. O sentimento de pertencimento.

Tem uns que podem fazer com que o adolescente passe a ser mais agressivo (A8).

Eu vou para o orkut e tenho um monte de amigos e começo a conversar (A1).

A era virtual tem possibilitado a expansão do número de amigos e de comunidades. Para Nicolaci-da-Costa (2005, p. 44): “Os sujeitos ali instalados se relacionam intercalando suas falas para buscarem um objeto de valor que é amizade virtual. A confiança parece ser dada de imediato, havendo crença no dizer do outro”.

Às vezes o jovem pode ficar mais maduro, conforme o *site* que você acessa. Talvez pelo seu modo de pensar, querer ser dono do próprio nariz, ou ele acaba tendo um relacionamento com uma pessoa mais velha e acaba fazendo a cabeça dele. Dependendo do *site*, muda totalmente a vida (A15).

Depende da cabeça, na minha, mesmo, não. Tem gente que fala que as músicas influenciam as drogas. Influenciam sim, se a pessoa quiser. Tipo, eu curto altas músicas do Marcelo D2. As músicas dele só falam sobre droga. Só que não tem nada a ver (A16).

Os jovens buscam informações variadas a respeito de diversos assuntos. Por outro lado, correm o risco de confundir o virtual com real:

Eu acho que, se você não tiver a sua personalidade formada ou tiver alguns valores que você traz de casa, você é muito influenciado, porque tem muita informação que você acha legal (A21).

Para Melucci (1997, p. 10):

Adolescentes pertencem a uma pluralidade de redes e de grupos. Entrar e sair dessas diferentes formas de participação é mais rápido e mais frequente do que antes. [...] A quantidade de informação que eles mandam e recebem está crescendo em um ritmo sem precedentes.

Desse modo, esses sujeitos demonstram que os aspectos negativos prevalecem sobre a identidade do adolescente, quando este se torna dependente e quando permite a influência das outras pessoas que estão *on-line*.

Outros supervalorizam a adolescência na atualidade, como verificamos neste relato:

Eu acho que a internet contribui para a evolução do jovem, porque o jovem de hoje em dia é muito mais evoluído do que o jovem de tempos atrás, em relação às informações. Também tem as coisas, tipo, *site* pornô, muitos jovens entram em *site* pornô e isso até acelera um pouco mais a sexualidade dos jovens (A4).

A experimentação, a curiosidade em relação à sexualidade é outro fato comum trazido pelos adolescentes. Assim, as implicações a respeito da exposição dos jovens a tais conteúdos podem levar a distorções.

Alguns denunciam os perigos e a falta de segurança a que estão expostos e a preferência pelos *cybers* em relação à sala de aula, conforme averiguamos neste depoimento:

Porque o mundo virtual está muito perigoso. Tem uns que ficam mais agressivos, tem uns que deixam os estudos para ficar na internet. Alguns matam aula para ir ao *cyber*. Eu já vi muito caso assim também (A14).

Para os entrevistados, o contato com o virtual permite que sejam transportados do ambiente *on-line* para o *off-line*, atitudes ou comportamentos inadequados, cujas consequências podem ser prejudiciais à formação da identidade do jovem.

Neste relato, a ênfase é dada aos aspectos positivos propiciados pelo contato com a internet. Assim, existe possibilidade de ampliar as relações interpessoais e os conhecimentos. Porém, ficam evidentes as diferenças na aprendizagem, na escrita e entre as gerações na concepção deste jovem:

Muitas coisas, sabe? você pode ter conhecimento. Depois que eu ganhei o meu computador tive muito mais conhecimento. Igual meu pai, ele nunca teve computador. A minha mãe agora fez um orkut para ela e um para ele. A família deles mora em São Paulo e eles têm internet. Então, quando eu estou na internet e vejo que eles acessaram, eu chamo o meu pai. Ele fica uma hora digitando, brinco com ele: 'está plantando milho', porque ele demora. Fica bravo, na época dele não teve computador, agora na nossa a cada dia crescem mais as tecnologias (A6).

Freitas (2005, p. 12), em seus estudos, cujo foco recai sobre a leitura e escrita dos adolescentes na, internet afirma que:

A nossa geração, que não nasceu com a informática, se surpreendeu com o seu surgimento, e sua presença, se não continua nos assustando até hoje, pelo menos, nos incomoda. [...] o acúmulo enorme de informações disponíveis e a possibilidade de acesso a elas, a velocidade de uma comunicação em tempo real, a aproximação de pessoas e de informações distantes, são fatos que ainda não compreendemos bem e, por não sabermos como lidar com eles, nos causam estranheza.

Para essa autora (2005, p. 30), “[...] as novas formas de mediação semiótica oportunizadas pelo computador, mais especificamente pela internet, também podem estar trazendo alterações qualitativas para a cognição dos seus usuários”.

Aqui, percebe-se que o tempo dedicado à internet é preponderante. Novamente, surge em suas falas a marca do grupo; o fortalecimento das amizades fica evidente:

Muitas vezes, quando a gente está na internet, não é para estudar. Fica conversando, batendo papo no orkut, essas coisas. O meu pai reclama: você não estuda, deixa de estudar para ficar conversando. Amanhã você vai ver o seu amigo de novo. Você fica lá mexendo, conversando. Porque é legal. Ao invés de ficar estudando ou assistindo a um jornal, essas coisas. Dependendo do que cada um utiliza muda, mas para mim, não (A7).

#### 4.4.6 Atividade de estudo

Questões relacionadas às concepções de estudo são trazidas pelos sujeitos de modo significativo. A expressão “o estudo é importante para o futuro” foi enfatizada pelos entrevistados:

Os jovens hoje em dia pensam muito em lazer (internet, TV, passeios e namoro), esquecendo que a base principal da nossa vida é o estudo, pois é tendo uma base boa que garantimos no futuro um bom trabalho. Porém, há muitos jovens que pensam assim, que se dedicam ao máximo nos estudos (A3).

Estudo é uma coisa muito importante para a vida, porque se você não estudar não terá vez no mercado de trabalho (A12).

No entender destes adolescentes, o estudo é significativo para a projeção profissional:

É uma coisa boa para o nosso futuro, pois sem ele, no mundo em que vivemos, não somos praticamente nada. Tem muitos jovens que se casam cedo e não dão importância para o estudo (A14).

Eu acho o estudo uma coisa boa, mas deixar de fazer as coisas que a gente gosta para passar o dia inteiro estudando é errado (A4).

Sem estudo você não é nada. Pode falar que vai se jogador. Mas sem estudo não dá (A6).

Este adolescente traz uma reflexão a respeito da experiência da reprovação e conclui que é significativo estudar, reforçando a ideia do estudo como meio de conquista profissional:

Hoje em dia a pessoa que não tiver estudo não é nada. Então, o estudo é fundamental. Eu já me arrependi por ter reprovado duas vezes (A16).

Nesta fala, percebe-se que se espelham nos pais. Desse modo, ainda que, em alguns momentos, os adolescentes valorizem mais o grupo de amigos, em outros, trazem a família como referência:

Eu posso não gostar muito de estudar, mas eu sei que é muito importante estudar. Meus pais estudaram muito. Eu tenho eles como exemplo (A1).

De acordo com essa concepção, o adolescente pretere o contato com a internet nas suas atividades cotidianas e prioriza os estudos. Desse modo, pode-se constatar que há diferenças no sentido que os adolescentes atribuem ao estudo:

Eu acho que nós deveríamos ficar estudando mais do que ficar na internet. Tem gente que fica o dia inteiro na internet sem estudar nada (A7).

Eu gosto de estudar, sempre me dediquei (A17).

Segundo Petrovski (1981, p. 149, tradução nossa):

Podem ser simplesmente companheiros, amigos e os amigos íntimos o trato com eles transpassa cada vez mais os limites da atividade de estudo e da escolaridade, abarca novos interesses, ocupações e âmbitos das relações e se destaca em uma esfera da vida independente e muito importante para o adolescente.

Para Talizína (1988, p. 42-43)<sup>21</sup>:

Os princípios da psicologia soviética exigem examinar o processo de estudo como atividade. O enfoque característico do processo de estudo exige analisá-lo como um sistema íntegro, como um processo real de soluções das tarefas que tem exposto o homem histórico e social, sujeito desta atividade [...] o estudo representa uma atividade propriamente dita só quando satisfaz a necessidade cognitiva.

Rubistein (1972) assegura que o estudo é a atividade pela qual os indivíduos se apropriam dos resultados generalizados do trabalho de outras gerações, mas não decorre espontaneamente: está integrado ao processo educativo. Sua função

<sup>21</sup> Puedem ser simplemente compañeros, amigos y el amigo íntimo. El trato con ellos transpasa cada vez más los límites de la actividad de estudio y de la escolaridad, abarca nuevos intereses, ocupaciones, ámbitos de las relaciones y se destaca en una esfera de la vida independiente y muy importante para el adolescente.

primordial é preparar o indivíduo para uma atividade futura. É uma forma clássica de atividade, por meio da qual o homem se forma.

Na análise de Serrão (2006), o estudo é considerado uma particular atividade humana porque, assim como na atividade humana em geral, a pessoa que a realiza se transforma, ao mesmo tempo em que transforma os objetos materiais e simbólicos com os quais interage.

Para a autora, por meio dessa atividade, as habilidades de investigação são desenvolvidas e os alunos tornam-se capazes de se apropriar dos conhecimentos. Porém, é uma atividade conjunta, social, ou seja, mediatizada na relação com o outro.

Eu, assim como qualquer outra pessoa da minha idade, não levo o estudo muito a sério, mas todo adolescente tem na cabeça que, para ser alguém no futuro, vai ter que estudar. Eu tenho na cabeça que, se eu quiser fazer alguma coisa no futuro, se eu quiser participar de alguma coisa, ou ser alguém no futuro, eu tenho que estudar (A2).

A ideia presente é a de que, por meio do estudo, o adolescente pode alcançar futuros objetivos. Ainda que não lhe dê real importância, é consciente disso.

Este adolescente faz uma reflexão, durante a entrevista, sobre a sua condição de aluno, sobre os seus estudos e conclui que:

Eu adoro essa escola nossa. Mas assim o estudo é diferente. Tem até uma comunidade Eu adoro escola, odeio estudo. A escola é ótima, eu gosto dos professores, gosto dos colegas. Agora o estudo, acho que está faltando bastante (A5).

Para Davidov (1972, p. 5, tradução nossa)<sup>22</sup>, os métodos da instrução escolar, estabelecidos anteriormente à atual revolução técnico-científica, não satisfazem essas novas exigências. Uma das tarefas importantes é “fazer que o ensino escolar harmonize-se com os progressos científicos e técnicos deste século”.

Este adolescente pensa que o conteúdo ministrado em sala de aula não é contextualizado com a vida dos jovens. Desse modo, há falta de interesse pela aprendizagem:

Eu sei que a pessoa tem que estudar, pensar no futuro, ter um futuro bom e tal, mas sei lá, o estudo é uma coisa boa, mas tem muita coisa que a

<sup>22</sup> Mientras que el contenido y los métodos de la instrucción escolar, establecidos con anterioridad a la actual revolución científico-técnica, no satisfacen esas nuevas exigencias. Una de las tareas importantes de nuestra comunidad socialista- [...] es hacer que la enseñanza escolar armonice con los progresos científicos y técnicos del siglo.

gente não precisava ficar sabendo e que a gente não vai usar mesmo. É bom, mas eu não me interesso. Eu sei que eu deveria me empenhar mais para o estudo (A13).

Petrovski (1981, tradução nossa)<sup>23</sup> afirma que “a escola e o estudo são significativos na vida dos adolescentes, mas não ocupam o mesmo grau de importância em todos os alunos, apesar de que todos ou a maioria tenham consciência de que é importante e necessário estudar”.

Alguns adolescentes idealizam a concepção de estudo:

É tudo para nós, sem estudo a gente não é nada. Se estudando está difícil arrumar trabalho, imagina sem. Com trabalho, a pessoa fica mais associada (A15).

Esta adolescente morava na aldeia indígena e teve a oportunidade de transferir seus estudos para a escola da rede particular. Demonstra que o estudo é, de fato, muito significativo para o seu futuro:

A minha tia, por consideração, foi à minha aldeia e pegou uma menina para criar; ela queria que eu a ajudasse. Ela me ofereceu estudo aqui na escola mesmo. Eu fiquei em dúvida, então lembrei da parte que meus tios me falaram que iria chegar um dia em que eu teria que escolher um caminho que eu tinha que cumprir até o final, não poderia desistir. A minha irmã até tentou me segurar lá, mas tomei a decisão que eu vou precisar muito do estudo e era uma oportunidade incrível e eu não joguei fora. Eu vim, com isso eu consigo, se eu me formar, que eu confio em mim, eu sei que eu vou formar. Eu pretendo ajudar o meu povo, porque eles precisam muito de mim (A12).

No entanto, alguns jovens não demonstram preocupação com o estudo ou com o futuro:

Eu estou aproveitando, mas não de um modo certo, entendeu, tipo estudar, eu não estou estudando, nem pensando muito no meu futuro (A13).

Esta adolescente diz não ser uma boa pessoa porque não se dedica aos estudos:

Tem os jovens bons e tem os jovens ruins. Tem jovem tipo eu, eu não sou uma boa jovem porque eu não me empenho nos estudos, mas os jovens

<sup>23</sup> La escuela y el estudio ocupan un lugar importante en la vida de los adolescentes, pero no el mismo en todos los niños, a pesar de que todos tengan conciencia de lo importante y necesario que es estudiar.

querem mais se divertir. Mas tem aqueles mais estudiosos, que só querem estudo, estudo, estudo e só pensam no futuro (A13).

A atividade de estudo é fundamental e valorizada pela sociedade evidenciou-se que alguns jovens no decorrer da entrevista expressaram sentimentos de autodesvalorização e culpabilizam-se por intitularem-se muitas vezes alheios ou até mesmo desinteressados por seus estudos.

#### 4.4.7 Concepção de Escola

Sobre a concepção de escola, destacam-se respostas relacionadas à aprendizagem. Os adolescentes revelam, nos seus relatos, que ela é um lugar para encontrar os amigos, adquirir conhecimentos, um lugar de que ninguém gosta, mas de que todos precisam, uma extensão de casa, um lugar de interação.

Não é uma coisa legal. Mas é fundamental (A1).

Uma coisa que ninguém gosta, mas todo mundo precisa (A10).

Acho que escola tem o lado bom e o lado ruim, muitas vezes os jovens conhecem pessoas que não deveriam ou pessoas boas. Eu acho que não deveria existir esse negócio de escola particular ou escola pública, escola com bolsa, né? Eu acho que estudo é um direito de todo mundo, porque tem pessoas que não estudam porque não podem e não têm como pagar e muitas vezes não têm família (A9).

Eu acho que a escola é um lugar legal, porque a gente se envolve com as pessoas (A8).

Eu gosto da escola, principalmente por causa dos meus amigos (A4).

Eu acho que a escola é uma forma de aprendizado. É uma forma que vai além. Não só de ensino, mas o social. Você começa a interagir com as pessoas. Pode mudar a sua cabeça porque você conhece muita gente, ouve e aprende muita coisa (A2).

As falas destes adolescentes revelam a ideia de que a escola se torna um lugar de convivência social, lugar de articulações. Pelos relatos, é possível identificar o sentido atribuído à escola, assim expresso de diferentes modos:

Um lugar que tem que abrir você para o conhecimento e te apresentar a informação (A21).

Eu gosto de vir à escola, não sou fã do estudo, mas tenho isso para a minha vida. Eu vejo meu pai hoje, que não pode ter um emprego melhor por causa da falta de estudo (A6).

É uma segunda casa para mim, porque lá está o nosso futuro com os professores e com a aprendizagem. Na escola, sento no fundo e fico pensando em tudo o que passo em casa (A14).

Isso daí depende muito, tem umas escolas que só enchem de maloqueiros, não acha uma pessoa (A16).

A minha escola é ótima, pena que alguns alunos não valorizam (A17).

Eu acho mais ou menos, não gosto muito de ir à escola. Quando chega a metade do ano, eu enjoio do colégio (A20).

Foi possível verificar que, na fala dos sujeitos, na escola, assim como na internet, as relações entre os pares e as informações em vários momentos apresentam-se de maneira contraditória:

A internet tem muitas informações boas e ruins (A12).

Eu acho um lugar bom porque, além de te ensinar, ele pode te modificar, você pode conhecer pessoas que são boas ou não, como na internet também. É um lugar adequado. Eu gosto do colégio, você pode fazer amizades (A18).

Para Petrovski (1981, p. 160, tradução nossa)<sup>24</sup>, “só mesmo uma explicação muito interessante e a habilidade do mestre para organizar o trabalho durante a aula podem fazer com que os adolescentes deixem de lado os seus companheiros”.

Dependendo da escola, tem um ensino melhor adequado. Mas, quem quiser aprender coisa que não presta, aprende também na escola, por causa de outros colegas que trazem má influência. Mas a escola ajuda bastante os adolescentes, dependendo dos professores, abre a mente (A15).

Observamos ainda que por meio das comunidades alguns adolescentes expressam sentimentos negativos em relação à escola e a imagem dos professores propagando muitas vezes informações distorcidas que denigrem o contexto escolar.

#### **4.4.8 Mudança na escola com a presença do computador**

Em relação à presença do computador, a maior parte revela que houve mudança na escola.

Os alunos entrevistados que estudam na escola particular citam, por diversas vezes, a página dos professores. Na página inicial do *site* da escola, evidenciamos o acesso à página dos professores. Lá constam o nome dos professores, o número de

<sup>24</sup> Sólo una explicación muy interesante y la habilidad del maestro para organizar la labor durante la clase pueden obligar al preadolescente a olvidar-se de sus compañeros.

visitas, as disciplinas lecionadas, os arquivos que contêm os conteúdos dados em sala, *links* diversos (jogos e exercícios) e contato.

À época da pesquisa, o professor que se destacou nessa página da internet foi o professor de matemática, com o maior número de visitantes.

Houve mudanças na escola muitas vezes, eu deixei de estudar. Mas não em relação ao computador. Tendo ou não computador, experiência própria. Eu não consigo me concentrar nos livros de pegar e começar a ler. Eu sou mil vezes uma coisa mais oral, do que ouvir o professor e prestar atenção na aula. É muita coisa, muito detalhe, é por isso que eu prefiro o computador para estudar, porque na página dos professores, na internet, eles passam o resumo de tudo. Você lê, você entende (A2).

Segundo esse relato, a comunicação por meio da internet pode ser ampliada além do universo da sala de aula. Alguns alunos acessam os *sites* de seus professores com o intuito de conferir conteúdos dados em sala:

Às vezes eu não sei o conteúdo da prova, entro no site do professor e estudo (A5).

Para Leodoro (2007, p. 12):

À medida que as escolas e outras instituições responsáveis pela educação oferecem poucos desafios intelectuais aos jovens, eles buscam outras maneiras de questionar o mundo. Nessa procura, correm o risco de deparar com alternativas ilusórias e massificadas de individuação, determinadas em suas atitudes curiosas, tendem a adaptar-se aos modelos instituídos.

Para estes adolescentes, as aulas ministradas no laboratório de informática são mais atraentes porque despertam maior interesse no aluno:

Houve, porque dá uma quebrada naquela aula tipo, quadro, quadro, quadro. Quando a gente vai para a aula de informática, quebra, eu gosto bastante, despertou mais o interesse do aluno (A19).

Houve. A gente vai à informática, não fica igual na sala de aula, uma coisa chata. As aulas lá têm e são mais variadas (A6).

Na visão de Kenski (2007, p. 33):

A linguagem digital expressa múltiplas tecnologias de informação e comunicação, impõe mudanças radicais nas formas de acesso à informação, à cultura e o entretenimento [...]. as mais variadas aplicações dessas mídias, influencia cada vez mais a constituição de conhecimentos, valores e atitudes. Cria uma nova cultura e outra realidade informacional.

Esses novos modos de informação atingem os que ensinam e os que aprendem e passam a exigir novas formas de adequação nesse contexto social.

Diferentes realidades em relação aos instrumentos que compõem o contexto escolar dos sujeitos entrevistados apresentam-se nesta fala:

Na minha escola, nem muito, porque lá não é todo mundo que tem computador e nem todo mundo que tem condições de entrar no computador. Mas eu tenho um professor que ele manda a lista de atividades pela internet. E faz a gente pegar e imprimir e fazer no caderno, entendeu? Eu não acho muito bom não, porque não é todo mundo que tem dinheiro para imprimir, ele pensa que a gente acha dinheiro na árvore, comprando folha, comprando tinta para pôr na impressora, ou quem não tem, tem que ir na LAN House imprimir (A20).

No pensamento deste adolescente, o instrumento computador supera a figura do professor:

O computador passa a informação mais rapidamente e até o professor, quando tem dúvida, pode ir lá no computador e consultar (A4).

Segundo Thompson (2002, p. 42), “o computador é uma parte que integra e constitui a vida dos adolescentes”.

Por outro lado, mesmo a internet sendo extremamente avançada, sua utilização só tem validade se o adolescente souber aproveitá-la. Em relação às pesquisas para a realização de atividades escolares, essa facilidade de copiar e colar propicia a alienação:

Não. Eu acho que ficou melhor com a tecnologia. Hoje ficou mais fácil para o jovem. Os jovens ficaram com mais preguiça de pesquisar em livro, porque antigamente era tudo livro. Agora é só pegar na internet, copiar e colar (A8).

Que com a presença cada vez maior, facilita os jovens, pois antes os alunos usavam enciclopédias, revistas e jornais e agora, com a modernidade, basta usar copiar e colar, facilitando o aluno a tirar a nota máxima. Entregar o trabalho sem ao menos ler (A3).

Alguns supervalorizam o contato com o virtual, enfatizando as mudanças propiciadas pelo contato com a rede, revelando um distanciamento entre as gerações:

Eu acho que a internet contribui para a evolução do jovem. Porque o jovem de hoje em dia é muito mais evoluído do que o jovem de tempos atrás, em relação às informações (A4).

Embora os sujeitos entrevistados se posicionem em relação às mudanças ocasionadas pela internet na escola, este adolescente sustenta que essas mudanças se refletem no âmbito familiar:

Na escola, eu acho que não. Acho mais dentro da família (A9).

Alguns sujeitos revelam as diferenças entre o modo de acesso ao computador, desigualdades quanto às condições socioeconômicas.

Houve. Melhorou para os alunos. Porque tem aluno que não tem computador em casa e pode vir ao Colégio acessar (A18).

Estes adolescentes declaram a sua preferência pelo computador, em detrimento do estudo, revelando que deixam de realizar seus deveres escolares para permanecer no computador:

Houve. Porque às vezes eu mesma me interessei mais pelo computador que pelos estudos. Deixo de fazer algumas tarefas para ficar na internet e no computador (A14).

Houve, porque às vezes eu esqueço que tenho a tarefa e vou para o computador (A17).

Houve, o aluno fica mais atualizado, fora isso, conhece mais o mundo lá fora. O que ele precisa saber, ele acha no Google (A16).

Batista Neto e Osório (2002, p. 213-214) discutem:

Para que todas essas transformações sociais sigam forçosamente os avanços tecnológicos, é indispensável contar-se com a capacidade sonhadora e criativa dos jovens, sua disponibilidade em despojar-se de modelos que a experiência tornou obsoletos, e, sobretudo, sua crescente convicção de que é o futuro e não o passado que referencia o progresso social.

Portanto, essas transformações impostas pelas novas realidades atuais, também trazem consequências à educação.

#### **4.4.9 Utilização do computador na escola e fora dela**

Para os adolescentes entrevistados, existem diferenças entre usar o computador na escola e fora dela:

Na sua casa tem liberdade, entra onde você quiser, no *site* que você quiser, fica mais livre. Aprende altas coisas. Na escola é meio rígido, tem que entrar praticamente no que eles querem. Mais do lado da privacidade mesmo (A16).

Bastante. Quando você está em casa, você não tem limite. Quando os pais não estão, principalmente. Você às vezes vê coisas que não deve (A9).

Acho que sim. Porque quando eu jogava, ficava mais nervoso (A23).

Eu acho que, na escola, você não tem muita privacidade. Eu fico receoso, eu não gosto de entrar em orkut, essas coisas. Na escola acho que tem diferença, sim (A21).

Eu acho que sim, porque em relação ao colégio, você não pode usar o orkut e o MSN, eu também acho isso certo. Imagina durante a aula, todo mundo conversando no MSN? Acho que, apesar de tudo, o jovem leva o colégio um pouco a sério. É uma meta que ele tem que passar. A gente tem que estudar. Eu não posso ficar de boabeira o tempo inteiro. Quando você chega em casa, o computador é seu (A2).

De acordo com Freitas (2005, p. 26):

Navegando na rede, não estamos, portanto, apenas nos apropriando de um novo instrumental técnico revolucionário ou de novos códigos sonoros, visuais ou gráficos-auditivos comunicativos para escrever e ler, mas sim, construindo um novo objeto conceitual mediado por novos tipos de interação linguística, social e cultural.

Se a percepção de alguns é positiva, outros advertem que a internet pode influenciar as atitudes dos internautas de modo negativo:

Teve uma vez que eu vi no jornal um rapaz, por causa da internet, via fotos de violência e ele matou três pessoas, baseado na internet. Do mesmo jeito que ele via (A12).

Alguns adolescentes salientam o quanto é significativa a interação do professor com as novas mídias e o interesse despertado nos alunos por meio da mediação do instrumento, o computador:

O professor de história é o mais novo em idade formado, ele é inteligente pra caramba. Sempre está pesquisando os vídeos sobre história no Youtube, pesquisa textos para a gente, sempre passa resumo. Fica mais fácil de aprender, com os vídeos que ele pesquisa. Ele leva o notebook dele para a sala de aula e fica mais fácil, porque a gente entende melhor (A22).

Desse modo, para esses sujeitos há valorização dos professores que buscam novos aparatos para ilustrar suas aulas, despertando outros interesses.

Fica evidente que alguns entrevistados têm consciência da sua condição, ou seja, da sua constituição como sujeito:

Mas a gente sempre tem que olhar o melhor, tanto da pessoa quanto do lugar onde você vive bem, é isso assim. Eu sou normal. Eu estudo, ralo muito, porque eu acredito que você tem que construir o seu futuro, não adianta você chegar lá na frente quando eu for maior de idade e querer ter tudo na minha mão. Então eu ralo desde agora, para conseguir o que eu quero, então é isso (A21).

As páginas pessoais sinalizam quem são os adolescentes, como gostariam de ser vistos. Tornam-se, também, um meio de autoexpressão, de assuntos íntimos e de compartilhamento das suas experiências pessoais.

Os dados mostraram que a concepção de adolescência trazida no discurso dos adolescentes corrobora com as teorias da psicologia em geral, cuja ênfase recai no biológico, em detrimento do social. Assim, para alguns, é a fase de liberdade, da interação entre os pares. Outros afirmam que, na adolescência, aumenta a responsabilidade.

Ao falarem sobre si mesmos, em relação à concepção de jovem emergem contradições na maior parte das falas dos sujeitos. Pontos positivos e negativos são revelados em proporções semelhantes. A rebeldia e o uso de drogas são apontados como características pertencentes ao outro, visto de modo muitas vezes deturpado, apresentando uma visão crítica dos jovens em geral. Alguns expressam a concepção de juventude marcada pelo virtual; outros supervalorizam os jovens na atualidade. Assim, explicitam a percepção de quem são os adolescentes na atualidade e o que eles são capazes de realizar no seu cotidiano.

Outro dado interessante refere-se às comparações trazidas entre a adolescência de hoje e os adolescentes de décadas anteriores, afirmações que remetem a uma adolescência idealizada, nesse período. São momentos diferentes, mas os problemas existem, como nas épocas remotas. Mesmo não sendo indagados a esse respeito, apresentam uma concepção de mundo idealizada e romantizada, ao afirmarem que podem mudar o mundo.

Constatamos, ainda, que o tempo de utilização da rede difere entre os sujeitos entrevistados. Nesse sentido, não estão conectados igualmente. Em seu cotidiano, prevalece o lazer e entretenimento, tais como o acesso à internet, a televisão, a ida ao *Shopping* e as relações entre os amigos. De modo unânime, os

amigos são o ponto de referência para os sujeitos entrevistados. No lazer, o contato com a internet, que assume lugar significativo na vida dos jovens.

Os livros também são citados por alguns jovens, porém de modo superficial, pois leem apenas os livros indicados pela escola ou no horário estabelecido para ir à sala de leitura, sem se aprofundarem.

O modo de comunicar-se na internet é peculiar; escolhem códigos e estabelecem uma linguagem, na maioria das vezes abreviada.

As falas indicam a realização de atividades simultâneas: navegam na internet, jogam, batem papo pelo Skype ou conversam no MSN enquanto ouvem música. Desse modo, essa capacidade que os adolescentes adquirem de atentar a várias coisas ao mesmo tempo exigirá novos modos de interação com os demais, seja na escola ou nas relações com os seus familiares.

O computador se faz presente no cotidiano desses jovens que demonstram claramente suas preferências pelos *sites* de relacionamento, orkut e MSN. Dentre os *sites* e os aspectos negativos da internet mais comentados e criticados pelos entrevistados, reúnem-se os que estão centrados na violência, *hackers*, pornografia, vícios e jogos.

Acessam o computador, em média, de duas a três horas por dia e o período noturno é o preferido pelos adolescentes entrevistados. O tempo gasto *on-line* é geralmente dedicado às conversas com amigos.

Vemos, também, que os pais são os mediadores do tempo e do uso que os adolescentes fazem da internet. São eles que estabelecem as regras e os limites quanto ao horário de acesso.

Apesar de muitos dizerem que não gostam de estudar, a escola está inserida em seu contexto no cotidiano da internet, seja por meio das conversas no orkut ou no MSN, seja pelos recados deixados sobre trabalhos ou tarefas, ou até mesmo pelo acesso à página dos professores. Assim, as comunidades virtuais permitem um novo contexto para se considerarem as relações e a constituição de identidades na atualidade.

Os entrevistados afirmam que o acesso à internet interfere e afeta a identidade do jovem, devido ao perfil falso ou anônimo encontrado muitas vezes na rede. Assim, o grande perigo será considerar o virtual como uma extensão do real.

Destacamos, entre os sujeitos, duas experiências interessantes: a primeira tem preferência pela relação virtual em relação ao contato com seus familiares e a

segunda, uma adolescente indígena que está iniciando, nesse período, os primeiros contatos com a internet .

Pontuamos, também, que grande parte dos entrevistados participantes do Projeto Social revelou que o acesso à rede acontece com mais frequência aos finais de semana. Esse parece ser um elemento expressivo entre os adolescentes, uma vez que as atividades esportivas são mais significativas na vida desses sujeitos do que o acesso à internet.

No que se refere à concepção de estudo, ficou evidente que é importante para o futuro, para quase todos os sujeitos entrevistados.

Os adolescentes entrevistados compartilham a ideia, em seu projeto de vida futura, de que o estudo possibilita a ascensão social, a oportunidade de conseguir trabalho, de engajar-se profissionalmente.

A preocupação com os estudos como atividade cotidiana não está presente em grande parte das falas.

A percepção, por parte dos adolescentes, é a de que a escola é um lugar de interligações, um lugar social. Apresentam-na como importante para a aprendizagem, ainda que digam que não gostam de ir à escola. Reconhecem que houve mudanças na escola com a presença do computador e que existem diferenças entre usar o computador na escola e fora dela.

No discurso de alguns adolescentes, há preferência pela página dos professores para estudar, pela praticidade, imediatismo, objetividade e compreensão.

Aguiar (2007, p.96), “ o homem está em relação com o mundo, atua por meio da atividade interferindo no mundo ao mesmo tempo em que é afetado por esta realidade, constituindo seus registros”. Assim, o homem vive no mundo essa experiência com todo o seu ser e com toda sua diversidade e riqueza de possibilidades.

Embora o contato com a internet tenha se popularizado de modo crescente entre os adolescentes, encontramos, entre os sujeitos, alguns que são iniciantes ou têm pouco contato.

Assim, por meio dos depoimentos dados pelos jovens, pode-se conhecer como se estabelecem as relações dentro do seu universo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se investigar neste trabalho a constituição do sujeito adolescente ao se apropriar da internet em seu cotidiano, dada a sua intervenção nessa sociedade em todos os campos que permeiam a sua vida.

A interação virtual é significativa, permitindo novos referenciais acerca da identidade do adolescente é um agente de socialização entre os jovens. O computador e a internet podem ser considerados novos instrumentos da cultura e mediadores na constituição do sujeito adolescente tendo em vista, a expansão da rede de comunicação e o domínio nas interações entre os adolescentes, sujeitos mais vulneráveis a deixar se influenciar pelo novo.

Há que se ressaltar que, a internet tem conquistado cada vez mais espaço na vida dos adolescentes, influenciando o modo como vivenciam e sentem o mundo, a formação de seus conceitos. Ela transforma seus atos. Como um novo instrumento de acesso às informações e o estabelecimento de novas relações.

Os adolescentes são uma camada da sociedade que encontra-se mais familiarizado com essa realidade que é a rede. Portanto, denotam facilidade em adaptar-se a realização de novas coisas. Assim, a internet teve grande adesão por parte desses sujeitos que conforme evidenciamos navegam diante da tela, desfrutando dos jogos e da comunicação on-line.

O contato do adolescente com a internet tem possibilitado romper com padrões estabelecidos e com os conceitos arraigados ao longo do tempo. Os sujeitos entrevistados utilizam da internet para muitas atividades, são atraídos pelas salas de bate-papo, comunicação *on-line*, correspondência.

Encontramos apropriações contraditórias nas falas dos sujeitos. Se por um lado aparece o individualismo por outro surgem os grupos a “massificação” das comunidades, do Orkut, dos blogs, o fortalecimento das relações; se tornam-se alienados por permanecerem muito tempo diante da rede, se preocupam com as causas sociais e ecológicas.

Assim, para esses adolescentes, o contato com a internet estimula a liberdade para expressar as suas convicções e preferências. Por outro lado, torna-se uma ameaça, já que o espaço virtual não pode ser controlado porque os adolescentes que navegam regularmente na rede ficam expostos ao assédio on-line.

Evidenciamos o quanto o uso da internet tem sido comum entre os sujeitos adolescentes a partir dos jovens entrevistados. Observamos, também, como os adolescentes têm incorporado essas novas mídias às suas vidas. Suas habilidades e conhecimento a respeito da internet têm se expandido cada vez mais.

Os adolescentes entrevistados nessa pesquisa revelaram em relação ao tempo de utilização da rede que permanecem em média duas a três horas. No entanto, a contradição se expressa uma vez que pelas atividades que realizam tais como: pesquisas, jogos, acesso as comunidades, Orkut, MSN, evidencia-se que esse tempo é muito maior.

Quanto aos relacionamentos os dados revelam que preferem os relacionamentos de amizade ou namoro presencial. No entanto, não deixam de se relacionar virtualmente e muitas vezes deixam de ter uma vida social para interagir com o mundo virtual.

Ainda que o contato com a internet venha influenciar as interações reais, os entrevistados declaram que passam grande parte do tempo com seus amigos, numa relação presencial, em atividades da escola e sociais (festas e encontros). O relacionamento com os pares é a marca desse período, o ponto central entre membros nessa faixa etária. Eles compartilham ideias, convicções e fantasias. A internet é um lugar de íntima conexão com a transitoriedade da adolescência.

Há, na atualidade, uma conexão ampla da internet entre os sujeitos adolescentes entrevistados. A comunicação por *e-mail* desempenha um papel significativo em relação à manutenção e ao estabelecimento de vínculos entre os pares e os familiares, até mesmo os que se encontram distantes. Pode-se constatar por meio das falas que essa conexão, alarga os relacionamentos para além das fronteiras sociais ou até mesmo geográficas.

A relação do adolescente com a internet é uma relação mediada pelos signos que fazem parte da cultura humana. Nessa relação é que ele vai se apropriando dos conteúdos, valores, conhecimentos e das significações com a rede por meio das interações com seus semelhantes.

Uma questão significativa é que os conteúdos virtuais são amplos e abundantes, às vezes prejudiciais ao adolescente, devido à falta de segurança, exposição aos seus conteúdos e invasão, uma vez que sua identidade ainda se encontra em formação. Os dados revelam que o computador para alguns jovens

transmite a sensação de poder e que é necessário discernimento para saber utilizá-la do modo adequado.

Revelam ainda, que em relação as aproximações entre os estudantes das Escolas Pública e Particular, destacam-se a concepção de adolescência e juventude, as relações entre namoro e amizade virtuais, a frequência de acesso a internet e a concepção de estudo. Quanto as principais diferenças encontradas aparecem os momentos de lazer e o acesso a internet, em que os adolescentes entrevistados estudantes das Escolas Públicas afirmaram que preferem praticar esportes nos momentos de lazer e costumam acessar a internet na Lan house.

Para os adolescentes, a interação virtual tem um caráter significativo, a ponto de influenciar a sua identidade e propiciar um forte envolvimento. Isso se deve à característica imediatista inerente a essa fase e a esse instrumento considerado tão fascinante e, não raro, vital em seu mundo.

De acordo com a teoria histórico-cultural, o adolescente interage e se transforma nas relações estabelecidas com o meio social, na sua história de vida, na sua família, na escola, no ambiente da internet, nesse processo histórico. Porém, o meio ambiente deve estimular os aspectos cognitivos do adolescente para que esse possa conquistar estágios mais avançados em seu intelecto que propiciam a formação de conceitos.

O sujeito é resultado dos modos de relação e só desse modo pode ser compreendido. Ficou evidente que, não é mais possível distanciar o adolescente das tecnologias existentes. A internet faz parte da realidade do adolescente, e o adolescente, ao tomar contato com ela, passa a internalizá-la. Ao apropriar-se dos conteúdos, também se modifica internamente. O jovem passa a questionar o que está posto, em busca de autonomia, principalmente no âmbito familiar e escolar. As aprendizagens transmitidas por meio da escola deixam de ser a única fonte de conhecimento e de informação.

Os adolescentes, nesse período apropriam-se de meios culturais cada vez mais sofisticados para a condução e organização de seu pensamento. Porém, pelas falas os sujeitos revelam que ao realizarem pesquisas para os trabalhos escolares, muitas vezes acabam “copiando” e “colando”. Desse modo, em sua prática docente o professor deve atentar para esse fato incentivar os alunos a usufruir das facilidades oferecidas pela rede sem que os mesmos diminuam a capacidade de senso crítico.

A valorização da tecnologia, na atualidade, não substitui os professores, que são atores do processo de aprender. Pois a atividade de ensino pressupõe, ao mesmo tempo, a presença do professor e do aluno e a mediação necessária a esse processo.

Diante desse contexto, faz-se necessário repensar os modelos pedagógicos existentes, reorganizar o ato de ensinar. Especialmente diante do fato de que existe um jovem presencial, mas que também é virtual. Faz-se necessário a disponibilidade do professor para incorporar esses novos aparatos em sua prática uma vez que a escola não pode mais ignorar esses novos instrumentos que fazem parte da vida dos adolescentes.

Assim, o excesso de informações é uma questão que desafia aqueles que ensinam, a pesquisar e a aplicar esses novos conhecimentos no seu fazer para irem ao encontro dos interesses dos sujeitos adolescentes.

Por um lado, o contato com a internet pode contribuir para universalizar o conhecimento e a informação, tornando o aprendizado mais acessível. Por outro, impõe desafios aos professores, uma vez que existe um novo encantamento por parte dos alunos pelas tecnologias, uma integração mais intensa entre o real e o virtual.

É, portanto, a adolescência uma fase da vida que precisa ser entendida em uma dimensão social, de indivíduos concretos construídos historicamente, participando ativamente do processo de produção da sociedade.

Entendemos que o valor de nossos achados se pauta no papel exercido pela internet na vida dos adolescentes, como um meio de possibilitar a socialização e o modo como estão apreendendo o mundo, nas apropriações realizadas por meio da rede.

Enfim, nossa investigação buscou ouvir o que os adolescentes disseram a respeito das suas experiências na internet e foi fundamental para compreender a constituição do sujeito adolescente ao se apropriar desse artefato tecnológico que permeia a sua constituição, enquanto, sujeito social.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. **Cenas juvenis: Punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- ABRAMO, H. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5- 6, 1997.
- AGUIAR, W. M. J Consciência e atividade: categorias fundamentais da Psicologia Sócio-Histórica. In: BOCK A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO O. (Org.) **Psicologia sócio-histórica**. 3.ed. São Paulo: Cortez, p. 164- 178, 2007.
- ALVES, G. L. **O universal e o singular: em discussão a abordagem científica do regional**. In: ALVES, G. L. Mato Grosso do Sul: o universal e o singular. Campo Grande: UNIDERP, 2003.
- ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar 1978.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BATISTA NETO, F.; OSÓRIO, L. C **Aprendendo a conviver com adolescentes**. 2.ed. Rev. e amp. Florianópolis: Invelar, 2002.
- BERNARDES, A. S.; FERNANDES, O. P. A pesquisa escolar em tempos de Internet. In: FREITAS, M. T. A.; COSTA, S. R. (Org). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 117-136.
- BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional** v. 2, n. 1 Jan./Jun. 2007.
- \_\_\_\_\_. (Org) **Psicologia sócio-histórica: Uma perspectiva Crítica em Psicologia** 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 26-43, abr. 2004.
- BOCK, A. M. B. et al. (Org.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez , 2001.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.
- BOMBONATTO, Q. Desempenho escolar. O sentido da escola. **Revista Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente**. São Paulo: Duetto, v. 3-4, p. 20-29, 2007.
- BORAN, J. **O futuro tem nome, juventude: sugestões práticas para trabalhar com jovens**. São Paulo: Paulinas, 1994.

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BRAICK, P. R.; MOTA, M. B. **História - das cavernas ao terceiro milênio - 3 da** Proclamação da República aos dias atuais. São Paulo: Moderna, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial dos Direitos Humanos Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília: MEC/ACS, 2005.
- CARDOSO, R.; SAMPAIO, H. **Bibliografia sobre a juventude.** São Paulo: USP, 1995.
- CARDOSO, T. F. L. Sociedade e desenvolvimento tecnológico: uma abordagem histórica. In: GRINSPUN M. P. S. Z. (Org.). **Educação tecnológica desafios e perspectivas.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- CARMO, P. S. **Culturas da rebeldia - a juventude em questão** São Paulo: SENAC, 2001.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** A era da Informação: economia, sociedade e cultura. 4.ed., São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAVALCANTI, L. B. Retratos da adolescência. **Revista Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente.** São Paulo: Duetto, v. 3-4, p. 6, 2007.
- CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina:** um ensaio de psicologia social. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. Brasileiro, 500 anos: memória, projeto e identidade. In ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 10., 1999. São Paulo, **Anais...** São Paulo: 1999.
- CLÍMACO, A. A. S. **Repensando as concepções de adolescência.** Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.
- COSTA, A. C. G. **Protagonismo juvenil:** adolescência, educação e participação democrática Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- CUNHA, M. D. Subjetividade e constituição de professores. In: GONZÁLEZ REY, Fernando (Org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- DAYRELL, J. **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- DEL PRIORE, M. Adolescentes ontem. **Revista Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente.** São Paulo: Duetto, v. 3-4, p. 6-13, 2007.

DUARTE, N. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** Quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas: Autores Associados, 2003. (Coleção Polêmicas do nosso tempo, 86).

\_\_\_\_\_. **Educação escolar** - teoria do cotidiano e a escola de Vigotski. 2.ed. Campinas: Autores Associados. 1999. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

FACCI, M. A periodização do desenvolvimento psicológico individual, na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, 2004.

FARIA, E. T. O Professor e as tecnologias. In: ENRICONE, Dêlcia (Org.). **Ser professor**. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FEDATTO, N. A. S. F. **Guia de estudos de educação brasileira**. Campo Grande: UFMS, 2009.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio**: dicionário de língua portuguesa. 6.ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, M. G. **Repensando a psicologia educacional**. São Paulo: Cortez, 1986.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Líber Livro, 2005.

FREITAS, M. T. A. **Vygotsky e Bakhtin** - Psicologia e Educação: um intertexto. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. M. T. A. A abordagem Sócio-Histórica como orientadora da pesquisa qualitativa In: **Cadernos de pesquisa**, n.116, p.20-39. Jul. 2002.

\_\_\_\_\_. M. T. A.; COSTA, S. R. (Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. M. T. A. Uma teoria social do desenvolvimento e da aprendizagem. **Revista Presença Pedagógica**, v. 13, n. 73, jan./fev., 2007.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GALPERIN, P. Ya. **Introducción a la Psicología**. Havana: Pueblo y Educación, 1987.

GAMBOA, S. S. (Org.) **Pesquisa educacional: quantidade- qualidade**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2000 (Coleção Questões de Nossa Época; v. 42).

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano, 2002.

GONÇALVES, H.; KNAUTH, D. R. Juventude na era da AIDS - entre o prazer e o risco. In: ALMEIDA, M. I. M., EUGENIO, F. (Org.). **Culturas jovens**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 92-120.

GRILLO, M. O Professor e a docência: o encontro com o aluno. In: ENRICONE, Délcia (Orgs.). **Ser professor**. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 73-89.

GRINSPUN, M. P. S. Z. (Org.). **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004. p. 29-56.

HARGREAVES, A.; EARL L.; RYAN J. **Educação para a mudança: recriando a escola para adolescentes**. Tradução de Leticia Vasconcellos Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

IANNI, O. Cidadão do mundo. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (Org.). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 27-78. (Coleção educação contemporânea).

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papirus, 2003. (Série Prática pedagógica).

KOLTAI, Catarina. Anos de Rebeldia. **Revista Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente**. São Paulo: Duetto, v. 2, 2007.

LANE, S. T. M. Uma redefinição da Psicologia Social. **Educação e Sociedade**, São Paulo, Ano II, n. 6, p. 96-103, jun., 1980.

LAROCCA, P.; JUNGES, K. S. A constituição do professor no exercício da profissão. **Revista Intermeio**, Campo Grande, v. 10, n. 20, 2004.

LEODORO, M.P. Maturação Cognitiva, Curiosidade Intelectual. **Revista Mente e Cérebro-O Olhar Adolescente**, São Paulo : Duetto, v. 3-4, p.6-13, 2007.

LEONTIEV, A. N. O homem e a cultura. In: LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

LEVI, G.; SCHMIDT, J. C. **História dos jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 1 e 2., 1996.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora: novas exigências educacionais e profissão docente**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2004. (coleção questões da nossa época v. 67).

LOPES, P. S. C. **A escrita em blogs na constituição do sujeito adolescente**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LURIA, A. R. Vigotski. In: VIGOSTKII, L. S.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 2.ed. São Paulo: Ícone, 1998.

MAIA, R. G. Interpretando o que se diz dos jovens: um ensaio crítico. **Revista Verinotio Onli-line de Educação e Ciências Humanas**, n. 8, Ano IV, maio, 2008. Publicação semestral-ISSN 1981-061X. Disponível em: <[http://www.verinotio.org/Verinotio\\_revistas/n8/r8ensaio.pdf](http://www.verinotio.org/Verinotio_revistas/n8/r8ensaio.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2008.

MARX, K. **O capital**. Crítica da economia política. 10.ed. São Paulo: Difel, 1965.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Frank Muller. São Paulo: Martin Claret, 2006.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação - ANPED - Juventude e Contemporaneidade**, n. 5 e 6, 1997.

MENDES, G. S. **A realidade virtual**. Campo Grande: UCDB, 2001.

MINAYO, M. C S.; SANCHES, O. Quantitativo and Qualitative: Methods Opposition or Complementary? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 9 p. 239-262, Jul/ Set., 1993.

MIRANDA, M. G. Psicologia do desenvolvimento: a construção do homem como ser individual. **Revista Educativa**, Goiânia, v. 2, jan/fev., 1999.

MOLON, S I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORAN, J. M. **As mídias na educação**. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias\\_educ.htm](http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm)>. Acesso em: 29 nov., 2007.

MOREIRA, M. A. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.

NICOLACI-DA COSTA, A. M. **Na malha da rede**: os impactos íntimos da internet. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Novos contornos de uma nova Configuração Psíquica. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 25, n. 65, p. 71-85, jan/abr., 2005.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky - aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

OLIVEIRA, R. C. Culturas juvenis na metrópole: cultura audiovisual, formas de expressão e consumo simbólico. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 244-258.

- OZELLA, S. (Org). **Adolescências construídas** - a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003.
- PAIS, L. **Educação escolar e as tecnologias da informática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- PALANGANA, I.C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do Social**. São Paulo: Plexus, 1994.
- PENTEADO, H. D (Org.). **Pedagogia da comunicação: sujeitos comunicantes**. São Paulo: Cortez, 1998.
- PERALVA, A. O jovem como modelo cultural, **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5- 6, 1997.
- PETROVSKI, A. **Psicologia evolutiva y pedagógica**. Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y educación, 1981.
- PINO, A. S. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. **Cadernos Cedes**, ano XX, n. 24, p. 38-51, jul., 2000.
- POLI, M.C. Leituras e escritas - dos diários aos Blogs. **Revista Mente e Cérebro - O Olhar Adolescente**. São Paulo: Duetto, v. 3-4, 2007.
- POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro. v. 5. n. 10, p. 200-212, 1992.
- QUÉAU, P. O tempo do virtual. In: PARENTE, André (Org.). **Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual**. Tradução de Rogério Luz et alii. Rio de Janeiro: 34, 1993.
- REGO, T. C. R. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. Configurações sociais e singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos. In: **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002. p. 45-76.
- REY, F. G. (Org). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Epistemologia cualitativa y subjetividade**. São Paulo Educ. 1997.
- RUBISTEIN, S. L. **Princípios de psicologia geral**. Lisboa: Estampa, 1972.
- SANFELICE, J. L. (Org). **Liberalismo e educação em debate**. Campinas: Autores Associados, 2007. (Coleção Educação Contemporânea).
- SCHMIDT, J. P. **Juventude e política no Brasil: a socialização política dos jovens na virada do milênio**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, v. 1, 2001.
- SERRÃO, M; BALEEIRO, M. C. (Org). **Aprendendo a ser e a conviver**. 2.ed. São Paulo: FTD, 1999.

SERRÃO, Maria Isabel B. **Aprender a ensinar**: a aprendizagem do ensino no curso de pedagogia sob o enfoque histórico-cultural. São Paulo: Cortez, 2006.

SIGUAN, Miguel. **Actualidad de Lev S. Vigotski**. Barcelona: Del hombre. 1987.

SPÓSITO, M. P. Estudos sobre a juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5-6, Juventude e Contemporaneidade, São Paulo: Anped, maio-dez., 1997.

\_\_\_\_\_. SPÓSITO, M. P. Juventude: Crise, Identidade e Escola, In: DAYRELL, Juarez, **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura EDUFMG**, Belo Horizonte: 1999.

\_\_\_\_\_. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 209-244.

STERN, S. R.; WILLIS, T. J. O que os adolescentes estão querendo on-line. In: MAZZARELLA, Sharon R.(Org.) **Os jovens e a mídia**. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2009 p- 256-273.

SZYMANSKI, H. **A entrevista na pesquisa em educação**: a prática reflexiva. Brasília: Plano, 2002.

TACCA, M. C Relação pedagógica e desenvolvimento da subjetividade. In: REY, F. G. (Org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. p. 215-239.

TALÍZINA, N. **Psicologia de La enseñanza**. Tradução de Del Ruso por Ana Clavijo Moscou: Progreso, 1988.

TEIXEIRA, A. S. **Educação no Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro:UFRJ, 1999.

TEIXEIRA, F. M. P. **Brasil, história e sociedade**. São Paulo: Ática, 2004.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 2002.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Políticas públicas de/para/com Juventude. Brasília: UNESCO, 2004.

URT, S. C (Org.) **A psicologia e os desafios da prática educativa**. Campo Grande: UFMS, 2005.

URT, S. C. **Psicologia na educação**: do real ao possível. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989.

URT, S. C. **Uma análise psicossocial do significado do trabalho para os jovens**. Campinas. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

VALENTE, J.A. Informática na educação no Brasil: análise e contextualização histórica. In: VALENTE, J.A. (Org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: NIED/UNICAMP, 1999.

VARGAS, M. **Para uma Filosofia da tecnologia**. São Paulo: Alfa-ômega, 1994.

VELHO, G. Epílogo-Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (Org). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar , 2006. p. 192-200.

VYGOTSKI L.S. **História Del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Tradução Luis Oliva Ruiz. Havana: Ministério de Cultura Científico Técnica, 1987.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Obras Escogidas III** Madrid: Visor, 1995.

\_\_\_\_\_. **Obras Escogidas IV** Madrid: Visor, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Teoria e método em psicologia**. Tradução de Claudia Berliner São Paulo: Martins Fontes, 1986.

XAVIER, C. Uma perspectiva histórico-cultural da sexualidade. URT, S. da C. (Org.). **Psicologia e práticas educacionais**. Campo Grande: UFMS, 2000. p. 143-167.

ZANETTI, H. **Juventude e revolução**. Brasília: EDUNB, 2001.

### Sites consultados

#### WIKIPÉDIA:

Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki>>. Acesso em: 27 jan. 2009.

Disponível em:<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bororos>>. Acesso em: 22 maio. 2009.

Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Caras-pintadas>>. Acesso em: 24 jun. 20

Disponível em:

<<http://www.dicionarioinformal.com.br/definicao.php?palavra=tipo%20assim&id=2872>>. Acesso em: 27 jan.2009.

<http://www.orkut.com>. Acesso em: 15 maio 2009.

MOVIMENTOS DE JUVENTUDE e Adolescência na Moda – Parte 1/3. Disponível em:

<<http://www.fashionbubbles.com/2009/movimentos-de-juventude-e-adolescencia-na-moda-parte-13>>. Acesso em: 3 dez. 2009.

FREITAS, M. T. A. **Escrita teclada:** uma nova forma de escrever. Disponível em: <[http:// www.google.com.br/seartch escritatecladaumanovaforma de escrever](http://www.google.com.br/seartch_escritatecladaumanovaforma_de_escrever). Acesso em: 2 jan. 2010.

MORAN, J. M. **possibilidades das redes de aprendizagem.** Disponível em: <[http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&rlz=1W1ADSA\\_pt-BR&q=MORAN%2C+J.+M.+As+possibilidades+das+redes+de+aprendizagem&btnG=Pesquisar&meta=&aq=f&oq=/>](http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&rlz=1W1ADSA_pt-BR&q=MORAN%2C+J.+M.+As+possibilidades+das+redes+de+aprendizagem&btnG=Pesquisar&meta=&aq=f&oq=/>). Acesso em: 22 out. 2008.

### **Revistas**

O OLHAR ADOLESCENTE. **Revista Especial Viver Mente e Cérebro:** São Paulo: Duetto, 2007.

## GLOSSÁRIO

**Associado:** estar ligado

**Blog:** é uma abreviação de weblog, qualquer registro frequente de informações pode ser considerado um blog. A maioria das pessoas tem utilizado os blogs como diários pessoais, porém um blog pode ter qualquer tipo de conteúdo e ser utilizado para diversos fins.

**Chats:** são canais de comunicação, estabelecidos entre os computadores, por meio dos quais pessoas do mundo inteiro conversam em tempo real. O bate-papo acontece entre pessoas ligadas à rede no instante da conversa.

**Cyberespaço:** espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memória dos computadores.

**Cyberbullying:** é a prática que envolve o uso de tecnologia de informação e comunicação para dar apoio a comportamentos deliberados, repetidos e hostis praticados por um indivíduo ou grupo com a intenção de prejudicar outrem.

**Comunidades Virtuais:** Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades e interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.

**Counter Strike:** (também abreviado por CS) é um popular<sup>[1]</sup> jogo de computador, mais especificamente um "mod" de Half-Life para jogos online. É um jogo de tiro em primeira pessoa baseado em rodadas no qual equipas de contra-terroristas e terroristas combatem-se até a vitória. Requer muita estratégia, trabalho de equipa, e habilidade para ser um vencedor. É acessível através do Steam.

**Download:** É a transferência de dados de um computador remoto para um computador local.

**Fakes:** é um perfil falso.

**Google:** Inc. (NASDAQ: GOOG) é uma empresa desenvolvedora de serviços online, sediada nos Estados Unidos. Seu primeiro serviço foi o Google Search, hoje o serviço de busca mais usado no mundo, que foi criado a partir de um projeto de doutorado dos então estudantes Larry Page e Sergey Brin da Universidade de Stanford em 1996.

**GTA:** Grand Theft Auto (conhecido também pela abreviatura *GTA*) é uma série de jogos de computador e videogames. Os jogos são criados e desenvolvidos pela Rockstar North, empresa subsidiária da Rockstar Games e distribuídos pela Take-Two Interactive. Os jogos já fizeram muito sucesso e estima-se que já foram vendidas mais de 40 milhões de cópias em todo o mundo.

**Internet:** Rede de redes de computadores que se comunicam de forma transparente ao usuário, através de um protocolo comum que atende pelas siglas TPC/IP (Protocolo de Controle de Transferência/Protocolo Internet). Assim, todos os computadores que entendem essa linguagem são capazes de trocar informações entre si e podem se conectar a computadores de diferentes tipos.

**Lan House/ Cyber:** Lan House é um estabelecimento comercial onde, à semelhança de um cyber café, as pessoas podem pagar para utilizar um computador com acesso à internet e a uma rede local, com o principal fim de acesso à informação rápida pela rede e entretenimento por meio dos jogos em rede ou online.

**Mídia:** é o suporte ou veículo da mensagem. O impresso, o rádio, a televisão, o cinema ou a internet.

**MSN: Microsoft Network** ou simplesmente **MSN** é um portal e uma rede de serviços oferecidos pela Microsoft em suas estratégias envolvendo tecnologias de Internet.

**On-line:** Termo utilizado para designar todo o tipo de transação entre computadores.

**Orkut:** é uma rede social filiada ao Google, criada em 19 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google. Tais sistemas, como esse adotado pelo projetista, também são chamados de rede social.

**Paint:** software utilizado para a criação de desenhos simples e também para a edição de imagens.

**Site:** Conjunto de páginas ou lugar no ambiente web da internet que é ocupado com informações (texto, fotos, animações gráficas, sons e vídeos) de uma empresa ou de uma pessoa.

**Skype:** é uma empresa global de comunicação via Internet, permitindo comunicação de voz e vídeo grátis entre os usuários do software. O Skype está disponível em 27 idiomas e é usado em quase todos os países. Skype gera renda através de serviços que permitem comunicação de e para telefones fixos e celulares, caixa de mensagens, transferência de chamadas e personalização, incluindo tons de chamada e avatares.

**Software:** ou logiciário é uma sequência de instruções a serem seguidas e/ou executadas, na manipulação, redirecionamento ou modificação de um dado/informação ou acontecimento.

**Tereré:** (ou tererê) é uma bebida feita com a infusão da erva-mate (*Ilex paraguaiensis*), de origem guarani.

**Tipo Assim:** Expressão utilizada quando se tenta conseguir tempo para raciocinar, montar um pensamento ou mesmo concluir o pensamento, para depois falar. Também utilizada quando não se tem o domínio do assunto em questão.

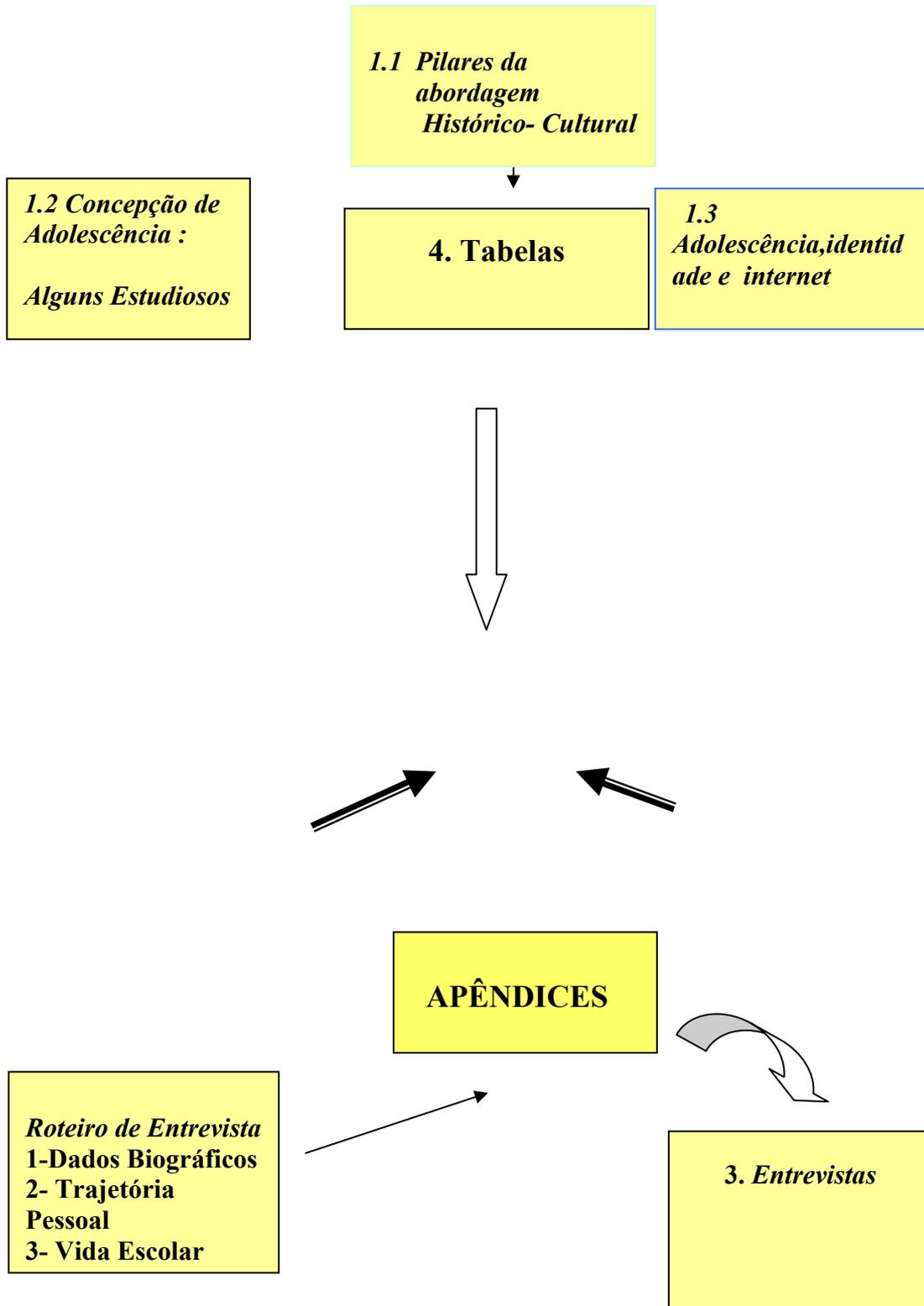
**Youtube:** é um *website* que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital.

**Web:** World Wide Web (Rede de alcance mundial) também conhecida como Web e www é um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na Internet.

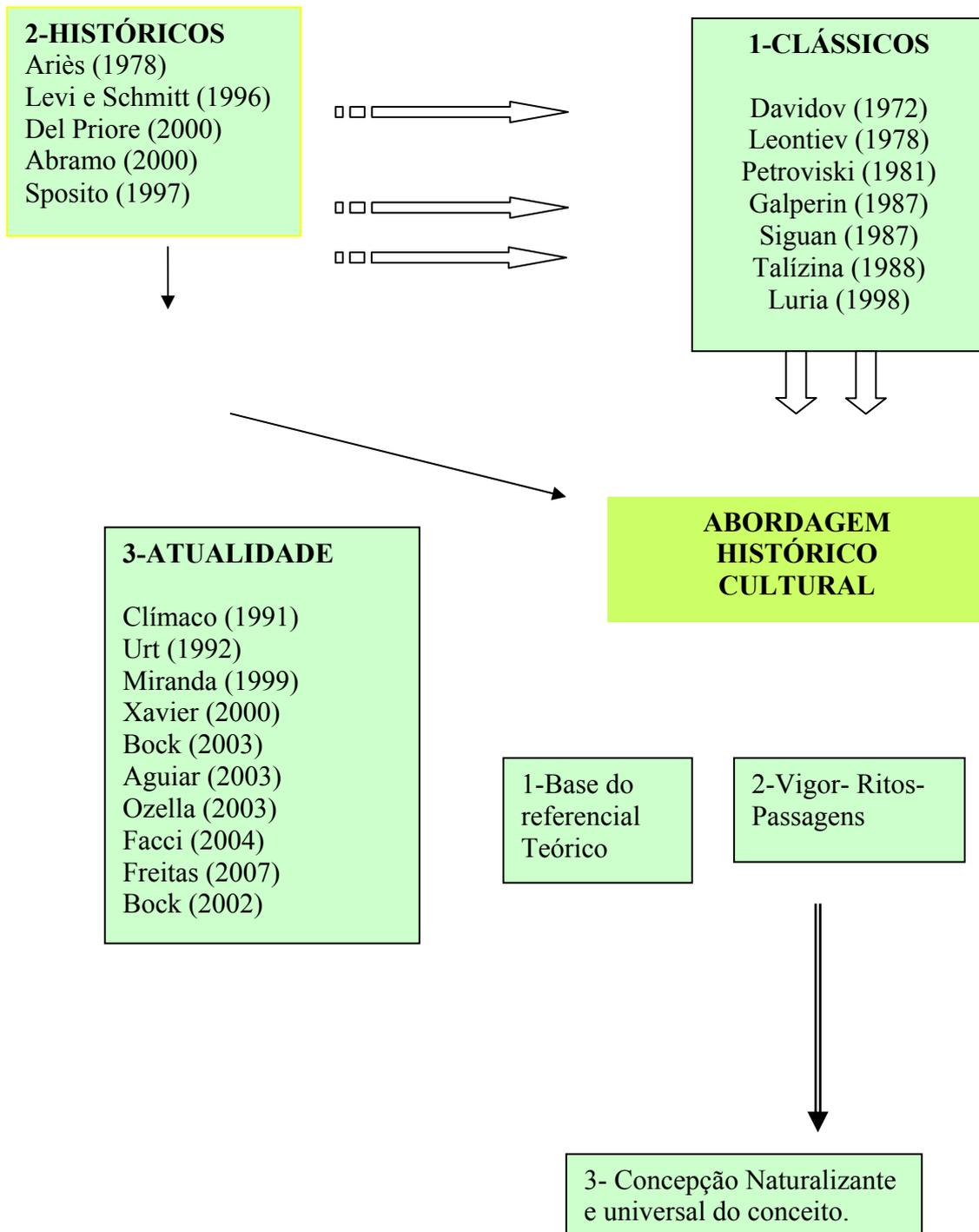
## **APÊNDICES**

## Apêndice A

### A constituição do sujeito adolescente e a abordagem Histórico-cultural



## Concepção de Adolescência – Alguns Estudiosos



## Apêndice B

### Roteiro de entrevista

#### I-DADOS BIOGRÁFICOS:

**Trajectoria Pessoal:** Fale sobre a sua história de vida/ percurso pessoal  
( Idade, Sexo:, Situação Familiar, Irmãos, Escolaridade dos Pais

2- Concepção de Adolescência

3- Como você vê os jovens hoje?

4- E você, como vive essa fase da adolescência?

#### Cotidiano

5- Fale sobre o que você costuma fazer nos seus momentos de lazer.

6- Hábitos de leitura

7- Programas de TV que assiste.

8- Você tem computador em casa?

9- Como Você utiliza o computador?

10- Quanto tempo Você utiliza a Internet?

11- Qual o horário que costuma acessar?

12- Quais são os sites que acessa com mais frequência?

13- Fale sobre as comunidades que mais atraem os jovens e você em particular.

14- O que Você pensa sobre as relações de amizade e namoro virtuais?

15- Fale sobre mudanças em relação ao computador e cotidiano do adolescente

#### Vida Escolar

16- O que você pensa a respeito do estudo?

17- Como Você vê a escola?

18- Houve mudança na escola com a presença do computador?

19- Existe diferença entre usar o computador na escola ou fora dela? Explícite.

Depoimentos relacionados à Internet:



## ANEXO

## Tabelas

Quadro 1 - Dados Biográficos: Família - Situação Familiar

Situação Familiar	Q	%
Reside com os pais	14	60
Pais separados	7	30
Pai falecido	1	4
Desconhece um dos cônjuges	1	4
Adotivo (a)	1	4
Outros	1	4
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

Quadro 2 - Dados Biográficos - Família - Irmãos

Irmãos	Q	%
Tem irmãos	20	87
Não tem irmãos	3	13
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

Quadro 3 - Dados Biográficas - Família - Escolaridade dos pais

Categorias/Freqüentes	Pai %		Mãe %	
Fund. Incompleto	3	13	3	13
Fundamental	3	13	2	9
Ensino Médio	5	22	9	39
Nível Superior	9	39	7	30
Não respondeu	3	13	2	9
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

**Quadro 4 - Concepção de adolescência**

<b>Categorias/Freqüentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
Fase de liberdade	8	35
Fase de responsabilidade	4	17
Interação entre os pares	3	13
Fases de mudanças e descobertas	3	13
Fase de preparação para a vida adulta	2	9
Fase de conhecimento e aprendizagem	1	4
Outros	2	9
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

**Quadro 5 - Como vê os jovens hoje**

<b>Categorias/Freqüentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
Comportamento inadequado	13	57
Atitudes positivas e negativas	4	17
Influenciado pela Mídia	3	13
Outros	3	13
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

**Quadro 6 - Como vive essa fase da adolescência**

<b>Categorias/Freqüentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
Grupos de amigos	8	35
Lazer	7	30
Família	2	9
Internet	2	9
Outros	2	9
Estudos e Lazer	1	4
Estudos e Esporte	1	4
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

**Quadro 7 - O que faz nos momentos de lazer**

<b>Categorias/Frequentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
Acessar a internet	10	44
Entretenimento	8	35
Convive com os amigos	3	13
Leitura	1	4
Família	1	4
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

**Quadro 8 - Hábitos de leitura**

<b>Categorias/Frequentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
Livros	9	39
Não tem	6	26
Lê de vez em quando	5	21
Lê somente na escola	3	13
Revista	1	4
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

**Quadro 9 - Programas que assiste na TV**

<b>Categorias/Frequentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
Filmes	4	19
Novela	4	17
Jornal	3	13
Futebol	2	9
Jornal, esporte e novela	2	9
Outros	2	9
Novela e desenho	1	4
Novela e filme	1	4
Jornal, esporte e filme	1	4
Jornal e novela	1	4
Desenho	1	4
Música	1	4
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

**Quadro 10 - Computador - Possui computador em casa**

<b>Categorias/Frequentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
Sim	21	91
Não	2	9
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

**Quadro 11 - Como utiliza o computador**

<b>Categorias/Frequentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
<i>Orkut, MSN, Google</i>	18	82
<i>Orkut, MSN</i>	3	9
Outros	2	9
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

**Quadro 12 - Frequência da interação dos adolescentes com a internet**

<b>Categorias/Freqüentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
De 2 a 3 horas diárias	14	61
Uma hora diária	4	17
De 4 a 5 horas diárias	2	9
Mais de 5 horas diárias	2	9
Somente nos finais de semana	1	4
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

**Quadro 13 - Horário que costuma acessar**

<b>Categorias/Frequentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
Noturno	16	70
Vespertino	3	13
Livre	2	9
Matutino	1	4
Outros	1	4
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

**Quadro 14 - Sites que acessa com frequência**

<b>Categorias/Frequentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
ORKUT, MSN, Google	22	96%
Não acessa	1	4%
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100%</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

**Quadro 15- Comunidades do Orkut acessadas pelos sujeitos**

<b>Categorias/Frequentes</b>	<b>Número de visitas</b>
Eu amo chocolate	3.811.913
A melhor mãe do mundo é a minha	2.387.556
Tudo o que é proibido e mais gostoso	2.036.975
Quem não cola não sai da escola	1.774.240
Amigos de verdade são poucos	1.044.309
Amigos reunidos é o que importa	534.655
Eu amo futebol	546.770
Odeio estudar, adoro a escola	354.774
Estilo uns tem, outros tentam	256.971
Amo minha avó	209.091
A gente erra mas aprende	199.118
Meu pai é o cara	128.684
Eu não dirijo, eu piloto	127.773
Não aprendi a dizer adeus	79.701
Eu amo música alta	63.067
A cantina da escola é um roubo	60.835
Meus professores não tem noção	28.803
Tenho um professor FDP	9.296
Eu odeio professor de matemática	7.440
<b>Total</b>	<b>23</b>

Ps: alguns sujeitos responderam mais de uma comunidade

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

**Quadro 16 - Relacionamentos virtuais amizade e namoro**

<b>Categorias/Frequentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
Não gosta(Anonimato)	18	78
Acha interessante	2	9
Falta segurança	1	4
Outros	1	4
Não respondeu	1	4
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009

**Quadro 17- Relação computador x Cotidiano do adolescente**

<b>Categorias/Frequentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
Não gosta/Anonimato	18	78
Acha interessante	2	9
Falta segurança	1	4
Outros	1	4
Não respondeu	1	4
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009

**Quadro 18 - Concepção de estudo**

<b>Categorias/Frequentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
Importante para o futuro	19	82
Outros	4	17
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009

**Quadro 19- Concepção de escola**

<b>Categorias/Frequentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
Importante para a aprendizagem	7	31
Não gosta, mas considera importante	5	22
Importante	5	22
Lugar para encontrar amigos	3	13
Outros	2	8
Interação e conhecimento	1	4
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

**Quadro 20- Mudanças na escola com a presença do computador**

<b>Categorias/Frequentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
Houve mudanças	18	82%
Não houve	4	18%
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.

**Quadro 21- Diferença de usar o computador na escola e fora dela**

<b>Categorias/Frequentes</b>	<b>Q</b>	<b>%</b>
Existe diferença	22	96
Não existe diferença	1	4
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

Fonte: Inventário Adolescentes  
Organização; Basmage, 2009.